

Marcela de Almeida Moschem

**RIOBALDO E DIADORIM – UM ESTUDO DOS ESQUEMAS
DE IMAGEM DENTRO DO CENÁRIO CRIADO PELA ME-
TÁFORA DA TRAVESSIA**



Araraquara
2011

MARCELA DE ALMEIDA MOSCHEM

**RIOBALDO E DIADORIM – UM ESTUDO DOS ESQUEMAS DE
IMAGEM DENTRO DO CENÁRIO CRIADO PELA METÁFORA
DA TRAVESSIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP – Campus de Araraquara, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora.

**Orientador: Prof. Dr. Antônio
Suárez Abreu**

ARARAQUARA – S.P.

2011

Moschem, Marcela de Almeida

Riobaldo e Diadorim - um estudo dos esquemas de imagem dentro do cenário criado pela metáfora da travessia / Marcela de Almeida Moschem – 2011

143 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara

Orientador: Antônio Suárez Abreu

1. Linguística cognitiva. 2. Esquemas de imagem. 3. Metáfora.
4. Integração conceptual. 5. Rosa, João Guimarães, 1908-1967 – Grande Sertão: Veredas. I. Título.

Marcela de Almeida Moschem

RIOBALDO E DIADORIM – UM ESTUDO DOS ESQUEMAS
DE IMAGEM DENTRO DO CENÁRIO CRIADO PELA ME-
TÁFORA DA TRAVESSIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP – Campus de Araraquara, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora.

**Orientador: Prof. Dr. Antônio
Suárez Abreu**

Membros componentes da banca examinadora:

Presidente e orientador: Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu

Membro Titular: Profa. Dra. Edvanda Bonavina da Rosa

Membro Titular: Prof. Dr. Bento Carlos Dias da Silva

Membro Titular: Profa. Dra. Isadora Valencise Gregolin

Membro Titular: Profa. Dra. Eliana Izabel Scurciato

UNESP- FCLAr- Araraquara

Data: 02/02/2011

Àqueles que, apesar de todas as adversidades, sempre acreditaram que eu seria capaz de atingir meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

À FCLAr da UNESP, seus funcionários e professores, pelo suporte acadêmico.

Ao Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu, pela orientação e dedicação.

Ao meu pai, José Armando Moschem, à minha mãe, Maria Terezinha de Almeida Moschem, e ao meu irmão, José Armando de Almeida Moschem, pelo carinho incondicional.

Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo.

João Guimarães Rosa (1986, p.517-518)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de utilizar o modelo da Linguística Cognitiva, especialmente o dos esquemas de imagem e o da integração conceptual, para fazer uma análise dos trechos que tratam da relação entre Riobaldo e Diadorim em **Grande Sertão: Veredas**, de Guimarães Rosa.

De acordo com essa teoria, os esquemas de imagem constituem elementos básicos para o exercício da linguagem, estruturando, pré-conceitualmente, nossa experiência corpórea de mundo; eles são também utilizados em literatura e, segundo Turner (1996), constituem um excelente recurso para criar efeitos de sentido no texto literário.

Dessa forma, constituem objeto de especial interesse projeções metafóricas de travessia estruturadas pelos esquemas de imagem, analisadas nessa obra de Guimarães Rosa, uma vez que a metáfora também é vista pela neurociência atual como um princípio organizador do pensamento e da criatividade humana.

Assim, utilizando principalmente os esquemas de PERCURSO e de DINÂMICA DE FORÇAS, este trabalho procura demonstrar a eficácia da aplicabilidade desses esquemas como subsídio para o entendimento de aspectos de **Grande Sertão: Veredas**, especialmente o acima citado.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Esquemas de imagem. Metáfora. Integração conceptual. Grande Sertão: Veredas. Guimarães Rosa.

ABSTRACT

This dissertation aims at employing the theory of Cognitive Linguistics, specially the image schema and the conceptual integration frameworks to analyze the excerpts where the relationship between Riobaldo e Diadorim is explored by Guimarães Rosa in **Grande Sertão: Veredas**.

According to this theory, image schemas are the basic elements that underlie language performance, structuring preconceptually our world bodily experience; they are also employed in literature and, according to Mark Turner (1996), constitutes an excellent resource for creating meaning effects in literary texts.

Accordingly metaphorical projections of crossing structured by image schemas analyzed in this title by Guimarães Rosa are object of special interest, inasmuch they are seen by present neuroscience as an organizer principle of thought and human creativity.

Therefore, by employing SOURCE-PATH-GOAL and FORCE DYNAMICS image schemas, this work seeks to demonstrate the efficacy of the applicability of those schemas as a base for understanding aspects of **Grande Sertão: Veredas**, particularly the ones reported above.

Keywords: Cognitive Linguistics. Image schemas. Metaphor. Conceptual integration. Grande Sertão: Veredas. Guimarães Rosa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 GUIMARÃES ROSA E A LITERATURA BRASILEIRA.....	12
1.1 Dados biográficos.....	12
1.2 A obra de Guimarães Rosa.....	13
2 A LINGUÍSTICA COGNITIVA: PRINCÍPIOS BÁSICOS.....	19
2.1 O enfoque dos linguistas cognitivistas no estudo da língua.....	19
2.2 A função simbólica da língua.....	20
2.3 A função interativa da língua.....	22
2.4 A estrutura sistemática da língua.....	24
2.5 A estrutura sistemática do pensamento.....	26
2.6 Como a representação cognitiva fornecida pela língua encontra-se no sistema linguístico?.....	27
3 LINGUAGEM CORPORIFICADA: ESQUEMAS DE IMAGEM.....	30
3.1 Tradição: método cartesiano.....	30
3.2 O ponto de vista da moderna Neurociência.....	31
3.2.1 Conceitos de cor.....	32
3.2.2 Conceitos de nível básico.....	34
3.2.3 Conceitos de relações espaciais.....	36
3.3 Esquemas de Imagem: proposta a partir da linguagem corporificada.....	36
3.4 Linguagem e cultura.....	41
3.4.1 Conceito de direita e esquerda em política.....	41
3.4.2 Equilíbrio dos três poderes.....	42
4 ESQUEMAS DE IMAGEM E SUAS INTER-RELAÇÕES.....	43
4.1 Tipos de secundariedade de imagens esquemáticas.....	44
4.1.1 Dependência conceitual.....	44
4.1.2 Implicação lógica.....	45
4.1.3 Enriquecimento esquemático.....	45
4.2 O esquema de imagem REGIÃO LIMITADA (BOUNDED REGION) e noções relacionadas.....	46
4.2.1 O esquema de imagem SUPERFÍCIE (SURFACE).....	47
4.2.2 O esquema de imagem CONTÊINER (CONTAINER).....	49
4.3 O esquema de imagem PERCURSO (PATH) e noções relacionadas.....	52
4.3.1 Esquema FORÇA (FORCE).....	53

4.3.1.1 Esquema COMPULSÃO (COMPULSION).....	54
4.3.1.2 Esquema BLOQUEIO (BLOCKAGE).....	55
4.3.1.3 Esquema CONTRA-FORÇA (COUNTERFORCE).....	56
4.3.1.4 Esquema ELIMINAÇÃO DE RESTRIÇÃO (REMOVAL OF RESTRAINT).....	56
4.3.1.5 Esquema PERMISSÃO (ENABLEMENT).....	57
4.3.1.6 Esquema DESVIO (DIVERSION).....	58
4.3.1.7 Esquema ATRAÇÃO/REPULSÃO (ATTRACTION/REPULSION).....	59
4.3.2 Esquema PROCESSO (PROCESS).....	60
4.3.3 Esquema FRENTE-TRÁS (FRONT-BACK).....	60
4.3.4 Esquema PERTO-LONGE (NEAR-FAR).....	61
4.3.4.1 Esquema CONTATO (CONTACT).....	62
4.3.5 Esquema CICLO (CYCLE) e ESPIRAL (SPIRAL).....	63
4.3.6 Esquema VERTICALIDADE (VERTICALITY).....	65
4.4 Ligação (LINK).....	65
5 METÁFORA.....	68
5.1 Teoria da metáfora conceitual.....	68
5.1.1 Metáforas Estruturais.....	71
5.1.2 Metáforas Orientacionais.....	72
5.1.3 Metáforas Ontológicas.....	72
5.2 Metáforas Primárias.....	74
5.3 Metáforas Complexas.....	76
5.4 Transferência de valores.....	79
5.5 Teoria da Mesclagem (<i>Blending</i>).....	80
5.6 Metáfora na Literatura.....	83
6 ESQUEMAS DE IMAGEM ENVOLVENDO O TEMA DA TRAVESSIA.....	86
6.1 A aplicação da metáfora da travessia.....	97
6.1.1 A travessia física (espacial): a não percepção.....	98
6.1.2 A travessia temporal: a busca pelo conhecimento.....	98
7 O RELACIONAMENTO ENTRE RIOBALDO E DIADORIM: UM ESTUDO DA APLICAÇÃO DOS ESQUEMAS DE IMAGEM NO CENÁRIO DA TRAVESSIA.....	100
7.1 Riobaldo e Diadorim: encontros e desencontros nas imagens da travessia.....	133
7.2 A integração conceptual amorosa.....	134
8 CONCLUSÃO.....	136
REFERÊNCIAS.....	138

INTRODUÇÃO

A Linguística Cognitiva parte do princípio de que a linguagem humana não é uma faculdade cognitiva autônoma, mas é, essencialmente, um reflexo de outras estruturas conceituais responsáveis por outras habilidades humanas fora do domínio da linguagem, vinculadas à maneira como conhecemos o mundo e como nele vivemos. Por causa disso, dentro desse modelo, a linguagem humana é vista também como uma habilidade comunicativa corporificada.

O referencial teórico utilizado neste trabalho é, portanto, o da Linguística Cognitiva, mais especificamente o modelo teórico da projeção de esquemas de imagem e, em menor parte, a teoria da integração conceptual ou *blending*. Os esquemas de imagem se repetem em uma variedade de domínios corporificados, estruturando nossa experiência como seres humanos. Eles fornecem uma importante evidência de que a razão abstrata é matéria de dois elementos: razão baseada na experiência corporal e projeções metafóricas de domínios abstratos para domínios concretos.

Dessa forma, eles perfazem dois papéis: são constructos que possuem estruturas diretamente entendidas por si próprias, e são utilizados metaforicamente para estruturar outros conceitos mais complexos.

Portanto, será objeto de especial interesse, a projeção dos esquemas de imagem, principalmente os de PERCURSO e de DINÂMICA DE FORÇAS, na estruturação das metáforas de alguns trechos escolhidos de **Grande Sertão: Veredas**, e de como, respectivamente, a aplicabilidade desses esquemas pode contribuir como ferramenta para a abordagem de dois aspectos cruciais do romance: a “travessia” de Riobaldo, e a não percepção do sentido do caminho percorrido por ele ao lado de Diadorim.

O intuito deste estudo, portanto, é proporcionar uma contribuição para um entendimento maior dos processos cognitivos geradores da linguagem roseana, oferecendo aos estudiosos de sua obra um novo campo, inédito, de reflexão. A escolha desse autor, sobretudo a partir da moderna ideia de complexidade, que leva necessariamente à interdisciplinaridade, terá o efeito de produzir uma base inicial de estudos cognitivos fundamentada em dados da língua literária brasileira, tanto para pesquisas sobre a criatividade literária, quanto para pesquisas sobre a criatividade em outras áreas da expressão linguística.

É importante ressaltar que não se trata de uma análise literária *stricto sensu*, mas da aplicação de um modelo teórico que pode oferecer subsídios importantes para a análise dessa obra de Guimarães Rosa. Como esse modelo é ainda recente e pouco conhecido no Brasil, estendemos-nos um pouco mais na parte teórica.

Este trabalho encontra-se dividido em oito Seções. Na Seção 1, fazemos um breve estudo sobre Guimarães Rosa e a importância de sua obra na Literatura Brasileira. Na Seção 2, conceituamos o enfoque da Linguística Cognitiva no estudo da língua. Na Seção 3, especificamos no que consiste a linguagem corporificada, partindo do modelo teórico dos esquemas de imagem. Na Seção 4, explicitamos a hierarquia e a inter-relacionalidade entre os esquemas de imagem, descrevendo-os e procurando demonstrar sua aplicabilidade, partindo de domínios sensório-motores concretos para a conceitualização de domínios abstratos linguísticos. Na Seção 5, abordamos a teoria da metáfora conceitual, juntamente com a teoria da integração conceptual (*blending*), procurando entender o uso da metáfora na literatura. Na Seção 6, realizamos a análise de dados de dezessete trechos de **Grande Sertão: Veredas**, focalizando o esquema de PERCURSO na estruturação de metáforas envolvendo o tema da travessia. Na Seção 7, analisamos os dados de quarenta trechos da obra, pondo foco nos esquemas de CONTATO e de DINÂMICA DE FORÇAS na estruturação do tema do relacionamento entre Riobaldo e Diadorim. Na Seção 8, apresentamos nossas conclusões finais.

1 GUIMARÃES ROSA E A LITERATURA BRASILEIRA

Faremos, nesta seção, para situar o leitor, um breve relato sobre o percurso literário de Guimarães Rosa, a partir dos trabalhos de Araújo (1996), Bosi (1984), Coutinho (1983), Daniel (1968), Galvão (1972) e Martins (2001), salientando a importância de sua obra no contexto da Literatura Brasileira.

1.1 Dados biográficos

João Guimarães Rosa nasceu em 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, Minas Gerais, primeiro dos seis filhos de Florduardo Pinto Rosa e Francisca Guimarães Rosa. Aprendeu as primeiras letras em Cordisburgo com Mestre Candinho e francês com Frei Esteves (franciscano). Coursou o secundário e a Faculdade de Medicina em Belo Horizonte. Graduado, trabalhou em várias cidades do interior mineiro, sempre demonstrando profundo interesse pela natureza, por bichos e plantas, pelos sertanejos e pelo estudo de línguas (estudou sozinho alemão e russo).

De volta a Belo Horizonte, Guimarães Rosa serviu como médico voluntário da Força Pública na Revolução de 1932, entrando posteriormente no quadro por concurso e, depois de 1934, foi oficial-médico do 9º Batalhão de Infantaria em Barbacena. Nos momentos livres se entregava ao estudo das línguas. Seu talento criador já se mostrava em contos e versos. Chegou a reunir alguns desses últimos num volume, **Magma**, com o qual concorreu ao prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras, mas que jamais quis publicar.

Em 1934, iniciou carreira diplomática, prestando concurso para o Ministério do Exterior. Em 1938 foi nomeado cônsul-adjunto em Hamburgo e em 1942, quando o Brasil rompeu com a Alemanha, foi internado com outros do Corpo Diplomático em Baden-Baden. Serviu como secretário da Embaixada Brasileira em Bogotá até 1944 e

depois voltou para o Brasil. Em 1946, foi nomeado chefe do gabinete do ministro João Neves da Fontoura e foi a Paris como membro da delegação à Conferência da Paz. Em 1948, foi a Bogotá como secretário-geral da delegação brasileira à IX Conferência Interamericana e, desde esse ano até 1950, residiu em Paris como primeiro-secretário da Embaixada Brasileira. Voltou ao Brasil em 1951, sendo nomeado chefe de gabinete. Em 1953 torna-se chefe da Divisão de Orçamento. Em 1958 é promovido a ministro, mas, preferindo permanecer no Rio, assume a chefia da Divisão de Fronteiras do Ministério das Relações Exteriores. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1963. Adiou sua posse por quatro anos. Três dias depois de tomar posse, em 19 de novembro de 1967, morreu inesperadamente, vítima de um enfarte, em sua casa, no Rio de Janeiro, em Copacabana.

João Guimarães Rosa, que tivera um segundo casamento, com Aracy Moebius de Carvalho, a quem dedica o **Grande Sertão: Veredas**, teve duas filhas do primeiro, com Lygia Cabral Pena, Agnes e Vilma, esta também escritora.

1.2 A obra de Guimarães Rosa

Guimarães Rosa causou uma revolução na literatura brasileira ao recriar o universo do sertão, por meio de uma revalorização da linguagem, com o rompimento das barreiras formais da tradição estilística, e pela universalização do regional.

Partindo do pressuposto de que a linguagem cotidiana era incapaz de representar a realidade em seu dinamismo e seu grau mais profundo, por encontrar-se cristalizada em uma série de clichês e fórmulas feitas, Guimarães Rosa rompe com a mecanicidade dessa linguagem e, ao explorar as diversas potencialidades latentes no signo linguístico, constrói as suas narrativas de modo profundamente poético, fazendo com que as palavras transcendam o conceito, sugerindo muito mais do que basicamente significam.

O valor da linguagem particular de Guimarães Rosa, de acordo com Coutinho (1983), remete ao fato de que, mesmo possuindo sempre como ponto de partida a fala dos sertanejos, suas expressões e particularidades, o autor não se limitou somente a reproduzir a língua falada no Brasil, mas criou uma estrutura sintática bastante peculiar e um léxico que inclui grande número de neologismos, vocábulos extraídos de idiomas estrangeiros ou revitalizados do português antigo, assim como uma série de termos indígenas ou dialetais que ainda não tinham sido incorporados à sua língua de origem; com esses recursos, as palavras ganham força e significados novos.

Apesar dessa grande variedade que caracteriza o léxico de Guimarães Rosa, é na área da sintaxe que o autor concede uma contribuição mais profunda e original para a literatura brasileira, pois seus procedimentos sintáticos possuem uma lógica quase inteiramente peculiar e se diferenciam, mais do que qualquer outro aspecto de sua linguagem, da estrutura tradicional do português.

Outro aspecto importante a ser mencionado na narrativa de Guimarães Rosa, segundo Coutinho (1983), é o regionalismo criado pelo autor: é regionalista pelo fato de que utiliza como cenário de todas as suas histórias o sertão dos Gerais, e como personagens os habitantes dessa região, mas transcende o regionalismo tradicional ao colocar como ponto central de sua narrativa o homem e sua natureza, ao enfocá-lo por meio de uma perspectiva múltipla que o revela simultaneamente em sua especificidade e naquilo que possui em comum com o restante da humanidade. Dessa forma, por meio da síntese entre o regionalismo e o universalismo, sem descaracterizar o sertão, demonstra que o elemento regional não se opõe ao universal, mas que, ao contrário, constitui uma condição necessária para a existência deste.

Assim, Guimarães Rosa cria a universalização do regional e demonstra, com sua obra literária, que somente assumindo a identidade regional é que a literatura brasileira pode atingir o seu nível de universalidade.

O autor publicou, em 1946, **Sagarana**, que ganhou o prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira. O livro é composto dos seguintes contos: O Burrinho Pedrês, A Volta do Marido Pródigo, Sarapalha, Duelo, Minha Gente, São Marcos, Corpo Fechado, Conversa de Bois e A Hora e Vez de Augusto Matraga. Apresentam de modo vivo e simpático a gente, paisagens, animais e problemas da região do sertão.

Sagarana surpreendeu o público pela sua originalidade estilística e pela reprodução de elementos do vocabulário e sintaxe regionais ainda não utilizados em literatura.

Em 1956 foram publicadas suas duas obras mais extensas e complexas, **Corpo de Baile** e **Grande Sertão: Veredas**. **Corpo de Baile** compreende uma série de sete novelas: Campo Geral, Uma Estória de Amor, A Estória de Lélío e Lina, O Recado do Morro, Dão-Lalalão, Cara de Bronze e Buriti. Enquanto as histórias de **Sagarana** são independentes umas das outras, entre algumas das de **Corpo de Baile** existem certas relações, principalmente referentes a certos personagens, que possuem um desenvolvimento no decorrer da série. Por exemplo, Miguilim é o protagonista de oito anos de Campo Geral e reaparece como jovem num papel secundário em Buriti. Seu irmão Tomé retorna em A Estória de Lélío e Lina, e seu amigo Grivo torna-se o protagonista de Cara de Bronze.

Corpo de Baile constitui também, segundo Daniel (1968), a obra de mais ampla base autobiográfica: Miguilim, com seus problemas, perguntas, seus prazeres infantis e sua miopia, reflete algumas experiências do próprio Guimarães Rosa quando jovem. A primeira edição de **Corpo de Baile** apareceu em dois volumes; a segunda, publicada em 1960, foi condensada num único tomo de maior extensão. A partir da terceira, a obra vem sendo editada em três volumes mais curtos e de títulos diversos: **Manuelzão e Miguilim**, **No Urubuquaquá no Pinhém** e **Noites do Sertão**.

Grande Sertão: Veredas é considerada a mais impressionante criação de Guimarães Rosa, tanto do ponto de vista da extensão da obra, num monólogo-diálogo do

início ao fim, sem repartições de capítulos, quanto em relação ao conteúdo e apresentação da matéria. No mesmo ano de sua publicação ganhou o Prêmio Machado de Assis do Instituto Nacional do Livro.

O livro é, em suma, a autobiografia de Riobaldo, a história de sua mocidade no sertão, de como se tornou jagunço, e sua elevação ao posto de chefe. Embora seus personagens típicos, ação etc, possam ser vinculados a elementos tradicionalmente regionalistas da literatura brasileira, há nesse romance aspectos filosóficos e estilísticos que lhe concedem caráter universal, pois trata de questões complexas como a existência do diabo, o custo da civilização, a insuficiência da lógica, numa obra de estrutura circular. O fim é também o começo do romance, que combina os três gêneros literários, envolvendo o lírico, o dramático e o épico, por meio de uma revitalização dos recursos linguísticos e estilísticos.

De acordo com Araújo (1996), a narrativa se passa em dois planos: a trajetória épica do jagunço Riobaldo no sertão, com o intuito de matar outro chefe rival e, num segundo plano, essa mesma trajetória contada por Riobaldo a um interlocutor “mudo”, que apenas ouve, sem manifestar sua opinião. É nessa volta ao passado que o jagunço reconstrói sua vida, ao narrar sua história sem linearidade, contando de acordo com a importância dos fatos recordados em sua memória, por meio de uma reflexão sobre os acontecimentos de sua vida, da natureza humana e da força do destino. Assim, essa segunda trajetória torna-se um percurso interior que leva o personagem ao autoconhecimento.

Seis anos depois da publicação de **Corpo de Baile e Grande Sertão: Veredas**, Guimarães Rosa publicou, em 1962, uma série de contos breves, sob o título de **Primeiras Estórias**. Esse volume é composto de vinte e uma variadas estórias, como o autor as chamou para acentuar seu caráter fictício: As Margens da Alegria, Famigerado, Sorôco, sua Mãe, sua Filha, A Menina de lá, Os Irmãos Dagobé, A Terceira Margem do Rio, Pirlimpitice, Nenhum, Nenhuma, Fatalidade, Sequência, O Espelho, Nada e a nossa Condição, O Cavalo que Bebia Cerveja, Um Moço muito Branco, Lu-

as-de-Mel, Partida do Audaz Navegante, A Benfazeja, Darandina, Substância, Taran-tão, meu Patrão e Os Cimos. Esses vinte e um contos são bastante diferentes quanto à técnica narrativa, ambientes e personagens.

Tutaméia ou **Terceiras Estórias** foi publicado em 1967. Como os contos breves de **Primeiras Estórias**, **Tutaméia** traz uma série de quarenta estórias brevíssimas e quatro prefácios, em forma de ensaio, sobre vários aspectos da criação literária. Segundo Daniel (1968), o primeiro, *Aletria e Hermenêutica*, versa sobre a linguagem figurada; o segundo, *Hipotrélico*, fala sobre a criação e o uso de neologismos; o terceiro, *Nós, os Temulentos*, apresenta uma anedota humorística e de temática urbana. O último dos prefácios, *Sobre a Escova e a Dúvida*, é de grande importância para qualquer leitor da obra de Guimarães Rosa, pois esse prefácio tem caráter definitivo e confessional, onde o autor fala abertamente da fé, da felicidade, do processo criador e da essência da vida, constituindo sua auto-análise ou auto-psicografia. A unidade dessas quarenta narrativas encontra-se na homogeneidade do cenário, das personagens e do estilo.

O volume intitulado **Estas Estórias** foi publicado após a morte do escritor, em 1969, cujos originais faltava a última revisão ou retoque, porém com o título já escolhido. O volume abrange oito estórias e mais a reportagem poética (ou documentário-ficção-reportagem): *Com o vaqueiro Mariano*.

O professor Paulo Rónai incumbiu-se de organizar e preparar o livro para edição. De acordo com Py (1983), no artigo *Estas Estórias*, em **Guimarães Rosa**. Seleção de textos de Eduardo de Faria Coutinho, o professor esclarece na introdução alguns pontos de ordem bibliográfica, colocando a relação das estórias já publicadas e das inéditas. As publicadas são: *A simples e exata estória do burrinho do comandante*, *Os chapéus transeuntes*, *A estória do homem do Pinguelo* e *Meu tio o Iauaretê*, juntamente com a reportagem feita pelo próprio autor nos sertões de Mato Grosso: *Com o vaqueiro Mariano*.

As estórias inéditas são as quatro finais e apresentam certo desnível em relação às outras já publicadas, que foram bastante trabalhadas. São elas: Bicho mau, Páramo, Retábulo de São Nunca e O dar das pedras brilhantes.

Por ser uma edição póstuma, segundo Py (1983), pode-se perceber algumas variantes e flutuações de um texto não acabado em definitivo; a organização do professor Paulo Rónai apenas registra, em notas de rodapé, os apontamentos do autor e as possíveis alterações a que teria submetido seu trabalho.

Ave-Palavra, que foi publicado em 1970, constitui uma reunião de contos, poemas, notas de viagem, diário, flagrantes, reportagens poéticas e meditações do autor, numa miscelânea formal e temática.

De acordo com Rónai (1970), em nota introdutória ao volume de **Ave-palavra**, essa miscelânea constitui a colaboração de vinte anos de Guimarães Rosa, de forma descontínua e esporádica, em jornais e revistas brasileiras, durante o período de 1947 a 1967. Ao volume que reúne trinta e sete textos trabalhados pelo autor, foram acrescentados outros que Guimarães Rosa havia selecionado e começado a trabalhar para **Ave-Palavra**: nove deles publicados em periódicos e quatro inéditos.

A organização do volume, segundo Rónai (1970), foi feita de acordo com o critério que seria o utilizado pelo autor na composição de seus demais livros, com a alternância de temas e gêneros variados, textos mais curtos ou mais longos, poesia e prosa, narrativas e cenas dramáticas, procurando realizar um conjunto harmonioso. Foram também acrescentadas a este volume, em adendo, cinco crônicas, das quais uma inédita e quatro já publicadas em jornais. Essas crônicas faziam parte de um “livrinho” que Guimarães Rosa chamaria de “Jardins e Riachinhos”.

2 A LINGUÍSTICA COGNITIVA: PRINCÍPIOS BÁSICOS

A Linguística Cognitiva surgiu na década de 70 devido à insatisfação com o enfoque formal utilizado para o estudo da língua. Ela se firmou com o aparecimento da Ciência Cognitiva, entre 1960 e 1970, portanto encontra-se inserida dentro de uma área interdisciplinar que abrange a filosofia, psicologia, neurociência e estuda aspectos da cognição humana que podem se relacionar ou sobrepor-se a essas áreas do estudo do conhecimento humano, num campo mais abrangente que é a Ciência Cognitiva.

Para consolidar o empreendimento da Linguística Cognitiva, em 1989/90 foi estabelecida a Sociedade Internacional de Linguística Cognitiva, juntamente com a revista *Cognitive Linguistics*.

2.1 O enfoque dos linguistas cognitivistas no estudo da língua

Os linguistas em geral procuram descobrir e descrever a natureza das línguas de acordo com sua sistematicidade, estrutura e função. Os linguistas cognitivistas procuram realizar esse empreendimento partindo da hipótese de que a língua reflete o pensamento humano, ou seja, de acordo com Evans e Green (2006), a língua possui padrões sistemáticos que refletem padrões de conceitualização. Estudar a estrutura da língua e como ela funciona significa tentar entender como o pensamento humano é estruturado e organizado, para o funcionamento de nosso sistema cognitivo.

Dessa forma, a Linguística Cognitiva parte do usuário da língua para empreender seus estudos, já que seu foco principal é procurar entender o pensamento humano, por meio da investigação da linguagem.

Partindo do princípio de que a língua é utilizada para codificar e exteriorizar nossos pensamentos e ideias, precisamos especificar de que modo o sistema linguístico faz isso. Portanto, segundo Evans e Green (2006), partimos inicialmente da função da língua para tentar explicar de que modo nosso sistema conceitual encontra-se refletido

nela. A língua possui duas funções: a de codificar e exteriorizar ideias e pensamentos (função simbólica) e a de transmitir essas ideias e pensamentos (função interativa).

2.2 A função simbólica da língua

Para exteriorizar nossos pensamentos precisamos de um código oral ou escrito que propicie que nossas vontades e necessidades sejam transmitidas para outras pessoas. Para que isso aconteça, a língua possui propriedades que possibilitam a codificação daquilo que está “dentro” da mente e faz isso por meio de símbolos linguísticos, que são constituídos pelos pares de forma-significado, ou seja, para formarmos pedaços de palavras, palavras completas e sentenças inteiras, precisamos utilizar esses pares dotados de significado convencional. De acordo com Langacker (1987, apud Evans e Green, 2006), o símbolo linguístico é explicado de forma melhor como uma **montagem simbólica**, que consiste de duas partes que são convencionalmente associadas. Essa ideia, que tem como base o estruturalismo saussureano, aborda um ponto de vista bem diferente da arbitrariedade do signo linguístico enquanto composto do par significante + significado.

De acordo com os preceitos da Linguística Cognitiva, a montagem simbólica constituída do par forma-significado é entendida para representar nossos conceitos mentais, e utilizada dentro de um domínio mais amplo, que ultrapassa o domínio puramente linguístico.

Dessa forma, utilizando como exemplo um símbolo linguístico da língua portuguesa, a palavra **casa**, podemos demonstrar, segundo Evans e Green (2006), os níveis de representação de como a cognição humana funciona para realizar a codificação do par forma-significado **casa**.

Assim, esse significado associado com seu símbolo linguístico correspondente é “recolhido” do mundo exterior, que fornece percepções para o cérebro ativar suas diversas áreas, partindo das características e propriedades que constituem o conhecimen-

to do que é uma casa, para formar uma imagem mental particular que consiste no conceito, esse conceito, por sua vez, leva ao significado linguístico e finalmente à forma que queremos exteriorizar: /kaza/, (símbolos do Alfabeto Fonético Internacional). Temos ainda que lembrar que essa forma não representa um referente particular do mundo externo, mas o conceito generalizado da palavra **casa**.

Os significados codificados pelos símbolos linguísticos relacionam-se à nossa **realidade projetada**: “uma representação mental da realidade, construída pela mente humana, mediada pelo nosso sistema singular perceptivo e conceitual.” (JACKENDOFF, 1983, apud EVANS e GREEN, 2006, p7).¹

Ou seja, o cérebro humano constrói uma realidade mental projetada por meio das percepções e conceitualizações do mundo externo obtidas pelos símbolos linguísticos.

Até agora vimos como o sistema linguístico possui símbolos que exteriorizam e codificam nossos pensamentos, mas será que na língua há meios suficientes para dar conta de explicitar nossas conceitualizações em todas as suas especificidades e sutilezas? De acordo com EVANS e GREEN (2006), a língua fornece apenas *prompts* para a construção de nossas conceitualizações; a língua oferece sugestões, estímulos, para podermos representar conceitualizações mais ricas, elaboradas e complexas. Assim, para um escopo infinito dessas conceitualizações, a língua fornece um sistema finito para suas realizações.

Dessa forma, para entendermos uma sentença simples como **O gato pulou o muro**, tradução do inglês, *The cat jumped over the wall* (EVANS e GREEN, 2006, p.8), necessitamos não apenas do conhecimento do significado das palavras dispostas na sentença, mas também e indispensavelmente de um conhecimento enciclopédico de mundo que permite que tenhamos noções de que tipo de trajetória um gato realiza ao

¹ “a mental representation of reality, as construed by the human mind, mediated by our unique perceptual and conceptual systems”. (JACKENDOFF, 1983, apud EVANS e GREEN, 2006, p.7).

pular um muro, de que substância é composto esse muro etc, para chegarmos ao entendimento correto dessa sentença. Dessa forma, embora não pareça ser uma sentença ambígua, esse exemplo nos concede uma evidência de que os meios fornecidos pela língua são muito limitados, em relação às ricas conceitualizações que a mente é capaz de fazer.

Por isso, muitas vezes precisamos utilizar certos artifícios linguísticos para nos fazermos entender com maior precisão e expressividade, como é o caso, por exemplo, do uso da metáfora, que será discutido mais à frente.

Embora a língua não possua meios suficientes para dizermos e escrevermos aquilo que pensamos, é apenas por meio dela que conseguimos nos comunicar efetivamente, essa comunicação diz respeito à segunda função da língua, a interativa, igualmente importante e que completa a simbólica.

2.3 A função interativa da língua

Não basta apenas codificarmos e exteriorizarmos nossos pensamentos, eles precisam ser decodificados e entendidos pelos outros, nisso consiste a função interativa da língua: a comunicação que permite que vivamos em sociedade, nos relacionando uns com os outros. Assim, segundo Evans e Green (2006), a função interativa e social da língua permite que realizemos atos de fala, que podem mudar uma realidade estabelecida, emitir ordens, expressar sentimentos, pedir informações, manter contato com as pessoas na comunicação comum do dia a dia etc.

Enquanto atos de fala, Austin (1965), a língua pode mudar uma realidade porque pode fazer acontecer efetivamente o que está sendo declarado, ou seja, o uso da língua torna-se ação, como é o caso das cerimônias de casamento, declaração de um juiz no encerramento de uma sentença, fazendo do acusado um criminoso ou inocente e outros casos semelhantes.

Utilizamos também a língua para que aconteçam coisas que queremos, como ordenar alguém a fazer algo quando temos pessoas subordinadas a nós: **Pare de conversar e preste atenção na aula**, ou então quando tentamos persuadir alguém por meio de palavras escolhidas para emitir nossos desejos: **Seria muito bom para o nosso relacionamento viajarmos juntos**.

Pela função interativa a língua também nos concede a expressividade, pois podemos usá-la como expressão de diversos modos da concepção da realidade, como: **Saia daqui agora ou Por favor, você poderia se retirar, preciso ficar sozinha**, demonstrando como podemos usar as palavras para nos relacionarmos com as pessoas, criando uma situação ofensiva ou, ao contrário, de comedimento e educação. Além disso, por meio da expressividade, podemos nos referir de diversas maneiras a uma mesma pessoa, mesmo objeto, animal etc. De um gato preto, podemos dizer: **Que gato lindo**, e também: **Ver um gato preto dá azar**.

Ainda em relação à expressividade, é na língua escrita e particularmente no gênero literário que ela é amplamente utilizada pelos escritores, por meio de vários recursos estilísticos para elaborarem suas obras de forma original e esteticamente apreciável, como este belo exemplo de Umberto Eco, retirado do livro **A ilha do dia anterior**:

Como um Ressurgente da Hungria, atravessou correndo a cobertura para voltar ao castelo da popa, entrou no quarto que já era seu, entrincheirou-se, fechou as saídas que davam para a galeria, pôs as armas ao alcance das mãos, e preparou-se para dormir, para não ver o Sol, carrasco que corta, com o machado de seus raios, o pescoço das sombras. (ECO, 1995, p.21).

A língua ainda, enquanto comunicação, cria cenas ou contextos, evocando *frames* experienciais:

A língua pode ser usada para criar cenas ou *frames* de experiência, indiciando e ainda construindo um contexto particular. Em outras palavras, o uso da língua pode evocar *frames* que convocam ricas estruturas de conhecimento, que ser-

vem para evocar e preencher conhecimento de contexto. (EVANS e GREEN, 2006, p.11).²

Isso significa que quando dizemos ou ouvimos algo como: **Era uma vez**, tradução do inglês, *Once upon a time*, ou **Muito prazer**, tradução do inglês *How do you do?* (EVANS e GREEN, 2006, p.11), evocamos formas “cristalizadas” pela língua que fornecem um contexto completo do que vem a seguir, em **Era uma vez**, pelo conhecimento compartilhado de mundo do que significa essa fórmula: um conto de fadas, ou o contexto de situação de um encontro pela primeira vez entre uma ou mais pessoas em **Muito prazer**.

Falamos, pois, das duas funções da língua: a simbólica e a interativa, para tentar explicitar como a Linguística Cognitiva trabalha com esses aspectos, com o intuito de chegar ao entendimento da estrutura e funcionamento do pensamento humano. Porém, essas funções são desempenhadas dentro de um sistema linguístico, ou seja, é preciso obedecer a certas regras impostas pelo sistema de uma língua para que possa haver a correta codificação e comunicação que nos leva a exteriorizar nosso pensamento. Isso quer dizer que, portanto, a língua possui uma estrutura sistemática.

2.4 A estrutura sistemática da língua

A língua é estruturada por meio de um sistema, que, como foi explicitado há pouco, é constituído por montagens simbólicas, que são **unidades linguísticas** convencionais (EVANS e GREEN, 2006). Os falantes de uma determinada língua reconhecem e concordam com o significado dessas unidades e como são usadas. Uma uni-

² “Language can be used to create scenes or frames of experience, indexing and even constructing a particular context. In other words, language use can invoke frames that summon rich knowledge structures, which serve to call up and fill in background knowledge.” (EVANS e GREEN, 2006, p.11).

dade convencional pode ser um morfema como **in, des** etc, uma palavra inteira como **gato, sapato, alegria** etc, e também uma sentença como **A criança chutou a bola**.

Mas para que os falantes nativos de uma língua possam desempenhar a função comunicativa e assim exteriorizar suas ideias, é preciso obedecer às restrições impostas pelo sistema da língua.

Um modo de se mostrar a evidência de um sistema linguístico, segundo Evans e Green (2006), é como as palavras se dispõem numa sentença. É óbvio, na língua portuguesa, que uma sentença como **O homem quebrou aquele copo** é gramatical, e uma como **copo homem o aquele quebrou** é agramatical, ou seja, não obedece às regras do sistema.

Essa questão da disposição das palavras numa sentença também remete ao fato da diferença entre significado literal e significado idiomático de uma sentença. Quando usamos a expressão **Ele chutou o pau da barraca**, os falantes nativos da língua portuguesa podem entendê-la de duas maneiras: no sentido idiomático, de que a pessoa se extravazou em relação a tudo que estava lhe acontecendo, e também no sentido literal. Já na expressão **Ele chutou a bola**, os falantes nativos só a interpretam no sentido literal.

Se mudarmos a ordem da sentença para **O pau da barraca foi chutado por ele**, seu significado idiomático é dissolvido e resulta apenas o literal, esse caso demonstra como a ordem das palavras pode afetar o significado da sentença como um todo.

Segundo Evans e Green (2006), os linguistas cognitivistas utilizam o termo **montagem simbólica** para demonstrar a diferença entre o entendimento do significado literal e o significado idiomático de uma sentença. Quando entendemos uma sentença de forma idiomática, é porque a interpretamos como uma única unidade linguística convencional, ou seja, nosso cérebro entende a sentença como uma construção, armazenada num bloco inteiro. Já no significado literal, nós entendemos a sentença como a

junção das palavras num todo significativo, ou seja, nosso cérebro entende a sentença armazenando “pedaços” separados de significado para dar sentido à sentença inteira, as palavras constituem, separadamente, uma montagem simbólica diferente. Além do mais, a interpretação do significado literal versus significado idiomático de uma expressão depende também do contexto em que ela ocorre.

Partindo dessas evidências, chegamos à conclusão de que a língua possui uma estrutura sistemática, devido à relação entre as palavras, seus significados, e como elas encontram-se dispostas em padrões convencionais.

Para os linguistas cognitivistas, essa estrutura sistemática da língua reflete padrões sistemáticos de nosso sistema conceitual.

2.5 A estrutura sistemática do pensamento

Os padrões sistemáticos de nosso sistema conceitual são refletidos no sistema linguístico por meio dos **domínios conceituais**. De acordo com as experiências feitas pela Linguística Cognitiva, certos padrões de língua que utilizamos fornecem evidência de que nosso sistema conceitual organiza conceitos abstratos em domínios concretos da experiência física:

Uma das maiores descobertas que surgiram dos estudos para o sistema conceitual humano é que conceitos abstratos são sistematicamente estruturados em termos de domínios conceituais derivados de nossa experiência comportamental de objetos físicos, envolvendo propriedades como movimento, elevação vertical e proximidade física. (apud EVANS e GREEN, 2006, p.15).³

³“One of the major findings to have emerged from studies into the human conceptual system is that abstract concepts are systematically structured in terms of conceptual domains deriving from our experience of the behavior of physical objects, involving properties like motion, vertical elevation and physical proximity.”(LAKOFF and JOHNSON 1980, 1999, apud EVANS e GREEN, 2006, p.15).

Para demonstrar essas características do sistema conceitual humano refletido na língua, tomemos como exemplo as sentenças:

1. O Natal ainda está longe.
2. Aquele casal tem um relacionamento muito íntimo.

A sentença 1 exprime o domínio conceitual de **tempo** em termos do domínio da experiência física de **espaço**, expresso pela palavra **longe**. Na sentença 2, o domínio conceitual de **afeição** é experienciado em termos de **espaço**, com o sentido de **perto**. Dessa forma, podemos perceber que a língua fornece evidência, por meio de algumas expressões, de que nosso sistema conceitual estrutura conceitos abstratos em termos de experiências físicas concretas.

Os linguistas cognitivistas, a partir do estudo e da análise de todas as questões tratadas acima, procuram descobrir e estabelecer a sistematicidade existente na língua.

2.6 Como a representação cognitiva fornecida pela língua se encontra no sistema linguístico?

De acordo com Talmy (apud EVANS e GREEN, 2006), a representação cognitiva fornecida pela língua encontra-se dividida nos subsistemas **gramatical** e **lexical**.

Os elementos do subsistema gramatical são morfemas de classe fechada, que estruturam as funções das palavras dentro das sentenças; por serem palavras que pertencem a um círculo menor, como número, tempo de referência, informação velha/informação nova, afirmação/interrogação, são mais resistentes à mudança temporal, pois exercem uma função de estrutura, sendo construções que contribuem para o significado esquemático das sentenças. Isso quer dizer que nos exemplos abaixo:

1. **A** moça beijou **o** namorado.
2. **Os** moços beijam **as** namoradas.

3. A moça beijará o namorado?

Nessas sentenças os elementos do subsistema gramatical estruturam as noções de tempo verbal, gênero, número, informação nova, afirmação e interrogação etc, ou seja, são elementos que conferem significados esquemáticos nas sentenças, fazendo com que os itens gramaticais exerçam uma função estrutural.

O subsistema lexical, de classe aberta, possui função de conteúdo, são palavras que pertencem a um círculo mais abrangente, como de coisas, pessoas, lugares, eventos, propriedades etc, que estruturam conceitos mais ricos e são mais suscetíveis às mudanças temporais. Em sentenças como:

1. O **cachorro** pegou a **bola**.
2. O **ladrão** assaltou a **loja**.
3. O **homem** abraçou a **criança**.

Os elementos lexicais, de função de conteúdo, alteram totalmente o significado das sentenças, já a estrutura gramatical permanece idêntica nas três.

A partir dessa breve explanação, podemos identificar facilmente as diferenças entre os dois subsistemas e como, ao operarem juntos no sistema linguístico, fornecem a representação cognitiva na língua.

Dessa forma, constatamos que a Linguística Cognitiva estuda a língua para tentar entender a estrutura e o funcionamento da mente humana, na medida em que a língua, por meio de padrões linguísticos, reflete padrões de pensamento, pela codificação e exteriorização de nossas ideias, que são realizadas pelos símbolos linguísticos, utilizados para a comunicação humana. Essas funções encontram-se subordinadas ao sistema linguístico, que, por sua vez, subdivide-se em subsistema gramatical e subsistema lexical.

A Linguística Cognitiva, ao empreender suas pesquisas voltadas para a relação entre língua e pensamento, tornou-se uma importante ferramenta para o estudo da cognição humana, juntamente com o auxílio de outras áreas da Ciência Cognitiva.

3 LINGUAGEM CORPORIFICADA: ESQUEMAS DE IMAGEM

Vamos fazer uma abordagem do que consiste a linguagem corporificada e de alguns tipos de conceitos corporificados pelo nosso sistema perceptual e motor, com o intuito de demonstrar, mais especificamente, a natureza corporificada dos esquemas de imagem e sua aplicação na linguagem.

3.1 Tradição: método cartesiano

De acordo com o dualismo cartesiano, corpo e mente são substâncias completamente distintas. Essa afirmação refere-se à tese de que o ser humano é constituído por duas substâncias: a mente (alma, nos termos de Descartes), ou coisa pensante (*res cogitans*), e o corpo, ou coisa extensa (*res extensa*).

Dessa forma, em **Discurso do Método**, Descartes (1999), concebe mente e corpo como coisas de natureza diferente, que possuem atributos distintos: o pensamento, no caso da substância pensante, e a extensão, no caso da substância física. Postulam-se, portanto, duas existências: a mental (ou espiritual) e a física. A primeira consiste na consciência, ou suas funções; a segunda é composta de matéria, ou suas funções. Essas funções são independentes para Descartes: pertencem ou à mente ou ao corpo, caracterizando a separação das duas substâncias. Assim, eventos mentais e eventos físicos podem ocorrer independentemente uns dos outros. Quando se trata do corpo, entram em ação funções cerebrais ou de qualquer outro órgão da estrutura física do homem, que não dependem da consciência. Ao contrário, quando se trata da alma (mente), encontramos representações, modos da substância pensante, que são elementos de natureza incorpórea.

Desse modo, no método cartesiano, a distinção e independência entre corpo e mente configuram a incompatibilidade metafísica entre matéria e espírito.

Apesar desse dualismo, Descartes (1999), nas **Meditações**, deixa claro que o homem “não é um piloto em seu navio”, ou seja, não é uma mente comandando o corpo, mas um todo coeso.

Dessa forma, o filósofo faz apenas uma separação metodológica, ao se referir ao entendimento do homem por meio de uma separação entre corpo e mente; para ele existe essa separação devido ao fato de que o mental não ocuparia espaço e o não mental ocuparia. Portanto, o método cartesiano, apresentado no **Discurso do Método**, é complementado pela noção de “união substancial” do homem apresentado nas **Meditações**, isto é, a noção de que mente e corpo estão unidos, e é nisso que reside o paradoxo cartesiano.

3.2 O ponto de vista da moderna Neurociência

A Neurociência, principalmente por meio dos estudos de Damásio (1996), nega a separação entre mente e corpo. Hoje a mente é algo corporificado pelo nosso sistema perceptual e motor. Mas de que modo isso acontece? Quando realizamos um ato de raciocínio utilizando um conceito, esse conceito necessita de estruturas neurais do cérebro para que possa ser realizado. Assim, o modo pelo qual o sistema neural do cérebro é formado determina que tipo de conceitos podemos ter e, por conseguinte, que tipo de raciocínio podemos desenvolver. Dessa forma, fica claro que nosso cérebro trabalha com redes neurais para processar o pensamento.

De acordo com Lakoff e Johnson (1999), o modelo neural pode mostrar o que significa a mente ser corporificada, ao colocar a questão de como a razão pode se utilizar do sistema sensorio-motor e, em consequência disso, de como as inferências racionais podem ser computadas pela mesma constituição neural utilizada na percepção ou no movimento corporal.

A resposta para essas questões encontra-se no modo pelo qual o corpo e a mente constroem a razão. Para que eles formem conjuntamente a razão, é preciso que esse

processo seja realizado de maneira corporificada, assim, a razão humana está inerentemente em conexão com nossos corpos. Isso acontece por meio de conceitos corporificados, ou seja, fazemos uso, inconscientemente, de nosso sistema perceptual e motor para desenvolver tais conceitos, criando, desse modo, um elo de ligação entre nossos corpos, cérebros e interações com o ambiente. Dessa forma, utilizamos essa tríplice dinâmica para obter sentido do que é real, pois só sentimos o mundo como realidade palpável por meio da interação dos nossos corpos com o espaço no qual estamos inseridos, e no qual estão inseridos os objetos e outros seres que enxergamos e com que temos contato. Os conceitos experienciados pelos nossos corpos tornam-se, por sua vez, racionalizados por essa percepção sensorial e corpórea do real.

Para ilustrar o que foi relatado, vamos mostrar alguns tipos particulares de conceitos corporificados pelo nosso sistema perceptual e motor: conceitos de cor, conceitos de nível básico e conceitos de relações espaciais. Com base em Lakoff e Johnson (1999):

Proporemos, primeiro, que os conceitos humanos não são apenas reflexos de uma realidade externa, mas que eles são decisivamente modelados por nossos corpos e cérebros, especialmente pelo nosso sistema sensorio-motor. Faremos então um exame de três tipos de conceitos: conceitos de cor, conceitos de nível básico, e conceitos de relações espaciais. (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p.22-23).⁴

3.2.1 Conceitos de cor

As cores são tão normais e presentes no nosso cotidiano que não paramos para pensar de que modo ocorre sua percepção, pois esse fato se engloba na própria questão de como percebemos o mundo em nossa volta, assim como sentimos cheiro, gosto,

⁴“We will suggest, first, that human concepts are not just reflections of an external reality, but that they are crucially shaped by our bodies and brains, especially by our sensorimotor system. We will do so by looking at three kinds of concepts: color concepts, basic-level concepts, and spatial-relations concepts.” (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p.22-23)

som enfim, como utilizamos nossos sentidos como meio de percepção do mundo externo.

De acordo com a ciência cognitiva, as cores não existem no mundo externo, mas dependem da evolução de nossos corpos e cérebros para criá-las.

Segundo Lakoff e Johnson (1999), nossa experiência de cor depende da combinação de quatro fatores: comprimento de ondas de luz refletida, condições de iluminação; juntamente com dois aspectos de nossos corpos: três tipos de cones de cor em nossas retinas, e o circuito neural complexo ligado a esses cones. Portanto, se as cores não existem por si mesmas no mundo externo e precisam de uma ação conjunta de fatores externos com propriedades de nossos corpos, podemos considerar que se trata de um conceito corporificado.

Os fatores externos: comprimento de ondas de luz refletida e condições de iluminação, ao entrar em nossas retinas, precisam ser “trabalhados” pelo nosso cérebro para que possamos ver a cor.

Algo crucial para sustentar na mente é que a luz não é colorida. A luz visível é radiação eletromagnética, como ondas de rádio, vibrando dentro de uma certa escala de frequência. Não é o tipo de coisa que poderia ser colorida. Somente quando essa radiação eletromagnética atinge nossas retinas nós somos capazes de ver. Nós vemos uma cor particular quando as condições de iluminação circundante estão certas, quando a radiação em uma certa escala atinge nossa retina, e quando nossos cones de cor absorvem a radiação, produzindo um sinal elétrico que é apropriadamente processado pelo circuito neural de nossos cérebros. A experiência qualitativa que isso produz em nós é o que chamamos de ‘cor’. (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p.23-24).⁵

⁵ “Another crucial thing to bear in mind is that light is not colored. Visible light is electromagnetic radiation, like radio waves, vibrating within a certain frequency range. It is not the kind of thing that could be colored. Only when this electromagnetic radiation impinges on our retinas are we able to see. We see a particular color when the surrounding lighting conditions are right, when radiation in a certain range impinges on our retina, and when our color cones absorb the radiation, producing an electrical signal that is appropriately processed by the neural circuitry of our brains. The qualitative experience that this produces in us what we call “color”.”(LAKOFF e JOHNSON, 1999, p.23-24).

Dessa forma, podemos dizer que nossos conceitos de cor são interacionais, pois surgem de interações de nossos corpos, cérebros, da propriedade reflexiva de objetos e de radiações eletromagnéticas, ou seja, precisamos de uma corporificação da mente para criar os conceitos de cor, pois as cores não existem por si mesmas no mundo externo. Assim, além de as cores nos ajudarem a reconhecer coisas do mundo, é por meio do conceito corporificado que temos delas que evoluiu um aspecto do cérebro que proporciona o desempenho de muitos papéis em nossa vida cultural, estética e emocional.

3.2.2 Conceitos de nível básico

As categorias de nível básico são responsáveis pela nossa percepção e formação dos nossos conceitos. De acordo com Lakoff e Johnson (1999), isso se deve ao fato de que algumas categorias de nossa mente evoluíram para que nossa experiência corporal de entidades se equivalessem de maneira harmoniosa com diferenças importantes do ambiente natural. Um exemplo de categoria de nível básico é **cão**. A categoria de nível mais baixo ou inferior correspondente seria, por exemplo, **poodle**. A categoria de nível superior correspondente seria **mamífero**. Isso quer dizer que, por meio das categorias de nível básico, nós conseguimos distinguir classes gerais de seres e objetos, como a distinção entre um elefante e uma foca, uma cadeira e um sofá, uma maçã e uma banana e assim por diante. O nível básico é aquele que permite que nós identifiquemos uma categoria por meio de um exemplar médio dessa categoria, em contraste com exemplares médios de outras categorias, ou seja, é fácil percebermos que uma cadeira pertence à categoria móvel e diferenciá-la de um carro que pertence à categoria veículo, mas é mais difícil fazer certas diferenças quando lidamos com exemplares de um nível mais baixo de uma categoria, como a diferença entre um tipo de carro e outro, por exemplo, em que as distinções ficam menos evidentes. Por isso, essas categorias de nível médio são cognitivamente básicas, pois é por meio delas que temos percepção das classes essenciais de categorias, diferenciando-se das categorias de nível superior e de nível inferior.

Para podermos distinguir as categorias de nível básico das duas outras, de nível superior e inferior, é preciso que alguns aspectos de nossos corpos, cérebros e mentes entrem em funcionamento, como: imagens mentais, percepção gestáltica, programas motores e estruturas de conhecimento. Dessa forma, esses aspectos são utilizados para podermos apreender tudo aquilo que é mais essencial para o nosso desenvolvimento no ambiente externo por meio dessas categorias. Elas são caracterizadas por, pelo menos, quatro condições: corresponde ao nível mais alto em que apenas uma imagem mental pode representar uma categoria inteira, como é o caso de carro, para representar a categoria veículo automotor; é o nível mais alto em que membros da categoria possuem formas totais percebidas igualmente (percepção gestáltica), por exemplo, não existe um nível mais alto que **cadeira** (dentro dos representantes de cadeira), que possua forma total para caracterizar a categoria móvel, não existe uma peça mais generalizada que cadeira ou mesa para que se reconheça essa categoria. Corresponde ao nível mais alto em que uma pessoa utiliza ações motoras semelhantes para interagir com membros da categoria: nós possuímos programas motores para interagir com membros de nível básico de cada categoria, como com uma mesa, um carro, mas não conseguimos interagir com membros mais generalizados de uma determinada categoria. Por fim, é o nível em que a maior parte do nosso conhecimento é organizado. Sabemos muito mais coisas de um representante de nível básico de uma categoria. Por exemplo, conhecemos muito mais sobre um carro do que sobre veículos em geral, ou sobre motores de carro, que se encontram num nível mais baixo, a não ser que sejamos especialistas.

O mais importante para o nosso estudo das categorias de nível básico é que elas são conceitos corporificados, pois são mediatizadas pelo corpo ao invés de serem determinadas diretamente pela realidade da mente independente, porque a divisão entre categorias de nível básico e de categorias de nível não básico é baseada corporalmente por meio de percepção gestáltica, programas motores e imagens mentais, como já foi mencionado. Dessa forma, constituem conceitos corporificados importantíssimos para a nossa percepção da realidade e a nossa integração no ambiente externo.

3.2.3 Conceitos de relações espaciais

Os conceitos de relações espaciais é que permitem que o espaço faça sentido para nós. Porém, não percebemos o espaço por ele mesmo, como uma entidade, mas sim pelo modo como nos inserimos dentro dele e como os demais objetos e entidades também se inserem, e também por meio da nossa relação com esses objetos e entidades por meio do espaço. Dessa forma, nós não conseguimos ver as relações espaciais da mesma maneira como vemos os objetos físicos.

Percebemos as relações espaciais por meio da nossa proximidade ou distância em relação a algo, ou de acordo com nossa posição em relação a um ponto de referência. Conceitos como **perto, longe, através, em frente, atrás, sobre, sob, dentro, fora** etc, são percebidos de forma automática por nós, por meio de nosso sistema motor, perceptual e conceitual. Tais conceitos são corporificados porque são racionalizados por meio de nossa percepção física do ambiente ao nosso redor; por isso, trata-se de conceitos elementares para a nossa interação com o mundo externo.

As relações espaciais descritas acima são relações elementares que possuem uma estrutura interna. Essa estrutura é constituída por um esquema de imagem, um perfil e uma estrutura de trajetória-ponto de referência. Como veremos a seguir, alguns esquemas de imagem encontram-se inseridos nos conceitos de relações espaciais.

3.3 Esquemas de Imagem: proposta a partir da linguagem corporificada

A natureza corporificada dos conceitos de relações espaciais constituem projeções corporais, que surgem do modo pelo qual nós esquematizamos nossos próprios corpos e as coisas com as quais interagimos no cotidiano.

Dessa forma, esquemas de imagem como DINÂMICA DE FORÇAS, por exemplo, surgem de ações de nossos corpos como: empurrar, puxar, impulsionar; são ações somente percebidas e compreendidas pelo uso de habilidades de parte de nossos

corpos, como braços, mãos e pernas. Assim como o esquema de imagem CONTÊINER também é percebido e compreendido corporalmente, pois temos a percepção de nossos corpos como contêineres de nutrientes, por exemplo, também orientamos nossos corpos em relação a outros contêineres, como quartos, salas, edifícios etc. Portanto, os esquemas de imagem são de natureza corporificada pelo nosso sistema sensório-motor, e constituem a base para projeções metafóricas de domínios concretos para domínios abstratos.

Para entendermos melhor o que são os esquemas de imagem e qual a sua constituição, é preciso que haja uma definição de tais esquemas. Eles não são proposições objetivas de relações abstratas específicas entre símbolos e a realidade objetiva e também não possuem a especificidade de imagens mentais ricas e detalhadas. Isso equivale a dizer que eles estruturam de modo esquemático e generalizado certos conceitos em suas especificidades e características. Dessa forma, eles operam em um nível de generalidade e abstração sobre imagens ricas concretas.

Assim, para que nossas experiências sejam compreendidas e raciocinadas, é preciso haver um padrão e uma organização para nossas ações, percepções e concepções. Os esquemas de imagem, portanto, constituem padrões recorrentes que se repetem em uma variedade de domínios corporificados estruturando nossa experiência como seres humanos. Esses padrões surgem para nós como estruturas significativas, sobretudo no nível de nossos movimentos corporais através do espaço, de nossa manipulação de objetos e de nossas interações perceptuais. Dessa forma, os esquemas de imagem possuem um caráter dinâmico, pois são concebidos como estruturas de organização de nossa experiência e compreensão.

Vamos descrever alguns esquemas de imagem para compreender melhor como eles são estruturados.

ESQUEMA PERCURSO (PATH SCHEMA)

É constituído por origem (ponto de partida), uma meta (ponto de chegada) e uma trajetória, ou seja, uma sequência de locações contínuas que liga o ponto de partida ao ponto de chegada. A corporificação desse esquema pode ser entendida por meio de nossos movimentos, como andar, por exemplo. Em nossa vida cotidiana, precisamos nos movimentar de um lugar para o outro, seguindo uma determinada direção, para atingir o lugar que queremos chegar.

Esse esquema de imagem estrutura a metáfora de que propósitos na vida são entendidos como metas a serem alcançadas.

ESQUEMA CONTÊINER (CONTAINER SCHEMA)

Esse esquema possui três elementos: um interior, um exterior e um limite que os separa. Essa constituição configura uma estrutura gestáltica, no sentido de que as partes não fazem sentido sem o todo, pois não há um interior sem um exterior e um limite separando-os. A experiência corporal desse esquema consiste na nossa própria percepção de nossos corpos como contêineres e também como estando dentro de um contêiner, alguns objetos também são vistos dessa forma. Uma sala, uma bolsa, um carro, nossa cabeça são contêineres.

Nosso campo visual constitui uma metáfora estruturada por esse esquema, como coisas que podem estar dentro ou fora de nosso campo de visão.

ESQUEMA LIGAÇÃO (LINK SCHEMA)

É formado por dois elementos estruturais, duas entidades que se ligam entre si. A corporificação desse esquema encontra-se quando precisamos ligar uma coisa à outra, com corda, barbante, linha etc. Nosso primeiro elo de ligação é com o cordão umbilical, que torna inseparável o feto da mãe.

Uma metáfora para o esquema link são os relacionamentos pessoais e sociais entendidos em termos de ligação.

ESQUEMA DINÂMICA DE FORÇAS (FORCE DYNAMICS SCHEMA)⁶

Forças são vistas e entendidas como algo físico, em que entidades corporificadas atuam em competição com outras forças, onde cada entidade possui resistências e tendências. Dessa forma, nós entendemos essas entidades como experiências primárias de nossos próprios corpos, como empurrar e ser empurrado, mover objetos etc, forças que atuam em nossos corpos que nos permitem a locomoção no ambiente.

Esse esquema estrutura a metáfora “enfrentar obstáculos”, no sentido de que precisamos de força para enfrentá-los.

ESQUEMA EQUILÍBRIO (BALANCE SCHEMA)

Esse esquema surge por meio de nossa experiência corporal de equilíbrio/desequilíbrio, e mantém nossos sistemas e funções corporais em estado de equilíbrio. Isso acontece porque o equilíbrio é de tal maneira difundido por parte de nossa experiência corporal, que nós raramente temos consciência dele em nossa vida cotidiana. Nós conseguimos entender o significado de equilíbrio por meio de experiências identificadas como equilíbrio ou desequilíbrio corporal. Todos nós já passamos por ocasiões de problemas com nossos corpos, quando temos acidez no estômago, quando nossas mãos ficam frias ou quando nossa boca parece seca, por exemplo. Dessa forma, esses são alguns sintomas de desequilíbrio corporal, o organismo então começa a reagir até alcançar o estado de equilíbrio novamente, que permite o funcionamento adequado de seus sistemas. Assim, podemos perceber que o esquema equilíbrio encontra-se diretamente percebido e sentido pelos nossos corpos.

⁶ Dinâmica de Forças não é, em sentido estrito, um esquema de imagem, mas uma rubrica que engloba diversos esquemas de imagem.

Ele estrutura a metáfora econômica do equilíbrio entre lucros e gastos, assim como relacionamentos equilibrados, entre outras.

ESQUEMA PARTE-TODO (PART-WHOLE SCHEMA)

Nós somos seres dotados de partes que podemos manipular, ou seja, nós experienciamos nossos corpos como um todo com partes. Para nos mover no mundo, também precisamos ter consciência da estrutura parte-todo de outros objetos. Dessa forma, o esquema parte-todo possui três elementos estruturais: um todo, suas partes e uma configuração. Para que as partes possam existir formando um todo, é preciso haver uma configuração; portanto as partes não podem encontrar-se de maneira aleatória. A consequência disso é que, se as partes são destruídas, o todo também é destruído.

Famílias e outras organizações sociais são entendidas metaforicamente como um todo com partes.

ESQUEMA CENTRO-PERIFERIA (CENTER-PERIPHERY SCHEMA)

A base corporificada desse esquema consiste na experiência que nós temos de nossos corpos possuindo centros (tronco e órgãos internos) e periferias (mãos, pés, cabelos). As árvores e outras plantas, de modo similar, também possuem um tronco central e ramos e folhas periféricas. Os centros são mais importantes do que as periferias porque constituem partes essenciais e também por definirem a identidade individual de um ser, de uma forma que as partes periféricas não fazem, por exemplo, uma pessoa corta o cabelo, mas continua sendo o mesmo indivíduo. Portanto, podemos concluir que a periferia depende do centro, mas o contrário não ocorre.

Esse esquema estrutura a metáfora de que teorias possuem princípios centrais e periféricos. O que é mais importante é entendido como algo central.

3.4 Linguagem e cultura

Os esquemas de imagem, para a Linguística Cognitiva, constituem uma conceitualização da experiência. De acordo com percepções corporificadas por alguns esquemas de imagem, podemos compreender alguns conceitos culturais importantes para o nosso entendimento de certos aspectos de determinadas áreas do conhecimento.

3.4.1 Conceito de direita e esquerda em política

Para entender como surgiu esse conceito, precisamos retornar ao século XVIII, mais especificamente ao reinado de Luís XVI e à Revolução Francesa. Após várias reformas econômicas, sociais e políticas, que não surtiram o efeito desejado, o rei Luís XVI convocou os Estados Gerais com representantes das três classes: nobreza, clero e o Terceiro Estado (maioria da população, composto pela burguesia, mercadores, profissionais liberais, escritores, artistas e proletariado em geral), em 08 de agosto de 1788, com a pretensão de que os líderes eleitos por suas classes lhe dessem apoio para enfrentar os problemas do reino.

A revolução realmente começa quando o Terceiro Estado, apoiado pela maioria do clero e minoria da nobreza, resolve declarar, contra a vontade do rei, que a partir de então (17 de junho de 1789), seriam uma Assembleia Nacional. O rei não teve alternativa senão aceitar a Assembleia. Nessa reunião foi aprovada a famosa “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”. De inspiração iluminista, o documento defende o direito à liberdade, à igualdade perante à lei, à inviolabilidade da propriedade e o direito de resistir à opressão. Na sessão que votou o direito de veto (poder concedido ao rei de vetar decisões da Assembleia), os aristocratas sentaram-se à direita do presidente, as classes populares, à esquerda. Tal fato deu origem à separação que chega aos dias de hoje, entre direita e esquerda na política. É difícil precisar a origem do termo centro, mas provavelmente surgiu no decorrer dos anos, em função dos que não aderiram a nenhum dos lados.

Esse conceito de direita e esquerda na política remete aos conceitos de relações espaciais, que estruturam alguns esquemas de imagem, como, nesse caso específico, o esquema espacial DIREITA-ESQUERDA, com base corporificada que consiste na percepção que temos dos lados de nossos corpos em relação a objetos, lugares e pessoas. Dessa forma, temos aqui a aplicação cultural metafórica e histórica da corporificação (lados do corpo).

3.4.2 Equilíbrio dos três poderes

O equilíbrio dos três poderes é outro exemplo de um conceito corporificado. A Teoria da Separação dos Poderes é a teoria de ciência política desenvolvida por Montesquieu (1748), no livro **O Espírito das Leis**, que teve por objetivo moderar o poder do Estado dividindo-o em funções, e dando competências a órgãos diferentes do Estado.

Partindo da Constituição inglesa, mesmo sem compreendê-la completamente, Montesquieu descreveu cuidadosamente a separação dos poderes em Executivo, Legislativo e Judiciário, preconizando um equilíbrio perfeito entre eles.

Esse conceito de equilíbrio dos três poderes é resultado, portanto, da aplicação cultural metafórica da corporificação por meio do esquema EQUILÍBRIO.

4 ESQUEMAS DE IMAGEM E SUAS INTER-RELAÇÕES

Os esquemas de imagem, como já vimos, são padrões recorrentes que se repetem em uma variedade de domínios corporificados, estruturando nossa experiência como seres humanos, constituindo padrões recorrentes da experiência de natureza abstrata. Mas, de acordo com Peña (2008), os princípios que os esquemas de imagem estruturam não pertencem ao mesmo nível de categorização; os seus padrões são inter-relacionados. Dessa forma, é preciso fazer um estudo da lógica interna desses esquemas. Esquemas de imagem diferentes dependem um do outro, por isso, é necessário que haja uma descrição detalhada dos elementos estruturais e da lógica interna de cada esquema, para que seja explicitada a ligação entre os diferentes padrões de imagens esquemáticas.

Há uma evidência de que essas estruturas são hierarquicamente organizadas em diferentes níveis de acordo com seu grau de generalidade. Assim, os esquemas de imagem foram divididos por Peña (2008), em básicos e em secundários ou dependentes, o primeiro fornecendo o anteprojeto básico para a ativação do último

Assim, com base no trabalho de Peña (2008), vamos procurar demonstrar como se estrutura a hierarquia desses esquemas com relação ao grau de dependência e inter-relacionalidade entre eles. Não podemos esquecer, contudo, que tais esquemas constituem processos mentais efêmeros e de natureza dinâmica:

Observe-se que também deveria ser visto que os esquemas de imagem são processos mentais efêmeros que são alterados imediatamente e incessantemente, especialmente quando co-ocorrentes com outras gestalts experienciais. O leitor poderia ter a impressão de que os esquemas de imagem, como tratados nesse artigo, são objetos estáticos. A razão para essa aparente natureza estática dos esquemas de imagem resulta da nossa tentativa de oferecer uma descrição sistemática e clara das principais relações hierárquicas entre tais edificações cognitivas. Transformações de imagens esquemáticas, estudadas por Lakoff (1987:440-444, 1989: 120-123) como um mecanismo essencial na formação da estrutura radial (ou extensões de significados) de categorias conceituais, são relações muito naturais entre esquemas de imagem que motivam a polissemia e

que emprestam mais evidência para a pretensa natureza dinâmica dos esquemas de imagem. (PEÑA, 2008, p.1042).⁷

Partindo dessas considerações, podemos enfatizar que os esquemas de imagem fornecem material conceitual para a construção de muitas expressões linguísticas e que, dessa forma, muitas metáforas imagéticas são estruturadas por meio de esquemas de imagem.

4.1 Tipos de secundariedade de imagens esquemáticas

Com base em Peña (2008), há três tipos de imagens esquemáticas que possuem características de secundariedade para lidar com os diferentes tipos de relações estabelecidas entre os esquemas de imagem: dependência conceitual, implicação lógica e enriquecimento esquemático. Entender esses modos de relações de secundariedade é essencial para a compreensão das relações de dependência entre os esquemas.

4.1.1 Dependência conceitual

Esse termo é utilizado para se referir ao fenômeno pelo qual um modelo cognitivo, a saber, um esquema de imagem, necessita de outro, ou outros, para desenvolver sua estrutura e lógica interna. Um exemplo é o esquema ATRAÇÃO/REPULSÃO (A-TRAÇÃO/REPULSION), que depende do esquema COMPULSÃO (COMPULSION).

Todas essas categorias podem ser agrupadas de modo hierárquico, em que as categorias mais baixas fazem uso das estruturas genéricas das mais altas.

⁷“ Notice should also be taken that image-schemas are ephemeral mental processes which are altered immediately and incessantly, especially when co-occurring with other experiential gestalts. The reader might get the impression that image-schemas, as dealt with in this paper, are static objects. The reason for this apparent static nature of image-schemas results from our attempt to offer a systematic and clear account of the main hierarchical relationships among such cognitive constructs. Image-schematic transformations, studied by Lakoff (1987:440-444, 1989:120-123) as an essential mechanism in the formation of the radial structure (or meaning extensions) of conceptual categories, are very natural relationships between image-schemas which motivate polysemy and which lend further evidence to the purported dynamic nature of image-schemas.” (PEÑA, 2008, p.1042).⁷

4.1.2 Implicação lógica

Na implicação lógica, fazemos uso somente de parte da lógica interna da categoria imediatamente precedente na hierarquia, quando construímos uma expressão envolvendo um esquema de imagem dotado da implicação lógica de outra construção conceitual. Exemplo: o esquema de imagem PERMISSÃO (ENABLEMENT) é derivado da base lógica de ELIMINAÇÃO DE RESTRIÇÃO (REMOVAL OF RESTRAINT). O esquema EXCESSO (EXCESS) deriva-se da base lógica de CHEIO-VAZIO (FULL-EMPTY) e ambos constituem implicações lógicas da configuração CONTÊINER (CONTAINER).

4.1.3 Enriquecimento esquemático

O enriquecimento esquemático ocorre quando, por razões de economia cognitiva, alguns esquemas de imagem, em grande parte de nosso processamento metafórico, são tomados com prioridade em relação a outros modelos cognitivos não-genéricos e, dessa forma, são ativados. Quando a ativação de outro modelo cognitivo torna-se inevitável, ela acontece de modo parcial, como guiada por uma padronização geral básica do esquema de imagem. O enriquecimento esquemático é essa ativação guiada.

No que concerne às relações de dependência entre os esquemas, a secundariedade pela dependência conceitual e pela implicação lógica ocorre em virtude de relações hierárquicas entre membros de uma mesma categoria. O enriquecimento esquemático, por sua vez, pode acontecer entre membros de mesmas e diferentes categorias. Assim, no enriquecimento esquemático, um esquema pode ser relacionado não apenas com outro modelo cognitivo do mesmo tipo, mas também com modelos proposicionais e mapeamentos metonímicos e metafóricos.

Vamos tratar dos esquemas de imagem, então, de acordo com duas características: suas relações de secundariedade, que são hierárquicas, e seu grau de generalidade.

Essas características, juntamente com sua natureza topológica, se aplicam a todos os esquemas de imagem.

4.2 O esquema de imagem REGIÃO LIMITADA (BOUNDED REGION) e noções relacionadas

REGIÃO LIMITADA (BOUNDED REGION) constitui o termo mais próximo para duas construções experienciais: CONTÊINER (CONTAINER) e SUPERFÍCIE (SURFACE). Esses esquemas de imagem designam categorias primárias devido ao fato de que, na complexidade em relação à graduação dos esquemas, CONTÊINER e SUPERFÍCIE aparecem como dois esquemas de imagem básicos.

Sendo assim, muitos tipos de superfície e todos os contêineres são, de fato, regiões limitadas e suas diferenças devem ser explicadas em termos de uma escala de limitação.

Assim, REGIÃO LIMITADA é dominante sobre CONTÊINER e SUPERFÍCIE, os últimos são dependentes do primeiro. Por sua vez, o esquema CONTÊINER empresta sua constituição estrutural e material conceitual ao esquema CHEIO-VAZIO (FULL-EMPTY); e o esquema EXCESSO (EXCESS) é descrito como secundário ao CHEIO-VAZIO.

De acordo com Johnson (1987:22, apud PEÑA, 2008), as regiões limitadas podem ser uni, bi e tridimensionais. As unidimensionais são regiões limitadas representadas por pontos no espaço, que podem ser um elemento estrutural de um esquema de imagem como PERCURSO (PATH). O esquema SUPERFÍCIE constitui uma região limitada bidimensional, ao passo que o esquema CONTÊINER é uma região limitada tridimensional. Contudo, dois parâmetros desempenham um papel crucial na definição e diferenciação desses padrões experienciais: a noção de algo cercado e de separação.

Temos que considerar que a noção de algo cercado pode ser parcial ou total. Por exemplo, uma entidade deitada sobre uma superfície pode estar parcialmente cercada por ela. Por sua vez, uma entidade localizada dentro de um contêiner pode se encontrar totalmente cercada por ele. Assim, uma região bidimensional não restringe totalmente o movimento de uma entidade, desse modo, se uma entidade encontra-se somente parcialmente cercada, a separação dela de entidades que a cercam é relativa, podendo interagir com entidades exteriores com mais facilidade do que se estivesse sujeita a restrições impostas por um contêiner tridimensional.

4.2.1 O esquema de imagem SUPERFÍCIE (SURFACE)

O esquema de imagem SUPERFÍCIE consiste de dois elementos estruturais: um limite e uma região bidimensional. Sua lógica interna é organizada ao redor de dois postulados principais: o princípio de assimetria, de acordo com o qual “se uma entidade A está sobre uma superfície B, então a superfície B não pode estar sobre a entidade A. O segundo postulado consiste no princípio de transitividade, segundo o qual as entidades podem estar sobre ou distante (sem tocar) uma superfície, esse princípio, aplicado ao esquema SUPERFÍCIE, deve ser interpretado da seguinte forma: se A está sobre B e B está sobre C, então A está sobre C. Contudo, os seres sobre a superfície são transitivos, mas o contato não é. Assim, as entidades podem estar sobre ou distantes de superfícies.

Contudo, três noções são cruciais para a distinção entre os dois casos derivados da análise do esquema de imagem SUPERFÍCIE, o princípio de assimetria e o de transitividade: os esquemas de imagem CONTATO (CONTACT), PERTO-LONGE (NEAR-FAR), e CONTROLE (CONTROL). Devemos levar em consideração o argumento de Mendoza (1998: 265, apud PEÑA, 2008), que afirma que CONTROLE constitui um ICM (modelo cognitivo idealizado) e não um esquema de imagem, por não haver um programa motor direto relacionado com essa noção.

Vamos considerar o primeiro postulado, a do princípio de assimetria: uma entidade está sobre uma superfície. De acordo com Peña (2008), o esquema PERTO-LONGE, definido em relação a um contínuo com dois extremos, perto e longe, pode ser ativado em relação à proximidade de duas entidades sobre uma superfície. Contudo, se essas duas entidades encontram-se tão perto uma da outra ao ponto de se sobrepor, então o esquema CONTATO é ativado e a entidade mais poderosa sobre a superfície exerceria controle sobre a outra entidade. No exemplo:

Ele está sentado junto dela no sofá.

Nesse exemplo, o **sofá** é o controlador, no sentido de que ele impede uma pessoa de cair no chão ou de se mover para baixo. O controle aqui é apenas parcial porque as duas pessoas encontram-se cercadas somente de modo parcial, elas encontram-se livres para se mover para cima, por exemplo. O esquema PERTO-LONGE é ativado no que concerne à proximidade entre as duas pessoas e dessas pessoas com o sofá. Segundo o princípio de assimetria, se as duas pessoas se encontram sobre o sofá, então o sofá não pode estar sobre elas.

De acordo com o segundo postulado de transitividade, ou seja, de entidades em contato ou longe de superfícies, encontramos dois casos de contato:

O livro está na mesa.

A mosca está no teto

No caso de livro, o contato parece ser mais constante e, em consequência, o controle também, em relação ao contato da mosca com o teto. Isso se deve ao fato de que, no primeiro caso, pelo fato do livro ser uma entidade inanimada, só pode ocorrer o seu movimento por uma entidade animada, dessa forma, parece que o livro pode permanecer mais tempo sobre a superfície do que uma mosca, que apresenta um grau mais elevado de transitoriedade do que a entidade **livro**. Contudo, os dois exemplos tratam de entidades que permanecem em um lugar por um determinado tempo.

Ainda de acordo com o segundo postulado do esquema de imagem SUPERFÍCIE, pode ocorrer que uma entidade se encontre distante de uma superfície. Nos exemplos a seguir, a diferença é evidente em relação ao contato:

O avião está voando sobre a montanha.

O quadro está sobre a parede.

No exemplo do avião, não ocorre contato com a superfície e, portanto, o controle não existe, já no caso do quadro, existe contato e, portanto, um controle exercido pela superfície parede. Assim, em termos de controle, a falta de contato entre os participantes é metaforicamente identificada com a falta de controle da entidade mais poderosa sobre a outra.

4.2.2 O esquema de imagem CONTÊINER (CONTAINER)

O esquema de imagem CONTÊINER é uma região limitada tridimensional. Os limites do contêiner impedem as entidades externas de atingir o que está dentro da região limitada, se alguma entidade entra em um contêiner, ela afetará ou será afetada positivamente ou negativamente pela região limitada. Vamos considerar os seguintes exemplos:

A empresa está dentro do negócio.

Aquela empresa está fora do negócio.

Nos exemplos acima, o termo **negócios** deve ser conceitualizado como uma entidade tridimensional e “estar dentro do negócio” deveria ser o mesmo que participar das atividades da empresa. Dessa forma, o esquema CONTÊINER é ativado e, de acordo com a sua lógica interna, a empresa deveria ser afetada ou controlada pelas condições impostas pelo contêiner no qual ela se encontra inserida. Por outro lado, a empresa do segundo exemplo, por estar fora do contêiner metafórico, não deve ser afetada por ele.

Vamos agora considerar os esquemas de imagem que estabelecem uma relação de secundariedade e dependência com o esquema CONTÊINER: esquema CHEIO-VAZIO (FULL-EMPTY) e esquema EXCESSO (EXCESS).

O esquema CHEIO-VAZIO é constituído pelos seguintes elementos estruturais: um interior, um contêiner e alguma entidade ou entidades que encham o interior ou parte do interior do contêiner.

Sua lógica interna é interpretada dessa forma: uma região tridimensional encontra-se cheia quando uma entidade ou algumas entidades ocupam todo o seu interior; uma região tridimensional encontra-se vazia se não mantém nenhuma entidade em seu interior.

Segundo Peña (2008), as regiões limitadas no espaço podem ser processadas mentalmente como se fossem tridimensionais e, portanto, em termos de cheio e vazio. Dessa forma, contêineres geralmente podem ser vistos como cheios ou vazios. Vamos considerar os exemplos:

A caixa estava completamente cheia de lápis.

Ele esvaziou os biscoitos do pacote.

Eu me sinto cheio de confiança e aberto às possibilidades.

O primeiro exemplo apresenta uma situação em que um objeto, uma caixa, encontra-se cheia de determinados objetos, alguns lápis. A palavra **completamente** realça a noção de completude no interior do contêiner. Temos aqui um caso literal de ativação do pólo-cheio do esquema CHEIO-VAZIO.

No segundo exemplo, temos uma situação em que todas as entidades, os biscoitos, são retiradas de dentro de um contêiner, deixando-o vazio. Aqui ocorre a ativação do pólo-vazio do esquema CHEIO-VAZIO.

Finalmente, o terceiro exemplo constitui um mapeamento metafórico do esquema de imagem CHEIO-VAZIO. Nesse caso, uma pessoa é conceitualizada como um contêiner cujo conteúdo é mapeado sob a noção de confiança.

Podemos também perceber nossos corpos literalmente como contêineres contendo algo. Por exemplo, na seguinte oração, por metonímia:

Não é bom nadar com o estômago cheio.

Outro esquema de imagem dependente do esquema CONTÊINER, ou, mais especificamente, ao pólo-cheio do esquema CHEIO-VAZIO é o esquema EXCESSO. Seus elementos estruturais são idênticos aos elementos de CHEIO-VAZIO, exceto pelo fato de uma entidade encher um contêiner ao ponto de transbordá-lo, ou seja, a região limitada tridimensional não tem condições de suportar o que se encontra dentro do seu limite. A lógica interna é a seguinte: uma ou mais entidades encham completamente um contêiner ao ponto de destruir a região limitada. Vamos considerar o exemplo:

A banheira transbordou.

Nesse exemplo, a banheira é mapeada como um contêiner que não consegue comportar a quantidade de água recebida.

Cabe lembrar que o esquema EXCESSO não depende sempre do polo-cheio do esquema CHEIO-VAZIO. Segundo Kreitzer (1997:321, apud PEÑA, 2008), esse esquema pode funcionar ligado a outros padrões experienciais, como no exemplo:

O motorista levou uma multa por excesso de velocidade.

De acordo com as afirmações anteriores, vimos que o esquema de imagem REGIÃO LIMITADA fornece a noção básica para dois padrões experienciais: esquema SUPERFÍCIE e CONTÊINER. O esquema CHEIO-VAZIO é dependente de CON-

TÊINER e, por sua vez, o esquema EXCESSO é dependente do pólo-cheio de CHEIO-VAZIO.

4.3 O esquema de imagem PERCURSO (PATH) e noções relacionadas

Esse esquema de imagem constitui também uma estrutura que organiza a cognição humana e surge de nossa interação com o ambiente. É um dos padrões experienciáveis mais recorrentes que nos ajuda a entender outros conceitos, especialmente aqueles que são de natureza abstrata.

De acordo com sua construção topológica, o esquema PERCURSO (PATH) foi também chamado esquema ORIGEM-TRAJETÓRIA-META ou esquema MOVIMENTO, contudo, esses dois rótulos fazem referência a instanciações específicas do esquema PERCURSO. Contudo, o esquema de imagem ORIGEM-TRAJETÓRIA-META é aplicável somente em casos em que o ponto final de uma trajetória encontra-se associado com a realização de uma meta. Um exemplo que é estruturado por esse esquema é a compreensão do mapeamento O SUCESSO É ALCANÇADO NO FINAL DE UMA TRAJETÓRIA. Além disso, muitas vezes o conceito de destino nem sempre se encontra relacionado com metas alcançadas.

Já o termo **movimento** não parece apropriado como sinônimo de trajetória. Apesar de ser evidente a percepção de movimento ao longo de uma trajetória, há ocorrências estáticas do esquema PERCURSO. Exemplo:

Nós estamos no caminho certo.

O esquema PERCURSO é constituído dos seguintes elementos estruturais: uma origem, um destino e uma série de locações contíguas que ligam a origem com a meta a ser alcançada; também uma direção que se relaciona com conceitos de movimentos corporais de determinada entidade através do espaço. Sua base lógica é articulada da seguinte forma: se uma entidade vai de uma origem a um destino ao longo de uma tra-

jetória, então ela deve passar por cada ponto intermediário sobre a trajetória e, quanto mais distante ao longo do caminho ela estiver, mais tempo terá passado desde o ponto de partida. Vamos analisar o seguinte exemplo:

Ele era inocente e tornou-se experiente.

Nesse caso, a entidade que se move é metaforicamente conceitualizada como uma pessoa (ele), que parte de uma origem (estado de inocência), e alcança um destino (experiente). Dessa forma, o esquema PERCURSO é utilizado para estruturar os conceitos utilizados nesse exemplo, que é a realização linguística da metáfora conceitual MUDANÇA DE ESTADO É MUDANÇA DE LOCAL, em que o material conceitual para o domínio de origem é fornecido pela lógica do esquema PERCURSO.

4.3.1 Esquema FORÇA (FORCE)

Vários esquemas de imagem encontram-se ligados de forma dependente ao esquema PERCURSO, portanto, há certo número de construtos de imagens esquemáticas que são colocados por Johnson (1987:42-48, apud PEÑA, 2008) sob a noção geral de FORÇA. Esse esquema constitui a representação conceitual da interação entre entidades. Johnson (1987: 43-44, apud PEÑA, 2008) descreve as características do esquema FORÇA e nos ajuda a justificar e entender sua secundariedade com respeito ao esquema PERCURSO:

Forças são fornecidas com um vetor de qualidade ou direcionalidade, forças habitualmente descrevem uma única trajetória de movimento, forças têm origem, e representantes podem movê-las para metas. (PEÑA, 2008, p. 1050).⁸

Forças são entendidas em termos de lógica de trajetórias. Segundo Pauwels e Simon-Vandenbergem (1995, apud PEÑA, 2008), os esquemas FORÇA e PERCURSO

⁸“Forces are provided with a vector quality or directionality, forces usually describe a single path of motion, forces have origins, and agents can move them to targets. As is obvious, forces are understood in terms of the logic of paths.” (PEÑA, 2008, p.1050)

se interagem, contudo, o esquema FORÇA mantém uma relação de dependência conceitual com respeito ao esquema PERCURSO, pois seria difícil a compreensão de forças sem nossa experiência de trajetória.

De acordo com Johnson (1987:45, apud PEÑA, 2008), há sete tipos de forças que são as mais representativas estruturas que operam constantemente em nossa experiência: COMPULSÃO (COMPULSION), BLOQUEIO (BLOCKAGE), CONTRAFORÇA (COUNTERFORCE), DESVIO (DIVERSION), ELIMINAÇÃO DE RESTRIÇÃO (REMOVAL OF RESTRAINT), PERMISSÃO (ENABLEMENT) e ATRAÇÃO / REPULSÃO (ATTRACTION / REPULSION). Vamos, a seguir, fazer uma breve descrição de como esses esquemas estruturam nossos padrões experienciais e também sua relação de dependência com FORÇA.

4.3.1.1 Esquema COMPULSÃO (COMPULSION)

Nós podemos nos mover de acordo com nossa vontade ou podemos ser movidos por alguma força externa. A noção desse movimento causado encontra-se intimamente ligada com a força de compulsão.

Os elementos estruturais do esquema COMPULSÃO são: uma origem, um destino, uma direção, uma entidade e alguma força que coloca essa entidade em movimento. Tomemos os seguintes exemplos:

Ana fez a criança sair.

O silêncio instaurado no local deixou o prisioneiro louco.

Temos nesses dois exemplos acima, situações em que o esquema COMPULSÃO é ativado e utilizado para estruturá-los. No primeiro exemplo, Ana (um ente animado e dotado de razão), é a causadora do que aconteceu com a criança, que, metaforicamente falando, representa a entidade que se encontra em movimento pela ação de

um ente causador. Mesmo que a criança seja capaz de se mover de acordo com sua própria vontade, fica claro nesse exemplo, que ela o fez pela vontade alheia.

No segundo exemplo, o causador é um ente inanimado (silêncio), que consegue influenciar e manter controle sobre a entidade em questão (prisioneiro). Como podemos ver, o agente causador pode ser humano ou animado ou ainda inanimado, sua característica básica é que ele é um ser forte, que exerce controle sobre a entidade “mais fraca”.

4.3.1.2 Esquema BLOQUEIO (BLOCKAGE)

O esquema de imagem BLOQUEIO faz referência às experiências de obstáculos que bloqueiam ou resistem a alguma força. Se estamos indo ao longo de uma trajetória, podemos encontrar algum obstáculo que nos impede de mover-nos para frente. O esquema BLOQUEIO é caracterizado pelos seguintes elementos definidos: uma trajetória com uma dada direção, um destino que não pode ser alcançado, uma entidade se movimentando e outra entidade que bloqueia ou resiste à força da entidade que se move. Exemplo:

Um dos diretores bloqueou a nomeação dele.

Nesse caso, o agente causador (um dos diretores), impede que determinada entidade avance ao longo de uma trajetória metafórica para alcançar um destino, que, nesse exemplo, é identificado com alguma meta na carreira. Dessa forma, a entidade mais forte, aquela que faz o bloqueio, é conceitualizada como um impedimento que precisa ser superado pela entidade mais fraca, para poder conseguir alcançar determinada meta.

4.3.1.3 Esquema CONTRA-FORÇA (COUNTERFORCE)

Contra-forças são definidas como: dois centros de força igualmente fortes e determinados que colidem face a face, com o resultado de que nenhum deles pode chegar a lugar nenhum. Esse esquema de imagem encontra-se inter-relacionado com o esquema BLOQUEIO. O encontro de forças causado pelo esquema CONTRA-FORÇA constitui um exemplo de um tipo especial de bloqueio. As entidades não podem alcançar o destino pretendido porque seus movimentos são interceptados. Elementos estruturais do esquema CONTRA-FORÇA: uma trajetória ao longo da qual duas entidades cinéticas a percorre em direções opostas e dois destinos que não são alcançados. As duas entidades colidem entre si. Vejamos um exemplo que ativa esse esquema:

Os objetivos dos negociadores em Nova York colidiram com os objetivos dos guerreiros em campo.

Aqui, os objetivos dos negociadores e os objetivos dos guerreiros são entendidos como duas forças que percorrem direções opostas, porém, ao longo da mesma trajetória. Os objetivos de ambos são diferentes, pois apontam para metas diferentes, mas nenhuma das entidades consegue alcançá-los. Esse esquema difere das realizações linguísticas do esquema BLOQUEIO porque nesse caso nenhuma força parece ceder em favor da outra, pois ambas possuem a mesma força.

4.3.1.4 Esquema ELIMINAÇÃO DE RESTRIÇÃO (REMOVAL OF RESTRAINT)

Esse esquema é ativado quando algum obstáculo é ultrapassado por determinada entidade; assim, resulta na conclusão bem sucedida da realização do propósito dessa entidade. Os elementos estruturais desse esquema são os que se seguem: uma trajetória, uma direção, uma entidade e um obstáculo que é removido, devido ao fato de que ele não bloqueia o progresso da entidade cinética, que pode assim alcançar o destino pretendido. No exemplo:

Ana deixou o livro cair.

De acordo com Bernárdez (2000, apud PEÑA, 2008), o livro cai porque **Ana** remove alguma barreira figurativa. O livro geralmente não cai no chão devido ao fato de que alguma superfície, por exemplo, uma mesa, atua como um suporte que bloqueia a tendência natural do livro de cair pela força da gravidade. A entidade Ana remove o obstáculo.

4.3.1.5 Esquema PERMISSÃO (ENABLEMENT)

Podemos depreender, ao analisar o exemplo que ativa o esquema ELIMINAÇÃO DE RESTRIÇÃO, que o esquema de imagem PERMISSÃO constitui um pressuposto lógico do primeiro, ao invés de um esquema independente. Isso acontece porque, desde que os obstáculos sejam removidos (eliminação dessa restrição), as entidades são capazes de mover-se por determinado caminho, ou seja, ocorre uma permissão para que isso aconteça. O esquema de imagem PERMISSÃO é constituído pelos seguintes elementos estruturais: uma trajetória, uma direção, um destino e uma entidade que se move e que alcança o destino. Vamos analisar esses exemplos:

João deixou o frango queimar.

João perguntou-me se ele podia ir ao cinema e eu o deixei ir.

No primeiro exemplo, ocorre um caso em que, o agente causador (João), não faz nada para evitar que o frango queime. Temos aqui o que Soares da Silva (2000, apud PEÑA, 2008) chama de causa não interventiva ou não preventiva. Como consequência, o frango segue a tendência natural de queimar por ser muito cozido.

Já no segundo exemplo, ocorre uma causa totalmente permissiva, pois a pessoa que pede permissão à João para ir ao cinema consegue o que deseja (trata-se de não

encontrar nenhum obstáculo no caminho metafórico e poder assim desempenhar uma ação).

4.3.1.6 Esquema DESVIO (DIVERSION)

No esquema DESVIO, quando uma entidade encontra uma barreira em seu caminho ao longo de uma trajetória, ela redireciona sua força e transpõe o obstáculo, desviando dele. Porém, quando duas entidades colidem face a face, frequentemente elas se separam e seguem em direção a diferentes destinos. Como resultado, o esquema DESVIO encontra-se como dependente em relação a BLOQUEIO e CONTRA-FORÇA.

O esquema de imagem DESVIO possui os seguintes elementos estruturais: uma entidade se movendo dotada de uma força, uma segunda força ou entidade que faz a primeira desviar do destino original pretendido, uma trajetória inicial, um destino inicial pretendido, uma segunda trajetória que é criada pelo desvio e um segundo destino representado pela instância de uma nova trajetória, criada pelo impedimento ao longo da trajetória que faz a força ou entidade se desviar de seu caminho inicial. No seguinte exemplo:

O casamento deles saiu de rota.

Ocorre uma metáfora que explica o esquema DESVIO. O casal que se ama é identificado como viajantes que encontram algum obstáculo e, por conta disso, não conseguem seguir em frente ao longo de um caminho metafórico. Eles se desviam da trajetória pretendida e fica implicado que eles não alcançarão seu destino juntos.

4.3.1.7 Esquema ATRAÇÃO / REPULSÃO (ATTRACTION / REPULSION)

Segundo Peña (2008), nós compartilhamos muitas experiências de estruturas esquemáticas de atração. Johnson (1987:47, apud PEÑA, 2008) postula vários exemplos, como um ímã atraindo um pedaço de aço para si etc. A força de repulsão também pode ser experienciada por meio da interação com o mundo, por exemplo: um pólo magnético repelindo outro pólo magnético.

Essas experiências podem ser transferidas para a nossa interação do dia-a-dia com o mundo, ocasionando ocorrências metafóricas que expressam o modo pelo qual nós somos atraídos por forças boas ou benéficas e como tentamos nos livrar daquelas prejudiciais.

Os elementos estruturais do esquema ATRAÇÃO/REPULSÃO são: uma origem, um destino, uma direção e alguma força que faz com que alguma entidade se mova em direção a ela (no caso de ATRAÇÃO) ou para longe dela (REPULSÃO). Os exemplos a seguir ilustram as forças de atração e repulsão.

O homem estava perto dela, atraído por sua beleza.

Embora as pessoas sintam repulsa pelo mal, elas também são atraídas pelo poder que ele proporciona.

No primeiro exemplo a beleza da mulher é vista como uma força que metaforicamente faz o homem se mover para ela. No segundo, o mal é conceitualizado como uma força, não só repulsiva como atrativa. As pessoas podem, figurativamente, se mover para longe ou para perto dele.

4.3.2 Esquema PROCESSO (PROCESS)

A noção de processo representa a configuração de uma sequência de ações, e não somente o resultado delas. Nossa observação de PROCESSO está crucialmente ligada aos processos motores-perceptuais que o qualifica como esquema de imagem. Devido à abstração desse esquema, tende-se a tratá-lo em termos de outras noções cuja base experiencial é mais simples. Dessa forma, segue que os processos são geralmente entendidos em termos de trajetória. Portanto, podemos depreender o mapeamento metafórico pelo qual **UM PROCESSO É MOVIMENTO AO LONGO DE UMA TRAJETÓRIA**.

Os elementos estruturais do esquema de imagem PROCESSO são os que se seguem: um ponto inicial, um ponto final e alguma direção. A diferença crucial entre PERCURSO e PROCESSO reside no fato de que enquanto o primeiro não resulta, necessariamente, numa meta alcançada, o último precisa apresentar um grau metafórico que conduz à meta desejada, identificada com o resultado de um processo completo. Por isso os processos são tratados como eventos dinâmicos. Vamos considerar o seguinte exemplo:

O nosso corpo transforma o alimento em energia.

As ações corporais que tornam possível que o alimento seja transformado em energia são conceitualizadas em termos de um progresso feito ao longo de uma trajetória metafórica. Assim, o alimento é entendido como um ponto inicial de um processo e a energia é o destino, a meta alcançada.

4.3.3 Esquema FRENTE-TRÁS (FRONT-BACK)

Para entendermos esse esquema, basta perceber que nos movemos tanto para frente quanto para trás. Essa experiência molda o esquema de imagem FRENTE-TRÁS, que constitui um esquema orientacional, que se encontra subordinado ao es-

quema PERCURSO devido ao fato de que não podemos descrever nenhum tipo de movimento sem a ajuda de trajetórias. Contudo, o esquema FRENTE-TRÁS não apenas proporciona um leque completo de usos cinéticos, mas também de usos estáticos. Esse esquema de imagem consiste dos seguintes elementos estruturais: um ponto inicial, que é habitualmente mapeado sob a localização TRÁS, um ponto final, que tende a corresponder à localização FRENTE e uma série de localizações contíguas que liga a origem ou ponto inicial com o destino ou ponto final. Vejamos os exemplos:

Os cientistas espaciais atingiram um novo passo à frente em suas pesquisas.

A falha no experimento levou-os de volta ao ponto de partida.

Os cientistas espaciais, no primeiro exemplo, se movem metaforicamente para frente ao longo de uma trajetória para alcançar um destino que, nesse caso, constitui em alguma questão científica descoberta para a melhora da vida das pessoas. Segundo Peña (2008), nós tendemos a conceitualizar movimentos para frente como algo positivo, de um ponto de vista axiológico, principalmente quando os destinos são identificados com metas. Também é mais fácil sabermos o que se encontra em nossa frente do que aquilo que está atrás de nós. Essa experiência corporificada ocasiona o mapeamento metafórico FRENTE É CONHECIMENTO E TRÁS É NÃO CONHECIMENTO. O segundo exemplo, contudo, descreve uma situação em que a falha no experimento faz com que as pessoas envolvidas nele tenham que voltar a fazer o mesmo caminho na trajetória metafórica implícita na expressão e, portanto, retornar para trás, no ponto inicial. Nesse exemplo fica clara a conotação negativa, pois é evidente que algumas pessoas fizeram algo em vão.

4.3.4 Esquema PERTO-LONGE (NEAR-FAR)

Entendemos o esquema de imagem PERTO-LONGE com o auxílio do esquema PERCURSO. Os seus elementos estruturais incluem duas ou mais entidades, uma trajetória e alguma distância entre as entidades (se é uma distância pequena, o pólo PER-

TO do esquema é ativado, quando se trata de uma distância grande, o pólo LONGE do esquema é instanciado). Se uma entidade se encontra perto de outra, a mais forte delas exerce controle sobre a mais fraca; por outro lado, se uma entidade está longe da outra, não ocorre controle da mais forte sobre a mais fraca, devido à distância maior entre elas. Assim, a influência exercida de uma entidade para outra depende da distância que as separam. Vamos considerar os exemplos a seguir:

Depois da crise financeira, aquela empresa chegou perto da falência.

Muito do que foi discutido estava longe da verdade.

No caso do primeiro exemplo, a empresa se aproximou de um destino, a falência, que a atinge de um modo negativo. A proximidade da empresa com a falência é vista em termos de um progresso não alcançado pela entidade ao longo de uma trajetória. O polo PERTO do esquema PERTO-LONGE é ativado, quanto mais perto a empresa estiver da falência, maior será a influência da última sobre a primeira.

O polo PERTO do esquema PERTO-LONGE também é utilizado para estruturar o mapeamento metafórico INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE FÍSICA, quando se trata de duas pessoas que se encontram muito perto uma da outra.

Ao analisarmos o segundo exemplo, verificamos que o polo LONGE do esquema PERTO-LONGE é ativado, pois o que foi dito (a primeira entidade) encontra-se, numa trajetória metafórica, longe da verdade (a segunda entidade) e, portanto, não há influência da última sobre a primeira.

4.3.4.1 Esquema CONTATO (CONTACT)

Esse esquema é dependente do esquema de imagem PERTO-LONGE. A dependência ocorre devido ao fato de que, se não há distância alguma entre duas entidades, tais entidades encontram-se em contato. Por outro lado, se for mantida uma distância entre essas entidades, elas perdem o contato. Portanto, o esquema CONTATO é

dependente do pólo PERTO do esquema PERTO-LONGE. Seus elementos estruturais são duas ou mais entidades e uma trajetória sobre a qual a distância entre as entidades é medida. De acordo com o exemplo:

O entusiasmo dele me tocou.

Uma entidade abstrata, entusiasmo, percorre uma trajetória metafórica para se aproximar de alguém. Conseqüentemente, essa forma de emoção entra em contato com a pessoa envolvida nessa situação. Nesse exemplo, o entusiasmo afeta a entidade mais fraca, ou seja, a pessoa.

4.3.5 Esquema CICLO (CYCLE) e ESPIRAL (SPIRAL)

O esquema de imagem CICLO constitui um dos padrões corporificados que estruturam nossa experiência. Numa análise mais detalhada do esquema CICLO, de acordo com Peña (2008), foi encontrado indícios do esquema de imagem ESPIRAL. Esses esquemas compartilham algumas características, mas também possuem suas características individuais.

Os esquemas de imagem CICLO e ESPIRAL são dependes do esquema PERCURSO, porém constituem um tipo especial de trajetória, de natureza circular. Portanto, enquanto o destino de PERCURSO é frequentemente associado ao alcance de uma meta, no caso de CICLO e ESPIRAL a lógica interna é outra, pois o destino não é alcançado pelo fato de que, o ponto final da trajetória torna-se também o ponto inicial, devido à sua característica circular.

De acordo com Johnson (1987:119, apud PEÑA, 2008), nós entramos na existência por meio de um ciclo reprodutivo. O funcionamento de nossos corpos obedece à interação de ciclos complexos, como a respiração e as batidas do coração.

O esquema CICLO é constituído dos seguintes elementos estruturais: uma origem, um ponto final e uma direção. A trajetória percorrida é sempre a mesma, pois sempre que se chega ao ponto final, volta-se para o inicial. Vejamos um exemplo:

O ciclo de violência gerado pelo tráfico de drogas não acaba.

Aqui, ocorre uma situação na qual certo número de pessoas encontram-se constantemente envolvidas na violência, metaforizada como ciclos recorrentes dos quais não se pode escapar. O ponto inicial e final coincidem. Dessa forma, não há progresso, desde que as pessoas avançam numa trajetória, mas sempre voltam para trás no lugar de início, de modo recorrente.

O esquema de imagem ESPIRAL compartilha os mesmos elementos estruturais do esquema CICLO, porém difere do último em termos de sua lógica interna: se alguma entidade percorre uma trajetória espiral, ela deve passar por vários pontos ao longo da trajetória, quanto mais longe na trajetória ela estiver, mais tempo terá decorrido desde que ela deixou o ponto inicial, porém a entidade não consegue alcançar um destino específico, pois retorna ao começo. Nesse caso, o caminho percorrido não é idêntico àquele da trajetória circular, devido à própria constituição do que é espiral. No exemplo a seguir:

Minha cabeça está rodando.

A entidade (cabeça) traça um movimento circular metafórico. Essa expressão configura a falta de controle sobre a situação por parte do sujeito. A falta de controle ocorre pelo fato de que apesar da entidade estar em constante movimento, nenhum destino é alcançado. O esquema ESPIRAL é então ativado e, nesse caso, o verbo **rodar** descreve um estado de acontecimentos em que uma entidade gira em torno do mesmo eixo várias vezes sem chegar a lugar algum.

4.3.6 Esquema VERTICALIDADE (VERTICALITY)

O esquema de imagem VERTICALIDADE é também considerado como dependente do esquema PERCURSO. De acordo com sua direção, as trajetórias podem ser horizontais, circulares e verticais. As trajetórias verticais exibem uma orientação CIMA-BAIXO e motivam o esquema VERTICALIDADE. Esse esquema é constituído por uma trajetória vertical que consiste nos seguintes elementos estruturais: uma origem, uma direção e um destino. Contudo, o esquema VERTICALIDADE, apesar de ser dependente de PERCURSO, difere dele pelo fato de que, no caso de VERTICALIDADE, destinos não coincidem com o alcance de uma meta. Esse esquema estrutura metáforas como BOM É PARA CIMA/MAU É PARA BAIXO. Nos exemplos:

Ele está para cima hoje.

Ele caiu em depressão.

Verificamos que no primeiro exemplo é ativado o pólo CIMA da orientação CIMA-BAIXO do esquema VERTICALIDADE. Dessa forma, o estado de bom humor da pessoa descreve uma trajetória vertical com um caminho metafórico que atinge o alto de uma escala, aquele que se encontra nesse estado de espírito está “para cima”.

O estado de depressão no segundo exemplo ativa o pólo BAIXO da orientação CIMA/BAIXO, em que o modo pelo qual a pessoa se encontra é metaforizado numa trajetória vertical para baixo.

4.4 LIGAÇÃO (LINK)

No que se refere à LIGAÇÃO, essa noção fornece a base para a compreensão de muitas experiências recorrentes na vida. Desde o momento em que nascemos, experimentamos um processo de ligação, de união e conexão que proporciona nossa identidade. Os elementos estruturais do esquema de imagem LIGAÇÃO são os seguintes: duas ou mais entidades, alguma configuração que relaciona as entidades

umas às outras e uma união que estabelece uma conexão entre elas. Segundo Deane (1992:62, apud PEÑA, 2008), algumas partes são dependentes e outras são autônomas. Assim, enquanto algumas entidades são qualificadas como integrais, as outras são facultativas.

A lógica interna do esquema LIGAÇÃO é a seguinte: se duas ou mais entidades encontram-se ligadas por algum laço, elas podem afetar umas às outras. Se uma das entidades é mais poderosa do que a outra, essa entidade pode querer controlar a mais fraca. Dessa forma, é habitual que entidades integrais exerçam controle sobre entidades opcionais. Se as entidades desenvolvem uma conexão muito forte entre si, elas podem constituir um todo, embora esse não seja sempre o caso. Vejamos estes exemplos:

Alguns séculos atrás, as universidades eram ligadas à Igreja.

Estudos recentes reforçam a evidência da ligação entre fumantes e câncer precoce.

Em relação ao primeiro exemplo, a ligação entre as universidades e a Igreja parece ser muito forte, pois ambas as partes podem ser vistas como integrantes de um todo em que a parte dominante é a Igreja, que impõe suas crenças (um laço metafórico) sobre as universidades.

No segundo exemplo, o laço figurativo não liga as duas entidades para constituírem um todo.

Portanto, o esquema de imagem LIGAÇÃO funciona sempre que algumas entidades se encontram em um estado de relacionamento e ocorre uma conexão entre elas. O fato de esse esquema combinar com outros modelos cognitivos não o torna sempre dependente deles. Por outro lado, LIGAÇÃO também não constitui um esquema básico para outros modelos dependerem dele. O que ocorre é que esse padrão experiencial

constitui um tipo especial de construção que serve como um auxílio na descrição de outros modelos.

5 METÁFORA

A metáfora será abordada de acordo com a teoria da Linguística Cognitiva, enfocando sua constituição conceitual.

5.1. Teoria da metáfora conceitual

A teoria moderna da metáfora surge com o trabalho de Lakoff e Johnson (1980), intitulado **Metaphors we live by**. Os autores partem de uma abordagem cognitivista, tratando a metáfora como um conceito que estrutura nosso pensamento e nossa linguagem, surgindo assim a metáfora conceitual.

De acordo com esse novo paradigma, a metáfora possui valor cognitivo, não é uma simples figura literária, mas uma operação cognitiva fundamental que estrutura e influencia nosso pensamento e nossas ações.

Eles demonstram que a metáfora também faz parte da linguagem cotidiana, pois essa revela um sistema conceptual metafórico no modo de compreender e experienciar o mundo. Esse sistema rege também nosso pensamento e nossa ação. Dessa forma, as metáforas da linguagem cotidiana influenciam nossa vida, porque as vivenciamos no dia-a-dia. Nessa teoria é demonstrada a evidência das expressões linguísticas do cotidiano para inferir a existência de relações metafóricas ou mapeamentos entre domínios conceituais na mente humana.

Os autores demonstram que a linguagem cotidiana é amplamente metafórica e parcialmente literal. Além disso, Lakoff e Turner (apud LAKOFF e JOHNSON, 2002) mostram que o sistema metafórico convencional, ou seja, da linguagem cotidiana, é a base da compreensão e produção das metáforas literárias. Dessa forma, não existe a dicotomia da metáfora na linguagem literária e na linguagem cotidiana, e o conceito de figura que a fundamenta passa a ser outro, ela não é mais concebida como algo desviante e periférico. Ao contrário, ela é vista como um fenômeno central na linguagem e

no pensamento, estando presente em todos os tipos de linguagem, na cotidiana e também na científica. Muitos conceitos básicos como tempo etc; e conceitos emocionais como amor e raiva são compreendidos metaforicamente. Exemplos, com base em Lakoff e Johnson (1980):

Conceitos metafóricos de tempo:

O seu tempo está se **esgotando**.

O tempo **voa**.

Conceitos metafóricos de amor:

Eles sentem um pelo outro uma **atração** incontrolável.

Ele é conhecido por suas inúmeras **conquistas** rápidas.

Conceitos metafóricos de raiva:

Ele está **fervendo** de raiva.

Ela ficou **verde** de raiva.

Assim, a sistematicidade das expressões metafóricas convencionais constitui uma importante fonte de evidência de que as pessoas pensam metaforicamente. Portanto, a metáfora é um recurso de pensamento (um aparato cognitivo) que nos faz falar, ver e agir sobre determinados fenômenos de certo modo, e não de outro.

Segundo esses autores, a metáfora é uma forma de projeção de um domínio sobre outro domínio: “A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra.” (LAKOFF e JOHNSON, 1980, p.5). Ou seja, a metáfora é uma transposição de um domínio de origem para um domínio alvo. De acordo com Croft e Cruse (2004):

A característica central da teoria de Lakoff e Johnson da metáfora (convencional) é que a metáfora não é uma propriedade de expressões linguísticas individuais e seus significados. Em princípio, qualquer conceito do domínio de origem – o domínio que sustenta o significado literal da expressão – pode ser usado para descrever um conceito no domínio alvo – o domínio da sentença de fato. (CROFT e CRUSE, 2004, p.195).⁹

Embora não lembrado pelos autores Lakoff e Johnson (1980), o conceito que faz parte do domínio de origem constitui um *frame*, o qual é constituído por modelos globais associados a um conceito central que, de acordo com o senso comum, são informações presentes em nossa memória de longo prazo, de carácter universal e apreendidas no convívio social.

Assim, de acordo com esse modelo, se quisermos falar de amor, podemos usar o domínio da loucura e dizer algo como **Estou fora de mim por causa dele**. Podemos também usar o domínio da magia e dizer **Fiquei encantada com ele**. Podemos esquematizar dessa forma:

domínio de origem

loucura

magia

domínio alvo

amor

Esse mapeamento da metáfora conceitual entre dois domínios é, contudo, assimétrico, pois a expressão metafórica descreve uma estrutura conceitual no domínio alvo, não no domínio de origem. Por exemplo, segundo Croft e Cruse (2004), o amor é expresso em termos de jornada, mas jornadas não são expressas em termos de amor.

⁹“The central characteristic of Lakoff and Johnson’s theory of (conventional) metaphor is not a property of individual linguistic expressions and their meanings, but of whole conceptual domains. In principle, any concept from the **source domain** – the domain supporting the literal meaning of the expression – can be used to describe a concept in the **target domain** – the domain the sentence is actually about.” (CROFT e CRUSE, 2004, p.195).

Quanto às metáforas conceituais, Lakoff e Johnson (1980), demonstram que são três os tipos fundamentais: as metáforas estruturais, as metáforas orientacionais e as metáforas ontológicas.

5.1.1 Metáforas Estruturais

As metáforas estruturais consistem na estruturação parcial de um conceito em função de outro. Assim, é possível tomar um conceito por outro, sob alguns aspectos que queremos realçar, não em sua totalidade. Exemplos, segundo Lakoff e Johnson (1980):

Discussão é guerra

Suas críticas foram **direto ao alvo**.

Jamais **ganhei** uma discussão com ele.

Ele **derrubou** todos os meus argumentos.

domínio de origem

guerra

domínio alvo

argumentação

Tempo é dinheiro

Você está me fazendo **perder** tempo.

Como você **gasta** seu tempo hoje em dia?

Eu não **tenho** tempo para **perder** com isto.

domínio de origem

dinheiro

domínio alvo

tempo

5.1.2 Metáforas Orientacionais

As metáforas orientacionais organizam todo um sistema de conceitos em relação a um outro, fazendo surgir orientações espaciais vinculadas à relação dos nossos corpos com o ambiente físico. Ex:

Feliz é para cima; triste é para baixo

Meu astral **subiu**.

Pensar nela sempre me **levanta** o ânimo.

Eu **caí** em depressão.

Estou **no fundo do poço**.

Saúde e vida são para cima; doença e morte são para baixo

Ele está no **auge** da sua forma física.

No que diz respeito à sua saúde, ele está se **levantando**.

Ele **caiu** doente.

A gripe o **derrubou**.

5.1.3 Metáforas Ontológicas

As metáforas ontológicas decorrem da relação da nossa experiência com substâncias e objetos físicos. São conceitos que permitem identificar nossas experiências com entidades ou substâncias, capazes de categorizar, quantificar ou agrupar o que se encontra à nossa volta, organizando nosso raciocínio. Ex:

Metáforas de entidades e de substância

Metáfora de entidade: *Mente é uma entidade*

Mente é uma máquina

A minha mente simplesmente não está **funcionando** hoje.
Estou um pouco **enferrujado** hoje.

Mente é um objeto quebradiço

O seu ego é muito **frágil**.
A experiência o **despedaçou**.

Metáfora de substância

Campos visuais são recipientes

O navio **está entrando no meu campo** de visão.
Ele **está ao alcance** da minha visão.

Estados são recipientes

Ele está **em** estado de amor.
Estamos **fora de** perigo agora.

Atividades são recipientes

Ele está **imerso na** lavagem de janelas agora.
Como Jerry **escapou** de lavar as janelas?

Partindo desses três tipos fundamentais de conceituar metaforicamente o que queremos expressar sob a forma da linguagem, Lakoff e Johnson (1980) demonstram que a metáfora é de natureza conceptual, pois é um instrumento do nosso aparato cognitivo, essencial para a nossa compreensão do mundo, da nossa cultura e de nós mesmos.

5.2 Metáforas Primárias

Em seu livro **Philosophy in the Flesh**, Lakoff e Johnson (1999) propõem uma divisão das metáforas em primárias e complexas.

As metáforas primárias são aquelas vinculadas à própria aquisição da linguagem pela criança, e são também adquiridas automaticamente e inconscientemente. É por meio delas que conceitualizamos nossas experiências subjetivas como importância, similaridade, afeição, intimidade etc. Fazemos isso por meio de outros domínios da experiência, os domínios sensório-motores.

Segundo os autores, as metáforas primárias são mapeamentos de um cruzamento de domínios, de um domínio de origem (domínio sensório-motor) para um domínio alvo (o domínio da experiência subjetiva).

Em **Metaphors we live by**, Lakoff e Johnson (1980) apontam para a existência da experiencialidade baseada em mapeamentos, por exemplo, em **Mais é para cima**. Nesse caso, um julgamento subjetivo de quantidade é conceitualizado em termos da experiência sensório-motora de verticalidade.

De acordo com eles, no começo do desenvolvimento, não ocorre o mapeamento do cruzamento de domínios, pois essas correlações são compactações, em que quantidade e verticalidade não são vistas separadamente, mas como associações. Somente após esse período, é que as associações entre **mais e cima** e entre **menos e baixo** constituem um mapeamento de cruzamento de domínios.

Dessa forma, podemos concluir que nós adquirimos um grande sistema de metáforas primárias desde os primeiros anos de vida, que isso não depende de nossa escolha, e que pensamos naturalmente utilizando centenas de metáforas primárias.

Exemplos de metáforas primárias segundo Lakoff e Johnson (1999):

Afeição é quente

Julgamento subjetivo: afeição

Domínio sensorio-motor: temperatura

Exemplo: Eles me cumprimentaram **calorosamente**.

Experiência primária: sensação de calor quando se é abraçado afetuosamente.

O importante é grande

Julgamento subjetivo: importância

Domínio sensorio-motor: tamanho

Exemplo: Amanhã será um **grande** dia.

Experiência primária: quando criança, descobrir que as coisas grandes, como os pais, são importantes e podem exercer forças maiores sobre ela e dominar sua experiência visual.

Felicidade é para cima

Julgamento subjetivo: felicidade

Domínio sensorio-motor: orientação corporal

Exemplo: Eu estou me sentindo **para cima** hoje.

Experiência primária: Sensação de felicidade ao ter uma postura com energia e ereta (correlação entre estado afetivo e postura).

Categorias são recipientes

Julgamento subjetivo: percepção de gêneros

Domínio sensorio-motor: espaço

Exemplo: Os tomates estão **na categoria** fruta ou vegetal?

Experiência primária: Observar que as coisas que se encontram juntas tendem a estar na mesma região limitada (correlação entre localização comum e propriedades, funções ou origens comuns).

Semelhança é proximidade

Julgamento subjetivo: semelhança

Domínio sensorio-motor: proximidade no espaço

Exemplo: Essas cores não são perfeitamente as mesmas, mas são **próximas**.

Experiência primária: Observar objetos semelhantes agrupados juntos (flores, árvores, rochas, prédios, louças).

Conhecimento é visão

Julgamento subjetivo: conhecimento

Domínio sensorio-motor: visão

Exemplo: Eu **vejo** o que você significa.

Experiência primária: Obter informação por meio da visão.

5.3 Metáforas Complexas

As metáforas complexas surgem a partir da vivência das metáforas primárias. Segundo Lakoff e Johnson (1999):

Metáforas primárias são como átomos que podem ser colocados juntos para formarem moléculas. Muitas dessas metáforas moleculares complexas são estáveis, convencionalizadas, firmadas por longo período de tempo. Elas formam uma vasta parte do nosso sistema conceitual e influenciam como nós pensamos

e cuidamos de quase todos os nossos momentos despertos. (L AKOFF e JOHNSON, 1999, p. 60).¹⁰.

Assim, as metáforas complexas são construídas a partir de conceitos estruturados por metáforas primárias.

Um exemplo de metáfora complexa é o de que **Uma vida intencional é uma jornada**. Essa metáfora veicula um conceito arraigado em nossa cultura: as pessoas são consideradas “de bem” e “normais” quando possuem metas para atingir, quando passam por obstáculos e fazem planos para alcançá-las, para, finalmente, chegar à realização daquilo que planejaram.

Essa metáfora complexa **Uma vida intencional é uma jornada** é construída a partir de metáforas primárias que veiculam os conceitos de que as pessoas têm propósitos na vida, e de que elas precisam agir para alcançá-los. As metáforas primárias são:

Propósitos são destinos.

Ações são movimentos.

Esses conceitos combinados veiculam a idéia de que uma longa viagem com um destino é uma jornada, e assim formam um mapeamento metafórico complexo:

Uma vida intencional é uma metáfora de jornada

Uma vida intencional é uma jornada.

Uma pessoa vivendo uma vida é um viajante.

Metas na vida são destinos.

^{10c}Primary metaphors are like atoms that can be put together to form molecules. A great many of these complex molecular metaphors are stable, conventionalized, entrenched, fixed for long periods of time. They form a huge part of our conceptual system and affect how we think and we care about almost everywalking moment.” (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p.60).

Um plano de vida é um itinerário.

Um exemplo dessa metáfora complexa é o famoso poema de Drummond (1974) “No meio do caminho”:

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
 na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra. (DRUMMOND, 1974, p.12).

A “pedra no meio do caminho” pode ser entendida como uma manifestação dessa metáfora complexa. Aqui, a “pedra” constitui a metáfora de problema, dificuldade, que cresce, fica enorme, por meio do recurso da repetição. Assim, ela representa um obstáculo nas metas que determinada pessoa (viajante) deseja alcançar.

Outro exemplo de metáfora complexa é **Amor é uma jornada**. Ela é formada com base em outra metáfora vista acima: **Uma vida intencional é uma jornada**. Quando pensamos nessa metáfora, percebemos que as metas propostas para serem alcançadas são planejadas apenas por uma pessoa, que só depende de suas ações e desejos para atingir seus planos. Em **Amor é uma jornada**, ocorre uma extensão desses primeiros conceitos: quando falamos de amor concebido em termos de jornada, pensamos em duas pessoas, dois viajantes que planejam metas comuns, que procuram alcançar juntamente tais metas, mas que, devido aos obstáculos que aparecem, podem ficar juntos ou não.

Mapeamento metafórico complexo:

O amor é uma jornada

Amor é uma jornada.

Os amantes são viajantes.

Suas metas comuns de vida são destinos.

O relacionamento é um veículo.

Dificuldades são impedimentos para o movimento.

Alguns exemplos dessa metáfora complexa:

Alcançaremos a felicidade **juntos**.

Não estamos **indo para lugar nenhum** com essa relação.

5.4 Transferência de valores

A utilização da metáfora constitui uma transferência do significado próprio dos termos de uma proposição, consiste em referir-se a alguma coisa fazendo uso da imagem ou ideia de outra coisa. Essa transferência somente é possível devido ao fato de haver afinidades, mesmo que remotas, entre coisas diferentes, associações entre termos que não costumam ser associados.

A transferência de valores utilizada na construção metafórica é um processo em que ocorre o estabelecimento de semelhanças entre aquilo que é novo, (domínio alvo), e aquilo que já é conhecido (domínio de origem), criando um efeito de sentido.

No entanto, Lakoff e Johnson (1980), lembram que nem todos os elementos que pertencem ao domínio de origem são transpostos para o domínio alvo, mas apenas parte deles. Por exemplo, quando dizemos **Aquela menina é uma flor**, entendemos que ela é delicada, frágil como uma flor, e não que possui pétalas.

Isso ocorre porque a transferência de valores depende do contexto em que a metáfora é utilizada. Ao usarmos uma metáfora para obter um efeito de sentido específico sobre algo que desejamos expressar, precisamos estabelecer quais características do domínio de origem devemos utilizar para criar o efeito de sentido pretendido no domínio alvo.

Assim, podemos utilizar, por exemplo, o domínio de origem **sol** para designar uma pessoa essencial em nossa vida: **Você é o sol da minha vida, que ilumina minha existência**, em um determinado contexto. Podemos também utilizar o mesmo domínio de origem **sol** com outro tipo de significado, como: **A vida dele é um sol crepuscular**, para expressar que a pessoa encontra-se na fase final de sua vida, na velhice, de acordo com outro contexto completamente diferente do primeiro.

Dessa forma, fica evidente que a transferência de valores metafóricos depende do contexto em que as metáforas são aplicadas.

5.5 Teoria da Mesclagem (*Blending*)

A teoria da mesclagem constitui outra teoria da metáfora, que complementa a de Lakoff e Johnson (1980), aperfeiçoada por Fauconnier (1999), em seu livro **Mental Spaces**, e por Fauconnier e Turner (2002), em **The way we think**, introduzindo a teoria do espaço *blend*.

O modelo teórico do *blending* considera que o domínio de origem (DO) e o domínio alvo (DA), funcionam, respectivamente, como *input1* e *input2*, a partir dos quais se cria um terceiro espaço mental genérico, em que atributos de ambos os domínios se encontram, compartilhados pelos *inputs* anteriores, produzindo um quarto espaço mental, denominado de espaço *blend*. No seguinte exemplo, podemos demonstrar esse processo.

Numa consulta médica, ocorre uma discussão entre médico e paciente e aquele se altera, agindo de forma grosseira, o que desencadeia a seguinte opinião do paciente a seu respeito:

Aquele médico **é um cavalo**.

cavalo

irracionalidade

brutalidade

montaria

etc.

médico

competência

relacionamento com pacientes

cura de doenças

etc.

input1

input2

A partir desses dois inputs, é criado um espaço genérico que contém os elementos mais comuns compartilhados por esses *inputs*:

brutalidade

relacionamento com pacientes

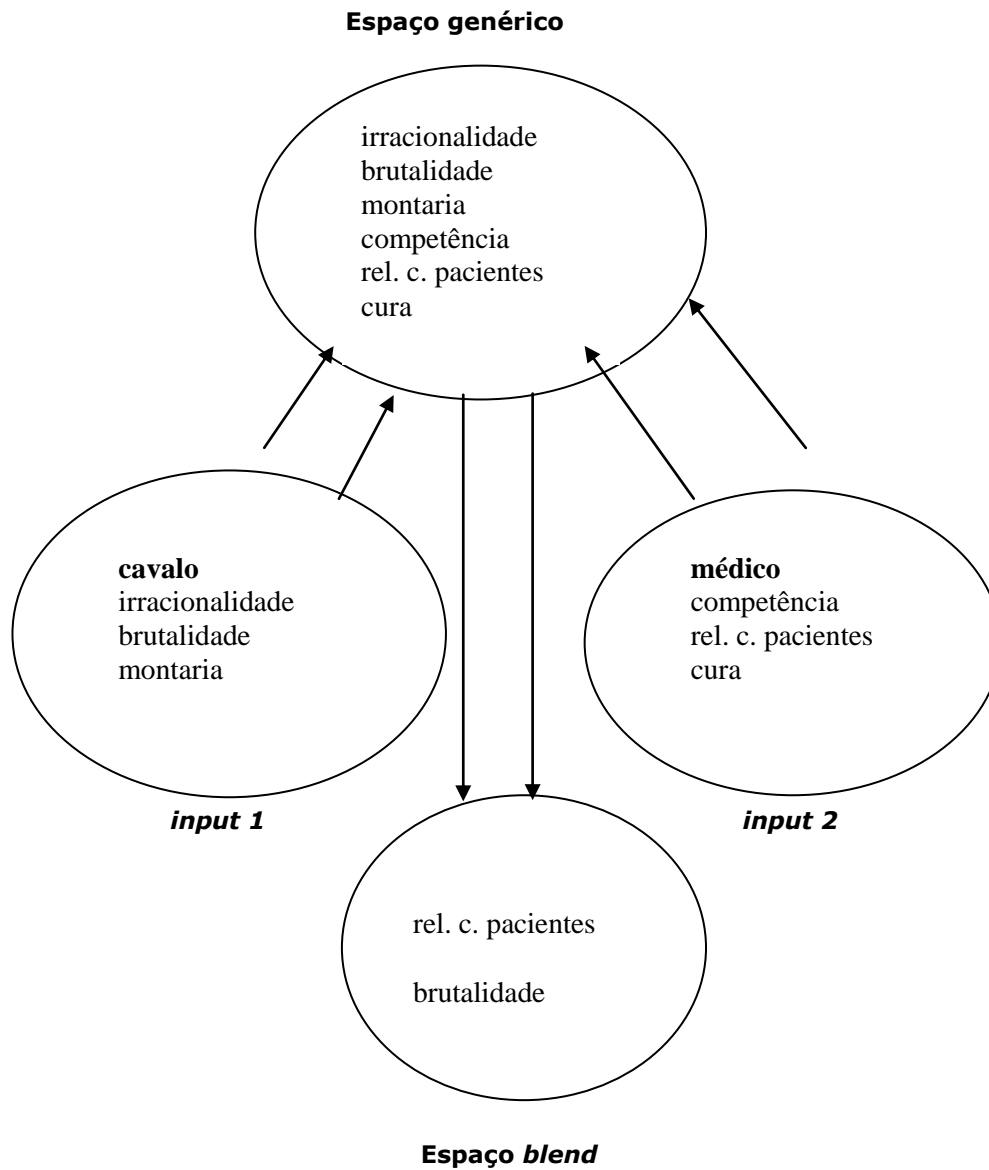
espaço genérico

Dessa forma, é criado um *espaço blend*, em que surge a metáfora:

brutalidade = relacionamento com pacientes

espaço *blend*

Visualização esquemática:



De acordo com Fauconnier e Turner (2002), o que existe no espaço *blend*, não existe nem no *input 1*, nem no *input 2*. Segundo o exemplo acima, não existe, no conceito de cavalo (*input 1*), a noção de cura de doenças ou de relacionamento com pacientes, assim como no conceito de médico (*input 2*), não existe a noção de montaria.

Assim, podemos concluir que, no espaço *blend*, existe apenas uma das características que engloba o conceito de cavalo, que queremos projetar para uma das caracte-

rísticas que engloba o conceito de médico, nesse caso, o conceito de brutalidade (cavalo), para o de relacionamento com pacientes (médico). Esse é o mecanismo da **compressão**, que faz parte dos nossos processos cognitivos diários e está na origem de toda a criatividade humana, pois realizamos um significativo *blending* criativo nas nossas ações e falas diárias.

Portanto, a teoria de *Blending* faz uma nova leitura do modelo anterior da metáfora, dentro da teoria dos Espaços Mentais.

5.5 Metáfora na Literatura

Vamos falar da metáfora na literatura partindo da proposta da Teoria Cognitiva da Metáfora Literária, de Lakoff e Turner (1989), de acordo com a qual não se separa a linguagem literária da linguagem cotidiana, pois a linguagem literária utiliza os mecanismos da linguagem cotidiana: a parte literal, as projeções metafóricas, os modelos cognitivos idealizados; porém de forma ampliada e elaborada. Segundo esses autores, as expressões linguísticas metafóricas presentes na literatura constituem extensões de metáforas conceituais básicas.

Vamos ilustrar essa afirmação com a metáfora conceitual **A vida é uma viagem**. Essa metáfora constitui um mapeamento básico pelo qual entendemos nossa vida em termos de viagem e, conseqüentemente, expressamos esse conceito por meio de construções linguísticas convencionais como: **O caminho para se alcançar o sucesso é longo**.

Partindo dessa metáfora conceitual básica, um poeta ou escritor pode ampliá-la criativamente para criar determinada expressão literária, porém, essa metáfora já se encontra estabelecida no sistema conceitual do ser humano.

Assim, a partir desse exemplo, podemos ilustrar o uso da metáfora **A vida é uma viagem** na seguinte passagem de **Grande Sertão: Veredas**:

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é um ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? (ROSA, 1986, p.26).

Nesse exemplo, o autor amplia a metáfora em questão, inserindo o conceito de que não podemos ter controle completo sobre nosso destino, pois às vezes chegamos a lugares (situações) completamente inesperados e não planejados.

No entanto, para Lakoff e Turner (1989), existe a possibilidade de ocorrer, em textos literários, mapeamentos metafóricos conceituais idiossincráticos, ou seja, completamente inusitados. Mas, em geral, os escritores não se afastam muito dos sistemas conceituais estabelecidos, limitando-se, na maioria das vezes, em ampliá-los, de maneira criativa.

De acordo com os autores, existem as seguintes possibilidades para as metáforas literárias:

- **Metáforas conceituais totalmente inusitadas:** são aquelas expressas de maneira linguisticamente idiossincráticas, não possuem nenhum vínculo com as metáforas cristalizadas em nosso sistema conceitual. Exemplo:

[...] Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo...Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém! [...] (ROSA, 1984, p.8)

- **Metáforas conceituais parcialmente inusitadas:** são aquelas que alteram ou ampliam de forma criativa as metáforas conceituais que já se encontram em nosso sistema conceitual. Exemplo: “[...] e essas outras cobras claras, que passam de cabeça alçada, em nado de campeonato.” (ROSA, 1984, p.106).

- **Metáforas Cristalizadas:** aquelas que não percebemos mais como metáforas, que fazem parte do uso cotidiano da língua. Exemplo: “[...] Vai deixar a sá Ritinha com o Ramiro?... Malfeito! Isso é ter sangue de barata.” (ROSA, 1984, p.83).

6 ESQUEMAS DE IMAGEM ENVOLVENDO O TEMA DA TRAVESSIA

Procuraremos, nesta seção, utilizar a ferramenta teórica de alguns esquemas de imagem, principalmente os de PERCURSO, para, por meio deles, tentar chegar a uma possível análise e interpretação de alguns trechos de **Grande Sertão: Veredas** que envolvem o tema da travessia.

Texto 1

[...] Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém! [...] p.8

Nesse texto, encontramos a travessia sob a forma de um percurso no pensamento. Temos aqui o uso de uma metáfora: o próprio Riobaldo projeta-se em um cão rastreador e, conseqüentemente, a ideia sobre a qual ele pensa, no animal de caça. Isso acontece dentro do esquema de imagem de PERCURSO em terra, em que existe uma origem (a ideia/animal de caça solta na frente de Riobaldo), uma trajetória (o rastreamento dessa ideia) e uma meta (o encontro da linha de raciocínio/caça obtida por meio de uma idéia).

O esquema de DINÂMICA DE FORÇAS ocorre devido ao fato de que o cão mestre (Riobaldo), constitui o antagonista, aquele que consegue rastrear e capturar o agonista (ideia ligeira.)

Texto 2

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. [...] p.15

A ideia de trajeto encontra-se configurada nesse exemplo por meio do esquema de imagem de PERCURSO. A mudança nas pessoas pode ser entendida como uma trajetória percorrida, em que a mudança física, de um ponto ao outro de um determinado caminho, é conceitualizada na mudança interna das pessoas, no que concerne aos seus valores, modo de conceber a vida etc.

Essa mudança pode tanto ser para melhor, metaforizada no texto por **afinam**, ou para pior, metaforizada por **desafinam**.

Como o esquema de imagem de PERCURSO surge de nossa interação com o ambiente, no domínio físico, podemos implicar que a mudança nas pessoas decorre, na maioria das vezes, da interação com algo ou alguém, portanto sempre mudamos por causa de alguma coisa.

Para que ocorra uma mudança é preciso haver um estado inicial, em que a pessoa está de determinado jeito (origem do percurso), um estado intermediário, onde alguma coisa acontece (pontos intermediários no percurso) e um estado final, em que a pessoa passa de um estado para outro e muda (destino do percurso). O movimento da entidade através do espaço é configurado no processo dinâmico que envolve uma mudança.

No exemplo citado, a constatação do narrador de que as “pessoas ainda não foram terminadas” concerne na ocorrência do esquema de imagem PROCESSO, dependente conceitualmente do esquema de PERCURSO.

A própria noção de mudança implica na concepção de um processo dinâmico com uma meta a ser atingida. Por outro lado, em relação à sua dependência com o esquema de PERCURSO, os processos são geralmente entendidos em termos de trajetória.

Tanto o percurso quanto o processo que o envolve são permeados por uma força que sempre interage com as pessoas durante a trajetória que percorrem para alcançarem determinada mudança. Dessa forma, o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS constitui a representação conceitual da interação entre entidades. As pessoas, que são os agonistas, geralmente encontram obstáculos em seus caminhos, os antagonistas, que podem impedi-las de atingirem seus objetivos. Esses obstáculos (forças) podem impedir ou não a pessoa de agir, dependendo da estrutura interna de cada um. Assim, qualquer processo de mudança implica uma interação com forças ao longo da trajetória percorrida.

Texto 3

Ah, eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem... Com isso minha fama clareia? Remei vida solta. Sertão: estes seus vazios.[...] p.22

Temos aqui uma metáfora (remei vida solta) estruturada pelo esquema de PERCURSO. Essa metáfora aquática remete ao frame de esforço, pois a atividade de remar exige isso e, para seguir em frente nos obstáculos que a vida impõe, é preciso fazer muito esforço; ao frame de que a pessoa faz a direção, devido ao fato de que não existe, na água, um caminho pronto a ser percorrido, portanto, o indivíduo precisa fazer sua própria trajetória, de acordo com a direção que precisa seguir, analogamente, cada pessoa faz seu próprio “caminho” na vida, de acordo com aquilo que precisa e deseja alcançar; e por último, ao frame: perigo de afogar ou se perder, ou seja, quando se está no mar ou no rio, existe essas possibilidades e, similarmente, todos corremos o risco de nos perdermos diante de algum problema ou obstáculo, de qualquer situação inesperada e difícil.

Todos esses frames encontram-se inseridos no esquema de PERCURSO, o que nos leva a perceber um caminho sem direção determinada, como se o narrador tivesse deixado se levar pelos acontecimentos, sem conseguir chegar onde queria exatamente, como se não tivesse domínio de suas vontades.

Nesse ponto ocorre a inserção do esquema de DINÂMICA DE FORÇAS, ou seja, forças antagonistas levaram a personagem, o agonista, a percorrer caminhos, tomar decisões que não estavam previstas, conduzindo-o a desfechos muitas vezes inesperados.

O narrador insere um ponto de vista vivido, repassado, faz uma análise de sua vida. Portanto, temos, nesse caso, o esquema de PERCURSO, com origem, trajetória e meta, mas que, devido à dinâmica de forças envolvida, faz com que Riobaldo percorra um caminho sem alcançar exatamente a meta desejada.

Texto 4

[...] Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entredito nas ideias dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? p.26

Temos, nesse exemplo, uma metáfora estruturada pelo esquema de PERCURSO completo: com origem, trajetória e meta.

Riobaldo percebe que sempre acontece a mesma coisa em sua vida: que em todas as situações importantes ele só percebe o início e a conclusão do que ocorre, mas que, no desenrolar da situação, ele perde o controle e as coisas terminam por não acontecerem da maneira como o jagunço queria, com um desfecho inesperado.

Essa questão é exemplificada por meio da metáfora do rio: da travessia de um rio. A travessia, por sua vez, remete ao frame de mudança: quando vamos de um lugar para outro (travessia espacial), quando passamos por determinadas circunstâncias, ocorre uma mudança de situação em nossas vidas.

O esquema de PERCURSO é ativado, porém apenas com a percepção clara da origem e da meta, a trajetória é percorrida sem que se tenha uma noção precisa sobre o que está ocorrendo. Trata-se, também, da projeção do espaço (travessia do rio) no tempo (acontecimentos na vida de Riobaldo).

A metáfora do rio remete também ao frame de correnteza, quando se pensa na travessia de um rio, se pensa na correnteza que existe nesse lugar, dificultando a passagem pela água, daí o fato de atravessar um rio a nado e chegar na outra margem num lugar bem diferente do que se previa. A correnteza, por sua vez, ativa o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS: ela age como um antagonista, fazendo com que o agonista não consiga chegar onde pretende devido à uma ação de força contrária a ele, ou seja, age, nesse caso, como uma força imprevisível mas invencível, que leva Riobaldo a destinos inesperados.

A própria oração: "Viver nem não é muito perigoso?" conclui uma linha de raciocínio de acordo com a qual não podemos ter controle de tudo na nossa vida, pois existe sempre algo maior que nos escapa, agindo sobre as pessoas e as situações.

Texto 5

[...] Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. [...] p.52

Esse trecho remete ao anterior, complementando-o. A ideia transmitida no exemplo anterior é a de que Riobaldo não conseguia perceber o que ocorria ao longo da travessia. Aqui, o jagunço afirma que o real da vida ocorre exatamente no decorrer da travessia, assim, o que verdadeiramente importa na vida, o real, muitas vezes acontece sem que as pessoas percebam.

Nesse exemplo, a metáfora da travessia encontra-se estruturada pelo esquema de PERCURSO: o que realmente importa não é a saída (origem), nem a chegada (meta), mas precisamente o que se desenrola ao longo da trajetória (travessia).

Dessa forma, o que verdadeiramente importa é o caminho percorrido para se alcançar determinada meta, com seus obstáculos, cheio de surpresas e dificuldades, pois o real está naquilo que move as pessoas a enfrentarem esse caminho, seus sonhos e desejos.

Texto 6

[...] Qual é o caminho certo da gente? Nem para a frente nem para trás: só para cima. Ou parar curto quieto. Feito os bichos fazem. Os bichos estão só é muito esperando? Mas, quem é que sabe como? Viver... O senhor já sabe: viver é et-cétera... [...] p.78

Nesse caso, temos o esquema de imagem VERTICALIDADE, que consiste numa trajetória vertical de percurso, portanto esse esquema é dependente do esquema de PERCURSO, mas difere dele pelo fato de que, no caso de verticalidade, destinos não coincidem com o alcance de uma meta. Aqui, Riobaldo afirma que o caminho certo para as pessoas é para cima, não para frente nem para trás. Isso nos remete à ideia de que o tempo não volta e que o futuro nem sempre é alcançado da maneira que se deseja. Trata-se de uma trajetória, porém sem uma meta a ser alcançada, apenas um estado de coisas.

Texto 7

[...] A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. [...] p.82

Lembrança metaforizada em trajetória, ou seja, em trechos diversos, no caso desse exemplo. Ocorre o esquema de imagem de PERCURSO, porém apenas com a ativação da trajetória, a origem e a meta não se encontram mencionadas.

As lembranças aparecem na memória do narrador como se fossem trechos de trajetórias diferentes, não se misturam porque cada fato lembrado possui um sentido diferente, de maior ou menor importância. Trata-se da projeção dos caminhos concretos que Riobaldo percorreu, em trechos diferentes em sua memória, havendo uma analogia entre o caminho concreto, vivido e percorrido, e o conceito abstrato dessas lembranças na memória do narrador. Podemos depreender que o pensamento de Riobaldo consiste numa segunda travessia, dessa vez com o intuito de tentar dar sentido ao que aconteceu em sua vida.

Texto 8

[...] Que fosse como sendo o trivial do viver feito uma água, dentro dela se esteja, e que tudo ajunta e amortece – só rara vez se consegue subir com a cabeça fora dela, feito um milagre: peixinho pediu. p. [...]118

O viver dentro da água, debaixo dela, remete ao esquema CONTÊINER. As pessoas, segundo o narrador, vivem como se estivessem dentro desse recipiente, a água, amortecidas e ajuntadas, ou seja, as pessoas acabam perdendo sua individualidade e opiniões próprias para aceitarem aquilo que lhes é imposto, sem que haja sequer a percepção de que esse tipo de coisa lhes esteja ocorrendo, daí a noção de encontrarem-se num estado de amortecimento. Isso é, na maioria das vezes, o trivial da vida. Mas, apesar de ser muito difícil, às vezes algumas pessoas conseguem sair dessa letargia: é quando se colocam a cabeça para fora da água. Aqui ocorre o esquema VERTICALIDADE, com trajetória orientada para cima. Nesse caso **cima** é metaforizado como algo iluminador, como lampejos do entendimento, que raras vezes acontece, é quando alguém consegue entender, nem que seja por um instante, o verdadeiro significado da existência, aquele instante mágico onde tudo parece se juntar e fazer sentido.

Tudo isso se encontra metaforizado pelo viver dentro da água, a água também significando aquilo que não é estático, possibilitando que haja movimento e mudança de quem se encontra dentro dela.

Texto 9

[...] Minha tristeza é uma volta em medida; mas minha alegria é forte demais. Eu atravessava no meio da tristeza, o Reinaldo veio.[...] p.131

Nesse trecho, o esquema de PERCURSO estrutura a metáfora da tristeza, ou seja, algo concreto, a trajetória, é conceitualizado em termos de uma emoção.

A ideia da travessia ocorre somente ao longo da trajetória, não é mencionada nem a origem, nem a meta. É como se a tristeza fosse alguma coisa não esperada, daí não haver a percepção de seu início. Por outro lado, nem sempre é fácil visualizar o fim desse sentimento quando alguém se encontra passando por ele.

Dessa forma, Riobaldo procura passar ao seu interlocutor o passar pela tristeza como se sendo um caminho percorrido.

Texto 10

Ah, aquele dia me carregou, abreviei o poder de outras aragens. Cabeça alta – digo. Esta vida está cheia de ocultos caminhos. Se o senhor souber, sabe; não sabendo, não me entenderá. [...] p.132

Os ocultos caminhos da vida são aqueles que não esperamos que aconteçam. Ocorre o esquema de imagem de PERCURSO, porém de forma estática, dando-nos uma noção de que a vida é feita de caminhos, porém não há o conceito de um movimento, ou seja, de algo percorrendo uma determinada trajetória.

Texto 11

[...] Minha amizade sobrou um pouco para ele, que era criatura de simples coração. Digo ao senhor: naquele dia eu tardava, no meio de sozinha travessia. p.159

Aqui, a travessia é utilizada como metáfora da solidão. Riobaldo procura demonstrar, por meio da lembrança dessa passagem na sua vida, de que a solidão é sentida como um caminho a ser percorrido, muitas vezes de forma sofrida, mas necessária.

O esquema de PERCURSO estrutura essa metáfora, que se concentra no decorrer da trajetória.

Texto 12

[...] Acho que o espírito da gente é cavalo que escolhe estrada: quando rumo para tristeza e morte, vai não vendo o que é bonito e bom. Seja? [...] p.161

O cavalo que escolhe estrada é utilizado como metáfora para o espírito do homem. Nesse caso, o esquema de PERCURSO ocorre em toda a sua estrutura: origem, trajetória e meta.

A meta, nesse caso, é a tristeza e a morte. A ideia do cavalo que escolhe o caminho para a tristeza e a morte é projetada, metaforicamente, num conceito abstrato do espírito humano (tristeza).

Aqui, a meta a ser alcançada pelo homem é a própria tristeza e morte, não ocorre a percepção, durante a trajetória, daquilo que é bonito e bom

Texto 13

[...] Confusa é a vida da gente; como esse rio meu Urucuia vai se levar no mar. p.164

A metáfora do rio é estruturada pelo esquema de PERCURSO, como os caminhos incertos que ocorrem na vida das pessoas. O fato de um rio, o Urucuia, percorrer uma trajetória que vai acabar no mar, causa certa estranheza, que é projetada na mes-

ma estranheza dos caminhos que a pessoa percorre na vida, pois eles muitas vezes atingem destinos inesperados.

Texto 14

[...] Que os bebelos rodeavam para ali, quem sabe perto já rastejavam. Zé Bebelo mandava neles. Em todos os momentos, em Zé Bebelo sempre pensei, e em como a vida é cheia de passagens emendadas. [...] p.189-190

O esquema de PERCURSO é utilizado para estruturar a metáfora **passagens emendadas**. Aqui, ocorre a noção de trajetória como caminhos percorridos na vida, como se cada dado acontecimento (metaforizado por passagem), estivesse de alguma forma ligado ao anterior e ao posterior, ou seja, as passagens emendadas significam que no decorrer da vida uma coisa leva à outra, muitas vezes sem que se perceba essa consequência durante a situação vivida.

Riobaldo quer mostrar ao seu interlocutor a percepção, após fazer uma reflexão, de que tudo que aconteceu em sua vida foi causado por uma sequência de fatos associados entre si.

Texto 15

[...] Mas, para mim, o que vale é o que está por baixo ou por cima – o que parece longe e está perto, ou o que está perto e parece longe. Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba. [...] p.198-199

Nesse exemplo, configura-se a dúvida do narrador em relação àquilo que está contando. O que Riobaldo realmente quer contar não é exatamente suas aventuras como jagunço, mas o sentido último da existência, aquilo que move os acontecimentos em nossa volta, que ocorre sem que percebamos e é invisível aos olhos e à inteligência dos seres humanos. Para isso, utiliza-se dos termos contrários **baixo ou cima e perto e**

longe para demonstrar que no fundo se trata da mesma coisa: o que encontra-se em baixo tem seu correspondente exato em cima.

O esquema PERTO-LONGE é ativado, ao longo de uma trajetória (esquema de PERCURSO). Ocorre o encontro com algo que parece longe e está perto ou que está perto e parece longe. Consequentemente, o esquema CONTATO aparece, pois quanto mais perto se está de algo, maior o contato existente.

Texto 16

[...] O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.
[...] p.278

Nesse caso, o esquema de PERCURSO é ativado e estrutura a metáfora do correr da vida. Metáfora que passa o conceito de dinamicidade da existência, em que tudo que acontece passa por situações opostas, daí os termos **esquenta e esfria, aperta e afrouxa, sossega e desinquieta**.

Portanto, a ideia básica desse trecho é a de que nunca devemos sofrer demais ou ficar alegre demais, pois tudo é passageiro e efêmero, as coisas sempre mudam, para melhor ou para pior. É o famoso ciclo da vida, em que parece que há a necessidade de haver um lado oposto para tudo, a fim de conferir equilíbrio para a existência do ser humano.

Texto 17

Certo. O senhor vê. Conteí tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro. O rio de São Francisco – que de tão grande se comparece – parece é um pau grosso, em pé, enorme... Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia. p.538

O romance termina com a metáfora da travessia. Riobaldo termina seu relato afirmando que o que realmente importa é a existência do homem e que, este, só consegue determinar um sentido para sua vida por meio da travessia percorrida. A travessia ativa o esquema de PERCURSO, que consiste no tema central da obra: a vida de todo ser humano é constituída por um início (nascimento), uma trajetória (o desenrolar da existência) e um destino (morte). O próprio fato de estar vivo remete a esse conceito estruturado pelo esquema de PERCURSO.

Dessa forma, o que verdadeiramente importa é o caminho a ser percorrido durante a vida de uma pessoa, é aquilo que ela faz para conseguir realizar seus objetivos. É o que Riobaldo tentou fazer para alcançar seu destino.

Por isso, o esquema circular da obra, que termina com uma palavra: **travessia**, que remete novamente ao seu início, dando-nos uma ideia de um percurso também circular, que ativa o esquema CICLO, dependente de PERCURSO, referindo-se ao conceito de que essa trajetória de nascimento e morte nunca acaba, pois o ser humano está sempre existindo.

6.1 A aplicação da metáfora da travessia

O romance **Grande Sertão: Veredas**, como vimos, encontra-se estruturado no cenário da metáfora da travessia. Podemos, conseqüentemente, depreender que é o esquema de PERCURSO, por sua vez, que estrutura essa metáfora. A estrutura desse esquema, de que existe, em toda trajetória, um início, uma direção a ser percorrida e uma meta que se deseja alcançar, pode ser aplicada no duplo caminho percorrido por Riobaldo. Existe, segundo Araújo (1996), a travessia geográfica, física (espacial) que Riobaldo percorreu quando jagunço, dentro do sertão, culminando com a morte de Hermógenes e Diadorim; e a travessia temporal, em que Riobaldo volta ao passado, relembando os acontecimentos de sua vida na conversa com seu interlocutor silencioso. Há, pois, a projeção do espaço no tempo, por meio da metáfora da travessia.

6.1.1 A travessia física (espacial): a não percepção

Na travessia física, é focalizado Riobaldo-personagem nas suas andanças pelo sertão como jagunço. Configura-se como a travessia real do desconhecido, incluindo as viagens, lutas, momentos de encontro com outros jagunços e contato repetido com Diadorim.

Nessa travessia geográfica pelo sertão, o que é importante ressaltar é que o personagem Riobaldo não chega aos pontos cruciais e determinantes de sua existência por meio de propósitos (metas) bem definidos a serem alcançados, mas que, não consegue perceber, no momento dos acontecimentos, as causas que levaram a determinadas consequências de seus atos. É nesse sentido que podemos perceber que a direção, um dos elementos estruturais do esquema de PERCURSO, é seguida por Riobaldo nem sempre de maneira consciente ou de acordo com sua vontade própria, mas como uma associação de fatos que, às vezes, não apresenta um encadeamento lógico percebido pelo jagunço.

6.1.2 A travessia temporal: a busca pelo conhecimento

Ao relembrar sua vida, contando-a ao seu interlocutor mudo, Riobaldo-narrador indaga sobre o que realmente aconteceu e ele deixou escapar. Travessia no tempo, em que as reflexões feitas por Riobaldo e suas perguntas ao interlocutor, remetem à contagem de sua história, Rosenfield (1993).

A metáfora da travessia vem estruturada pelo esquema de PERCURSO, a partir da metáfora conceitual **A vida é uma viagem**, entendida, nesse caso, como uma viagem feita ao longo da memória de Riobaldo-narrador, ou seja, uma viagem temporal. Essa volta no tempo ocorre de forma não linear, o que é contado ao interlocutor é uma trajetória em que os fatos são narrados de acordo com a importância que tiveram para Riobaldo, e não em decorrência de uma sequência linear:

[...] A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe. p. 82

O esquema de PERCURSO: origem-trajetória-meta estrutura a metáfora da travessia na lembrança de Riobaldo, em que a origem do relato ocorre de forma caótica, com as reflexões sobre a existência do demônio, sobre Deus, o bem e o mal, o destino; e a contagem de alguns “causos” exemplificadores dessas questões levantadas por Riobaldo. O percorrer da trajetória, ocorre, como já mencionado, de acordo com o grau de importância para o jagunço e, sua meta final não acontece, porque a metáfora da travessia vem estruturada dentro do esquema CICLO, inter-relacionado e hierarquicamente dependente daquele. O romance termina com a palavra **travessia**, que nos remete ao fato de que a meta não é alcançada, o ponto final da trajetória é também seu ponto inicial. Assim, a travessia roseana não tem ponto de chegada, o que é corroborado com o símbolo do infinito ∞ .

7 O RELACIONAMENTO ENTRE RIOBALDO E DIADORIM: UM ESTUDO DA APLICAÇÃO DOS ESQUEMAS DE IMAGEM NO CENÁRIO DA TRAVESSIA

Selecionamos, para análise, os textos que nos pareceram mais relevantes envolvendo o relacionamento entre Riobaldo e Diadorim. O primeiro deles ocorre logo no início da narrativa, num contexto de luta, em que o bando de Riobaldo se encontra em desvantagem de número em relação ao bando do Hermógenes. O cavalo cai e joga Riobaldo rolando para o oco de um grotão fechado de moitas.

Texto 1

[...] De medo em ânsia, rompi por rasgar com meu corpo aquele mato, fui, sei lá - e me despenquei mundo abaixo, rolava para o oco de um grotão fechado de moitas, sempre me agarrava - rolava mesmo assim: depois - depois, quando olhei minhas mãos, tudo nelas que não era tirado sangue, era um amasso verde, nos dedos, de folhas vivas que puxei e masgalhei... Pousei no capim do fundo - e um bicho escuro deu um repulão, com um espirro, também doido de susto: que era um papamel, que eu vislumbrei; para fugir, esse está somente. Maior sendo eu, me molhou meu cansaço; espichei tudo. E um pedacinho de pensamento: se aquele bicho irara tinha jazido lá, então ali não tinha cobra. Tomei o lugar dele. Existia cobra nenhuma. Eu podia me largar. Eu era só mole, moleza, mas que não amortecia os trancos, dentro, do coração. Arfei. Concebi que vinham, me matavam. Nem fazia mal, me importei não. Assim, uns momentos, ao menos eu guardava a licença de prazo para me descansar. Conforme pensei em Diadorim. Só pensava era nele. Um João-de-Barro cantou. Eu queria morrer pensando em meu amigo Diadorim, mano-oh-mão, que estava na Serra do Pau-d' Arco, quase na divisa baiana, com nossa outra metade dos sô-candelários... Com meu amigo Diadorim me abraçava, sentimento meu ia-voava reto para ele... Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas. [...] p.13

Nesse trecho, Diadorim não aparece fisicamente, mas apenas como a confissão da importância que teve na vida de Riobaldo. A expressão do sentimento de Riobaldo por seu amigo é estruturada pelo esquema de imagem de PERCURSO, dentro do cenário da travessia: “Com meu amigo Diadorim me abraçava, sentimento meu ia-voava reto para ele...” A origem da trajetória se dá, por pensamento, desde o oco do grotão

em que Riobaldo se vê em perigo de vida, até o destino, os braços de Diadorim na Serra do Pau-d' Arco.

No desfecho dessa cena, no diálogo com o interlocutor, ocorre, na fala de Riobaldo, o esquema CONTÊINER e o de EXCESSO: a boca funciona como um recipiente que transborda, no sentido de que conta coisas demais, que não teriam que serem ditas naquele momento: “Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas.” Esse contar coisas divagadas configura uma censura de Riobaldo em relação à sua própria fala, tanto no sentido de estar contando de forma não linear, como de estar falando de seu sentimento por Diadorim. O jagunço procura preservar sua face perante o interlocutor/leitor.

Texto 2

[...] De mim, pessoa, vivo para minha mulher, que tudo modo-melhor merece, e para a devoção. Bem-querer de minha mulher foi que me auxiliou, rezas dela, graças. Amor vem de amor. Digo. Em Diadorim, penso também - mas Diadorim é a minha neblina... p.16

Nesse trecho, Diadorim aparece na lembrança de Riobaldo por meio da palavra gatilho **amor**. O verbo **vir** confere a ideia de percurso na frase: “Amor vem de amor.” O esquema de PERCURSO, portanto, estrutura a trajetória que leva seu pensamento para Diadorim.

A metáfora “Diadorim é a minha neblina...” veicula a noção de enigma na vida de Riobaldo. Podemos depreender alguns frames dessa metáfora: algo que impede a visão, lágrimas que também impediriam a visão e, em decorrência, o *frame* de tristeza e emoção.

Neblina pode significar também uma barreira entre Diadorim e o conhecimento que Riobaldo tinha dele, uma vez que apenas no final do romance é que ele percebe que o objeto do seu amor era verdadeiramente uma mulher. Pode sugerir também ou-

tros enigmas ainda mais profundos acerca da personalidade de Diadorim, como o fato de nunca ter se aproximado de Riobaldo como mulher, de sacrificar um amor em proveito de vingança etc, e outras nuances que fazem com que ele permaneça na lembrança de Riobaldo como aquilo de mais importante que aconteceu em sua vida e que, talvez, por isso mesmo, o mais enigmático e obscuro que, de alguma forma, sempre foge à sua compreensão.

Texto 3

Tardinha que enche as árvores de cigarras - então, não chove. Assovios que fechavam o dia: o papa-banana, o azulejo, a garricha-do-brejo, o suiriri, o sabiá-ponga, o grunhatá-do-coqueiro... Eu estava todo o tempo quase com Diadorim.

Diadorim e eu, nos dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros - porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo - podia morrer. Se acostumavam de ver a gente parmente. Que nem mais maldavam. E estávamos conversando, perto do rego - bicante de velha fazenda, onde o agrião dá flor. Desse lufús, ia escurecendo. Diadorim acendeu um fogueiro, eu fui buscar sabugos... não sou de à parada pouca coisa; mas a saudade me alembra. Que se fosse hoje. Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza. Sei como sei. Som como os sapos sorumbavam. Diadorim, duro sério, tão bonito, no relume das brasas. Quase que a gente não abria a boca; mas era um delém que tirava para ele - o irremediável extenso da vida. Por mim, não sei que tontura de vexame, com ele calado eu a ele estava obedecendo quieto. Quase que sem menos era assim: a gente chegava num lugar, ele falava para eu sentar; eu sentava. Não gosto de ficar em pé. Então, depois, ele vinha sentava, sua vez. Sempre mediante mais longe. Eu não tinha coragem de mudar para mais perto. Só de mim era que Diadorim às vezes parecia ter um espevito de desconfiança; de mim, que era o amigo! Mas, essa ocasião, ele estava ali, mais vindo, a meia-mão de mim. E eu - mal de não me consentir em nenhum afirmar das docemente coisas que são feias - eu me esquecia de tudo, num espairecer de contentamento, deixava de pensar. Mas sucedia uma duvidação, ranço de desgosto: eu versava aquilo em redondos e quadrados. Só que coração meu podia mais. O corpo não traslada, mas muito sabe, adivinha se não entende. p.19-20-21

O jagunço lembra um momento feliz ao lado de Diadorim. O trecho sugere que seus companheiros imaginavam que entre os dois houvesse mais do que mera amizade, mas não comentavam (não maldavam), por medo de Riobaldo.

“Diadorim me pôs o rastro dele para sempre”: esquema de PERCURSO projetado no tempo e esquema LINK (atração). Paradoxalmente, é Diadorim que “segue o rastro dele” e procura sentar-se mais perto, bem perto: “meia mão de mim”. O coração ficava junto, mas o “corpo não traslada”. Temos aqui o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS: Diadorim se aproxima, o coração puxa Riobaldo para ele, mas seu corpo impede o contato.

Texto 4

Diadorim estava me esperando. Ele tinha lavado minha roupa: duas camisas e um paletó e uma calça, e outra camisa, nova, de bulgariana. Às vezes eu lavava a roupa, nossa; mas quase mais quem fazia isso era Diadorim. Porque eu achava tal serviço o pior de todos, e também Diadorim praticava com mais jeito, mão melhor. Ele não indagou donde eu tinha estado, e eu menti que só tinha entrado lá por causa da velha Ana Duzuza, a fim de requerer o significado do meu futuro. Diadorim também disso não disse; ele gostava de silêncios. Se ele estava com as mangas arregaçadas, eu olhava para os braços dele – tão bonitos braços alvos, em bem feitos, e a cara e as mãos avermelhadas e empoladas, de picadas de mutucas. No momento, foi que eu caí em mim, que podia ter perguntado à Ana Duzuza alguma passagem de minha sina por vir. Também uma coisa, de minha, fechada, eu devia de perguntar. Coisa que nem eu comigo não estudava, não tinha a coragem. E se a Duzuza adivinhasse mesmo, conhecesse por detrás o pano do destino? Não perguntei, não tinha perguntado. Quem sabe, podia ser, eu estava enfeitiçado? Me arrependi de não ter pedido o resumo à Ana Duzuza...

Redisse a Diadorim o que eu tinha surripiado: que o projeto de Medeiro Vaz só era o de conduzir a gente para o Liso do Suçuarão – a dentro, adiante, até o fim. – “E certo é. É certo” – Diadorim respondeu, me afrontando com a surpresa de que ele já sabia daquilo e a mim não tinha antecipado nem miúda palavra. E veja: eu vinha tanto tempo me relutando, contra o querer gostar de Diadorim mais do que, a claro, de um amigo se pertence gostar; e, agora aquela hora, eu não apurava vergonha de se me entender um ciúme amargoso. [...] p.25-26

Nesse trecho, Diadorim é caracterizada, metonimicamente, como mulher, uma vez que lavava a roupa de ambos e “praticava com mais jeito, mão melhor”. Apesar disso, Riobaldo continuava sem perceber, na sua “travessia”.

O esquema de DINÂMICA DE FORÇAS surge também por metonímia: “braços alvos bem feitos” de Diadorim atraem; “caras e mãos avermelhadas e empoladas, de picadas de mutucas” são disfóricas, repelem.

A não percepção e o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS (atração e repulsão) são retomados no trecho: “E veja, eu vinha tanto tempo me relutando, contra o querer gostar de Diadorim mais do que, a claro, de um amigo se pertence gostar.” “A claro”, se vê um amigo, na “neblina” se vislumbra o objeto da paixão.

Texto 5

[...] Diadorim me adivinhava: - “Já sei que você esteve com a moça filha dela...” – ele respondeu, seco, quase num chio. Dente de cobra. Aí, entendi o que pra verdade: que Diadorim me queria tanto bem, que o ciúme dele por mim também se alteava. Depois dum rebate contente, se atrapalhou em mim aquela outra vergonha, um estúrdio asco.

E eu quase gritei: - “Aí é a intimação? Pois, fizeram, eu saio do meio de vós, pra todo o nunca. Mais tu há de não me ver!...” Diadorim pôs mão em meu braço. Do que me estremeci, de dentro, mas repeli esses alvoroços de doçura. Me deu a mão; e eu. Mas era como tivesse uma pedra pontuda entre as duas palmas. [...] p.28

Nessa passagem, ficam claro para Riobaldo o ciúmes que Diadorim tinha dele. Depois de sentir-se feliz, sente aversão e vergonha. Ocorre, nessa oposição de sentimentos o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS, juntamente com o esquema ATRAÇÃO / REPULSÃO. Riobaldo se sente atraído por Diadorim, pelo fato do amigo ter ciúmes dele, porém, repele com asco esse sentimento. A repulsão é maior que a atração. Essa repulsão emocional é projetada de forma física: “Me deu a mão; e eu. Mas era como tivesse uma pedra pontuda entre as duas palmas.” No momento do contato físico, novamente a repulsão, explicitada figurativamente pela comparação com a pedra pontuda.

Texto 6

Tudo turbulindo. Esperei o que vinha dele. De um aceso, de mim eu sabia: o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria, no honrado e no final. Ouvido meu retorcia a voz dele. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre. [...] p.29

O item lexical que abre o trecho é uma palavra gatilho: turbulindo, relaciona-se a turbilhão, redemoinho: esquema de DINÂMICA DE FORÇAS. Essa força se exerce a partir do esquema de CONTÊINER. O amor excede o coração/corpo de Riobaldo: “meu amor inchou, de empapar todas as folhagens.” Temos, portanto, agregado ao esquema de CONTÊINER, o esquema de EXCESSO. O esquema de CONTATO acontece apenas na imaginação de Riobaldo: pegar, carregar Diadorim, beijar as muitas vezes.

Texto 7

[...] Relembro Diadorim. Minha mulher que não me ouça. Moço: toda saudade é uma espécie de velhice.
Mas aí, eu estava contando – quando eu gritei aquele desafio raivoso, Diadorim respondeu o que eu não esperava: - “Tem discórdia não, Riobaldo amigo, se acalme. Não é preciso se haver cautela de morte com essa Ana Duzuza. Nem nós vamos com Medeiro Vaz para fazer barbaridade com a mulher e filhos pequenos daquele pior dos dois Judas, tão bem que mereciam, porque ele e os da laia dele têm costumes de proceder assim. Mas o que a gente quer é só pegar a família conosco prisioneira; então, ele vem, se vem! E vem obrigado pra combates... Mas, se você algum dia deixar de vir junto, como juro o seguinte: hei de ter a tristeza mortal...” Disse. Tinha tornado a pôr a mão na minha mão, no começo de falar, e que depois tirou; e se espaçou de mim. Mas nunca eu senti que ele estivesse melhor e perto, pelo quanto da voz, duma voz mesmo repassada. Coração – isto é, estes pormenores todos. Foi um esclaro. O amor, já de si, é algum arrependimento. Abracei Diadorim, como as asas de todos os pássaros. Pelo nome de seu pai, Joca Ramiro, eu agora matava e morria, se bem. p.30-31

In media res, melhor dizendo, *in finis res*. Riobaldo, no fim de sua vida, relembra seu percurso. Integra, conceitualmente, a saudade à velhice (travessia no tempo). No-

vamente, ocorre o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS no contato dos corpos: “Tinha tornado a pôr a mão na minha mão [...] e que depois tirou e se espaçou de mim.” No final, Riobaldo abraça Diadorim, no claro: “foi um esclaro”, que desencadeia o esquema de CONTATO, contato físico. O prefixo **es** indica movimento para fora, como em **estender, espriar**. Mas há uma ressalva sutil: “como as asas de todos os pássaros”. É um abraço de proteção, tal quais as asas de um pássaro abraçam, protegendo, por exemplo, sua ninhada. É o frame do abraço das asas.

Texto 8

[...] A vai, coração meu foi forte. Sofisimei: se Diadorim segurasse em mim com os olhos, me declarasse as todas as palavras? Reajo que repelia. Eu? Asco! Diadorim parava normal, estacado, observando tudo sem importância. Nem provia segredo. E eu tive decepção de logro, por conta desse sensato silêncio? Debrucei, ia catar água. Mas, qual, se viu um bicho – rã brusca, feiosa: botando bolhas, que à lisa cacheavam. Resumo que nós dois, sob num tempo, demos para trás, discordes. Diadorim desconversou, e se sumiu, por lá, por aí, consoante a esquisitice dele, de sempre às vezes desaparecer e tornar a aparecer, sem menos. Ah, quem faz isso não é por ser e se saber pessoa culpada? p.50

Nesse trecho, ocorre o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS: esquema de ATRAÇÃO/REPULSÃO no plano conceitual da metonímia: coração, olhos. O desejo de Riobaldo colide com o real: Diadorim se afasta, causando uma decepção de logro. Lá, por aí: esquema de PERCURSO.

Texto 9

Num nu, nisto, nesse repente, desinterno de mim um nego forte se saltou! Não, Diadorim, não. Nunca que eu podia consentir. Nanje pelo tanto que eu dele era louco amigo, e concebia por ele a vexável afeição que me estragava, feito um mal amor oculto – por mesmo isso, nimpes nada, era que eu não podia aceitar aquela transformação: negócio de para sempre receber mando dele, doendo de Diadorim ser meu chefe, nhem, hem? Nulo que eu ia estuchar. Não, hem, clamei – que como um sino desbadala:
– “Discordo.” p.67

Riobaldo não concorda que Diadorim assuma a liderança do bando. Não vai estuchar (empenhar-se nisso). Temos o esquema CONTÊINER desencadeado pelo verbo **desinterno**, juntamente com o esquema EXCESSO, ou seja, a negação do fato de Diadorim ser chefe foi tão forte que se extrapolou (transbordou) para fora de Riobaldo de maneira decisiva. O jagunço não aceita receber ordens de Diadorim justamente devido ao sentimento proibido que tinha pelo amigo. Isso pode sugerir a condição superior masculina de Riobaldo em relação a Diadorim, mesmo sabendo que o amigo é homem, Riobaldo enxerga Diadorim como aquele que deve ser protegido, não consegue, portanto, se imaginar sendo mais fraco, protegido e mandado pelo amigo.

Texto 10

Diadorim também, que dos claros rumos me dividia. Vinha a boa vingança, alegrias dele, se calando. Vingiar, digo ao senhor: é lamber, frio, o que outro cozinhou quente demais. O demônio diz mil. Esse! Vige mas não rege... Qual é o caminho certo da gente? Nem para a frente nem para trás: só para cima. Ou parar curto quieto. Feito os bichos fazem. Os bichos estão só é muito esperando? Mas, quem é que sabe como? Viver... O senhor já sabe: viver é etcétera... Diadorim alegre, e eu não. Transato no meio da lua. Eu peguei aquela escuridão. E, de manhã, os pássaros, que bem-me-viam todo tal tempo. Gostava de Diadorim, dum jeito condenado; nem pensava mais que gostava, mas aí sabia que já gostava em sempre. Oi, suindara! – linda cor... p. 78

O trecho se abre com o esquema de PERCURSO: “Diadorim também, que dos claros rumos me dividia”, lexicalizado pelo vocábulo **rumos**. Diadorim, mais uma vez, é a “neblina” de Riobaldo, com o poder de dividi-lo entre o caminho claro, que, com razão e querer ele tomava, e o caminho obscuro, trazido pela presença do amigo, que só pensava na vingança sobre os Judas. Riobaldo não sabe, no início, se realmente quer seguir esse caminho. O esquema de PERCURSO ocorre novamente: “Qual é o caminho certo da gente? Nem para a frente nem para trás: só para cima.” Aqui, o jagunço questiona se o caminho da vingança é na verdade o que deveria ser seguido, ou se é melhor deixar tudo como está e pensar num outro modo de encarar a vida (caminho para cima).

A obscuridade que Diadorim traz para Riobaldo vem reiterada metaforicamente no trecho: “Eu peguei aquela escuridão.” O que é alegria para Diadorim é tristeza e escuridão para Riobaldo, consiste no não entendimento; o jagunço não consegue entender o fato de Diadorim viver apenas pelo desejo de vingança.

No final do trecho, Riobaldo admite que sempre gostou de Diadorim, porém de um modo condenado (amor físico, certamente). Há, aqui, o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS, o gostar (agonista), é repellido pela força do gostar condenado (antagonista); contudo, o gostar é sempre mais forte, embora nunca exteriorizado de forma direta.

Texto 11

Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido. Achava que ele era muito diferente, gostei daquelas finas feições, a voz mesma, muito leve, muito aprazível. Porque ele falava sem mudança, nem intenção, sem sobejo de esforço, fazia de conversar uma conversinha adulta e antiga. Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas, e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem brincadeira – só meu companheiro amigo desconhecido. Escondido enrolei minha sacola, aí tanto, mesmo em fé de promessa, tive vergonha de estar esmolando. Mas ele apreciava o trabalho dos homens, chamando para eles meu olhar, com um jeito de siso. Senti, modo meu de menino, que ele também se simpatizava a já comigo. p. 86

Riobaldo, quando era adolescente, vai pedir esmola no porto do de-Janeiro e, nesse lugar, observa um menino encostado numa árvore. Interessa-se, chega perto dele e começa a conversar. O então ainda menino Riobaldo gosta da companhia desse outro menino, percebendo-o metonimicamente: finas feições, voz leve, o que sugere algo de feminino.

Ocorre o esquema de CONTÊINER no trecho: “fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora.” O verbo **receber** vem preencher Riobaldo com o desejo de que o menino ficasse perto dele, não fosse embora. O querer ficar perto do

menino desencadeia o esquema de CONTATO: Riobaldo gosta de estar perto do menino e percebe que também é alvo de sua simpatia. Mas, já nesse primeiro encontro entre Riobaldo-menino e o menino-Diadorim, surge o esquema de LIGAÇÃO: “desejo de que ele não fosse mais embora[...] ele também simpatizava a já comigo.”

Texto 12

[...] Ele se sentou em minha frente, estávamos virados um para o outro. Notei que a canoa se equilibrava mal, balançando no estado do rio. O menino tinha me dado a mão para descer o barranco. Era uma mão bonita, macia e quente, agora eu estava vergonhoso, perturbado. O vacilo da canoa me dava um aumentante receio. Olhei: aqueles esmerados esmertes olhos, botados verdes, de folhudas pestanas, luziam um efeito de calma, que até me repassasse. Eu não sabia nadar. O remador, um menino também, da laia da gente, foi remando. Bom aquilo não era, tão pouca firmeza. Resolvi ter brio. Só era bom estar perto do menino. Nem em minha mãe eu não pensava. Eu estava indo a esmo [...] Ele, o menino, era dessemelhante, já disse, não dava minúcia de pessoa outra nenhuma. Comparável um suave de ser, mas asseado e forte – assim se fosse um cheiro bom sem cheiro nenhum sensível – o senhor representante. As roupas mesmas não tinham nódoa nem amarrotado nenhum, não fuxicavam. A bem dizer, ele pouco falasse. Se via que estava apreciando o ar do tempo, calado e sabido, e tudo nele era segurança em si. Eu queria que ele gostasse de mim. p.87

O menino convida Riobaldo para passear de canoa com ele. Riobaldo, embora com certo medo, aceita. Mais uma vez, ele nota, por metonímia, a mão do menino. Este lhe dá a mão para descer o barranco. O esquema de CONTATO é ativado, um contato físico entre as duas mãos. Riobaldo não só acha a mão do menino bonita, como também sente sua quentura e maciez, o que remete à metáfora primária AFEIÇÃO É QUENTE. Nesse primeiro contato físico, Riobaldo, ainda adolescente, já se sente envergonhado e perturbado pelo que sentiu ao tocar a mão do menino. Riobaldo, por metonímia, passa a ressaltar a beleza dos olhos do menino, olhos verdes, esmertes (meditativos) que lhe transmitiam calma. Ocorre o esquema de CONTATO, cujo efeito é produzido pelo contato entre os olhos de ambos.

Riobaldo tem medo de atravessar o rio, mas gosta de estar perto do menino. No trecho: “eu estava indo a esmo”, ocorre novamente o esquema de PERCURSO: traje-

tória sem meta definida, o menino causa a falta de percepção da realidade em Riobaldo. No trecho todo ocorre o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS, em que é dominante quase que o tempo todo o polo de atração do esquema ATRAÇÃO/REPULSÃO: atração pela coragem e beleza do menino, por ele ser diferente de todos, a ponto do jagunço desejar que o menino gostasse dele.

Nota-se que o menino (que era Diadorim), aparece pela primeira vez na vida de Riobaldo num contexto de travessia, travessia num rio, que remete à metáfora de não saber onde o destino levaria os dois.

Texto 13

[...] Mas eu agüentei o aque do olhar dele. Aqueles olhos foram então ficando bons, retomando brilho. E o menino pôs a mão na minha. Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo, desse a minhas carnes alguma coisa. Era uma mão branca, com os dedos dela delicados. – “Você também é animoso...” – me disse. Amanheci minha aurora. Mas a vergonha que eu sentia agora era de outra qualidade. [...] p.89-90

Ainda dentro da canoa, atravessando o rio, o menino Riobaldo descreve, mais uma vez por metonímia, os olhos do menino, dessa vez ressaltando sua coragem. Ainda fazendo uso da metonímia, ele sente novamente a mão do menino, que, de novo toma a iniciativa e encosta sua mão na de Riobaldo. O esquema de CONTATO ocorre nessa passagem, juntamente com o esquema de LIGAÇÃO: “encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo, desse a minhas carnes alguma coisa.” Esquema de CONTATO também físico: mãos encostadas, esquema de LIGAÇÃO: ligação muito forte entre as duas mãos, a ponto de Riobaldo sentir a pele da mão do menino como parte melhor, da sua própria pele. Na passagem: “era uma mão branca, com os dedos dela delicados”, pode sugerir que o autor confere uma ambiguidade ao vocábulo no gênero feminino **dela**, referindo não só aos dedos da mão, como também, sugestivamente, ao próprio menino posto indiretamente no gênero feminino. Ocorre ainda o esquema ATRAÇÃO/REPULSÃO, em que o polo de repulsão é ativado, de forma leve, quando constata que sente uma vergonha diferente.

Texto 14

[...] Dessa volta, não lhe dou desenho – tudo igual, igual. Menos que, por vez, me pareceu depressa demais. – “Você é valente, sempre?” – em hora eu perguntei. O menino estava molhando as mãos na água vermelha, esteve tempo pensando. Dando fim, sem me encarar, declarou assim: – “Sou diferente de todo mundo. Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente...” E eu não tinha medo mais. Eu? O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que eu estou dizendo; e escute desarmado. O sério é isto, da estória toda – por isto foi que a estória eu lhe contei –: eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome.

Minha mãe estava lá no porto, por mim. Tive de ir com ela, nem pude me despedir direito do Menino. De longe, virei, ele acenou com a mão, eu respondi. Nem sabia o nome dele. Mas não carecia. Dele nunca me esqueci, depois, tantos anos todos.

Agora, que o senhor ouviu, perguntas faço. Por que foi que eu precisei de encontrar aquele Menino? Toleima, eu sei. Dou, de. O senhor não me responda. Mais, que coragem inteirada em peça era aquela, a dele? De Deus, do demo? Por duas, por uma, isto que eu vivo pergunta de saber, nem o compadre meu Quelemém não me ensina [...] Mas, onde é bobice a qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta. Por que foi que eu conheci aquele Menino? O senhor não conheceu, compadre meu Quelemém não conheceu, milhões de milhares de pessoas não conheceram. O senhor pense outra vez, repense o bem pensado: para que foi que eu tive de atravessar o rio, defronte com o Menino? O São Francisco cabe sempre aí, capaz, passa. [...] p.91-92

Na volta da travessia no rio, já em terra, depois do episódio em que o menino enfia uma faca na coxa de um mulato, que se aproximara daquele com intenções sexuais, temos o relato de Riobaldo descrevendo-o, novamente por metonímia: as mãos do menino, molhadas em uma água vermelha. O menino lhe diz que é diferente de todo mundo, por ordem de seu pai, por isso não sente medo.

Nessa passagem, nesse tempo que conheceu e ficou com o menino, Riobaldo percebe imediatamente que o encontro ocasionou uma transformação nele: “eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável.”

O esquema de PERCURSO ocorre quando, ao relatar mais tarde ao seu interlocutor, Riobaldo questiona, de forma existencial, o porquê e para que teve que encontrar o menino, e de ter sido ele, e não todas as outras pessoas que o encontrou. Isso ocorre no trecho: “para que foi que eu tive de atravessar o rio, defronte com o Meni-

no?” Travessia real do rio, e, metaforicamente, travessia da vida, começo da travessia ao lado de Diadorim.

Ocorre também o esquema CONTÊINER com o verbo **caber**: “O São Francisco cabe sempre aí, capaz, passa.” É nítida, nesse trecho a presença do destino como força maior a unir os dois.

Texto 15

[...] Ah, mas ah! – enquanto que me ouviam, mais um homem, tropeiro também, vinha entrando, na soleira da porta. Aguentei aquele nos meus olhos, e recebi um estremecer, em susto desfechado. Mas era um susto de coração alto, parecia a maios alegria.

Soflagrante,conheci. O moço, tão variado e vistoso, era, pois, sabe o senhor quem, mas quem, mesmo? Era o Menino! O Menino, senhor sim, aquele do porto do de-Janeiro, daquilo que lhe contei, o que atravessou o rio comigo, numa bamba canoa, toda a vida. E ele se chegou, eu do banco me levantei. Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho. Arvoamento desses, a gente estatela e não entende; que dirá o senhor, eu contando só assim? Eu queria ir para ele, para abraço, mas minhas coragens não deram. Porque ele faltou com o passo, num rejeito, de acanhamento. Mas me reconheceu, visual. Os olhos nossos donos de nós dois. Sei que deve de ter sido um estabelecimento forte, porque as outras pessoas o novo notaram – isso no estado de tudo percebi. O Menino me deu a mão: e o que mão a mão diz é o curto; às vezes pode ser o mais adivinhado e conteúdo; isto também. E ele como sorriu. Digo ao senhor: até hoje para mim está sorrindo. Digo. Ele se chamava o Reinaldo. p.117-118

Riobaldo relata quando, anos mais tarde, reencontra o Menino. Estava na casa de um homem chamado Malinácio. O jagunço percebe que o homem que entrou na casa, um tropeiro, era o Menino, pois imediatamente reconhece seus olhos (metonímia).

Ocorre o esquema de PERCURSO na passagem: “O Menino, senhor sim, aquele do porto do de-Janeiro, daquilo que lhe contei, o que atravessou o rio comigo, numa bamba canoa, toda a vida.” A expressão “toda a vida” pode ser entendida de duas formas: como um modo de falar sobre algo que demorou para acabar, como também como uma metáfora de travessia da vida.

A percepção da beleza do moço se dá novamente pelas suas partes, por metonímia: olhos verdes, boca bonita, nariz fino.

Há o esquema DINÂMICA DE FORÇAS nesse reencontro: “eu queria ir para ele, para abraço, mas minhas coragens não deram.” O desejo (agonista) de ir para perto foi detido por uma força maior: a falta de coragem (antagonista).

O moço também reconhece Riobaldo pelo olhar. O esquema de CONTATO ocorre quando o tropeiro, que se chama Reinaldo, dá a mão para Riobaldo. Mais uma vez, como na travessia do rio, é ele quem toma a iniciativa do contato físico, que provoca uma reação em Riobaldo: “e o que mão a mão diz é o curto, às vezes pode ser o mais adivinhado e conteúdo; isto também”: a percepção física de algo sem entendimento.

Texto 16

[...] Se eu não tivesse passado por um lugar, uma mulher, a combinação daquela mulher acender a fogueira, eu nunca mais, nesta vida, tinha topado com o Menino? – era o que eu pensava. Veja o senhor: eu puxava essa ideia; e com ela em vez de me alegre ficar, por ter tido tanta sorte, eu sofria o meu. Sorte? O que Deus sabe, Deus sabe. Eu vi a neblina encher o vulto do rio, e se estralar da outra banda a barra da madrugada. [...] p. 121

Nesse trecho, Riobaldo questiona que encontrou novamente o Menino (Reinaldo) devido a uma sucessão de fatos, uns desencadeando outros. O fato de ter reencontrado o Menino o deixou triste, ao invés de ficar alegre pela sorte que teve. Essa tristeza, embora não entendida ainda por Riobaldo, vem pelo fato da obscuridade que cerca a figura do Reinaldo, metaforizada na passagem: “Eu vi a neblina encher o vulto do rio, e se estralar da outra banda a barra da madrugada.” A neblina física, no rio, aparece logo em seguida ao falar sobre o reencontro com o Menino: daí a reiteração da metáfora “Diadorim é minha neblina”, ou seja, algo pelo qual não se pode enxergar direito do outro lado, obscuridade e confusão.

Ocorre ainda, nessa passagem, o esquema de CONTÊINER: “eu vi a neblina encher o vulto do rio”, juntamente com o esquema de EXCESSO, a neblina não só enche, como transborda na superfície do rio, ficando quase que somente ela visível.

Texto 17

[...] Eu olhava e me sossegava mais. O sol dava dentro do rio, as ilhas estando claras. – “É aquele lá: lindo!” Era o manuelzinho-da-croa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa, eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea – às vezes davam beijos de biquiniquim – a galinholagem deles. – “É preciso olhar para esses com um todo carinho...” – o Reinaldo disse. Era. Mas o dito, assim, botava surpresa. E a macieza da voz, o bem-querer sem propósito, o caprichado ser – e tudo num homem-d’armas, brabo bem jagunço – eu não entendia! Dum outro, que eu ouvisse, eu pensava: frouxo, está aqui um que empulha e não culha. Mas, do Reinaldo, não. O que houve, foi um contente meu maior, de escutar aquelas palavras. Achando que eu podia gostar mais dele. Sempre me lembro. De todos, o pássaro mais bonito gentil que existe é mesmo o manuelzinho-da-croa.

Depois, conversamos de coisas miúdas sem valor alheio, e eu tive uma influência para contar artes de minha vida, falar a esmo leve, me abrir em amáveis, bom. Tudo me comprazia por diante, eu não necessitava de prolongares. – “*Riobaldo... Reinaldo...*” – de repente ele deixou isto em dizer: – “... Dão par, os nomes de nós dois...” A de dar, palavras essas que se repartiram: para mim, pincho no em que já estava, de alegria; para ele, um vice-versa de tristeza. Que por quê? Assim eu não sabia [...] – “Riobaldo, você é valente... Você é um homem pelo homem...” – ele no fim falou. Sopesei meu coração, povoado enchido, se diz; me cri capaz de altos, para toda seriedade certa proporcionado. E, aí desde aquela hora, conheci que, o Reinaldo, qualquer coisa que ele falasse, para mim virava sete vezes. p.122-123

Aqui é descrito um momento de Riobaldo e Reinaldo, juntos, apreciando a natureza. Ocorre o esquema de CONTÊINER: “O sol dava dentro do rio, as ilhas estando claras”, esse esquema estrutura a visão metafórica do reflexo do sol no rio.

A cena segue com descrições da natureza, da beleza dos pássaros, da percepção que Reinaldo tinha das coisas belas, isso confere uma delicadeza ao jagunço (um traço feminino) que confunde e ao mesmo tempo encanta Riobaldo, a contradição entre a dureza de ser jagunço e a delicadeza de saber apreciar coisas belas.

Reinaldo diz que os nomes dos dois dão par: “Riobaldo...Reinaldo”, veiculando o esquema de LIGAÇÃO: ligação entre os dois, metaforizada pelos nomes parecidos.

Também ocorre o esquema de CONTÊINER na frase: “Sopesei meu coração, povoado enchido, se diz; me cri capaz de altos, para toda seriedade certa proporcionado.” Riobaldo, ao ouvir que Reinaldo o acha valente, enche seu coração de coragem, é a opinião do amigo que faz o jagunço ser capaz de grandes feitos, para corroborar o que Reinaldo pensa a seu respeito.

Texto 18

[...] Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava de, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu espairocava, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos. Conforme, por exemplo, quando eu me lembrava daquelas mãos, do jeito como se encostavam em meu rosto, quando ele cortou meu cabelo. Sempre. Do demo: digo? Com que entendimento eu entendia, com que olhos era que eu olhava? Eu conto. O senhor vá ouvindo. Outras artes vieram depois. p. 125-126

Riobaldo confirma, quase por necessidade, ao seu interlocutor, que sempre foi homem e gostou de mulheres, por isso não entendia a amizade especial que havia entre Diadorim e ele, a forte atração que sentia pelo amigo.

Ocorre o esquema de CONTATO, juntamente com o polo perto do esquema PERTO/LONGE em: “Era ele estar perto de mim, e *nada* me faltava”, e o polo longe do esquema PERTO/LONGE, com falta de contato, na frase: “Era ele estar por longe, e eu só nele pensava.” Mais uma vez aparece a obscuridade, a contradição e também o não querer ou poder entender que Diadorim traz na vida de Riobaldo: “E eu mesmo

não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria.”

O esquema de DINÂMICA DE FORÇAS ocorre nessa contradição entre o querer e o fazer, por metonímia: “E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu espirecia, aí riço comigo renegava.” Surge, nessa contradição, o esquema ATRAÇÃO/REPULSÃO, o polo de repulsão predominando, pois essa é mais forte do que a atração física, que impede Riobaldo de se aproximar de Diadorim.

Texto 19

[...] Nunca mais, até o derradeiro final, nunca mais eu vi o Reinaldo tão sereno, tão alegre. E foi ele mesmo, no cabo de três dias, quem me perguntou: – “Riobaldo, nós somos amigos, de destino fiel, amigos?” – “Reinaldo, pois eu morro e vivo sendo amigo seu!” – eu respondi. Os afetos. Doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice da minha mãe. Então, eu vi as cores do mundo. Como no tempo em que tudo era falante, ai, sei. De manhã, o rio alto branco, de neblim; e o ouricuri retorce as palmas. Só um bom tocado de viola é que podia remir a vivez de tudo aquilo. p. 127

Riobaldo continua lembrando-se de seus momentos com Diadorim, e descreve como o amigo se encontrava, quando ficaram por cinco dias na Fazenda São Joãozinho, na casa do posseiro Pedro Segundo de Rezende. O jagunço afirma que foi a época em que Riobaldo estava mais calmo.

Reinaldo (Diadorim) pergunta a Riobaldo se eles são amigos de destino, e o jagunço responde que morre e vive sendo amigo dele. Nesse contexto, Riobaldo transborda de alegria pela doçura do olhar de Reinaldo; ocorre o esquema de CONTATO: contato entre o olhar dos dois amigos.

Apesar da alegria que sente, Reinaldo continua sendo o obscuro na vida de Riobaldo, a não percepção, que vem metaforizada no trecho: “De manhã, o rio alto bran-

co, de neblim.” O vocábulo **neblim** como variação de neblina, retomando no texto a metáfora “Diadorim é a minha neblina”.

Texto 20

[...] Ao que, em tanto, no ouvir falar de Joca Ramiro, o Reinaldo se aproximou. Parecia que ele não gostava de me ver em comprida conversa amiga com os outros, ficava quasezinho amuado. Com o tempo dos dias, fui conhecendo também que ele não era sempre tranquilo igual, feito antes eu tinha pensado. Ah, ele gostava de mandar, primeiro mandava suave, depois, visto que não fosse obedecido, com as sete-pedras. Aquela força de opinião dele mais me praziza? Aposto que não. Mas eu concordava, quem sabe por essa moleza, que às vezes a gente tem, sem tal nem razão, moleza no diário, coisa que até me parece ser parente da preguiça. E ele, o Reinaldo, era tão galhardo garboso, tão governador, assim no sistema pelintra, que preenchia em mim uma vaidade, de ter me escolhido para seu amigo todo leal. Talvez também seja. Anta entra n'água, se rupeia. Mas, não. Era não. Era, era que eu gostava dele. Gostava dele quando eu fechava os olhos. Um bem-querer que vinha do ar de meu nariz e do sonho de minhas noites. O senhor entenderá, agora ainda não me entende. [...] p.127-128

Aqui, Riobaldo afirma que Reinaldo não gostava de vê-lo conversando por longo tempo com os demais jagunços, o que sugere que sentia ciúmes de Riobaldo. O jagunço continua relatando que o Reinaldo gostava de mandar, e justamente por ele ser assim altivo é que Riobaldo tinha a vaidade de ser o único amigo íntimo de Reinaldo.

Ocorre o esquema de CONTÊINER: “E ele, o Reinaldo, era tão galhardo garboso, tão governador, assim no sistema pelintra, que preenchia em mim uma vaidade, de ter me escolhido para seu amigo todo leal.” O esquema de CONTÊINER estrutura a expressão metafórica “preenchia em mim uma vaidade”.

Ocorre também o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS, juntamente com o polo de atração do esquema ATRAÇÃO/REPULSÃO: “Era, era que eu gostava dele. Gostava dele quando eu fechava os olhos.”

A expressão “fechar os olhos” pode, nesse contexto, além do seu sentido literal, veicular a metáfora da não visão, ou seja, o não conhecimento verdadeiro sobre quem fosse o Reinaldo.

Texto 21

Mas, graças-a-adeus, o que ele falou foi com a sucinta voz:

– “Riobaldo, pois tem um particular que eu careço de contar a você, e que esconder mais não posso... Escuta: eu não me chamo *Reinaldo*, de verdade. Este é nome apelativo, inventado por necessidade minha, carece de você não me perguntar por quê. Tenho meus fados. A vida da gente faz sete voltas – se diz. A vida nem é da gente...”

Ele falava aquilo sem rompantes e sem entonos, mais antes com pressa, quem sabe se com tico de pesar e vergonha suspensão.

– “Você era menino, eu era menino... Atravessamos o rio na canoa... Nos tomamos naquele porto. Desde aquele dia é que somos amigos.”

Que era, eu confirmei. E ouvi:

–“Pois então: o meu nome, verdadeiro, é *Diadorim*... Guarda este meu segredo. Sempre, quando sozinhos a gente estiver, é de Diadorim que você deve de me chamar, digo e peço, Riobaldo...”

Assim eu ouvi, era tão singular. Muito fiquei repetindo em minha mente as palavras, modo de me acostumar com aquilo. E ele me deu a mão. Daquela mão, eu recebia certezas. Dos olhos. Os olhos que ele punha em mim, tão externos, quase tristes de grandeza. Deu alma em cara. Adivinhei o que nós dois queríamos – logo eu disse: –“*Diadorim... Diadorim!*” – com uma força de afeição. Ele sério sorriu. E eu gostava dele, gostava, gostava. Aí tive o fervor de que ele carecesse de minha proteção, toda a vida: eu terçando, garantindo, punindo por ele. Ao mais os olhos me perturbavam; mas sendo que não me enfraqueciam. Diadorim. Sol-se-pôr, saímos e tocamos dali, para o Canabrava e o Barra. Aquela dia fora meu, me pertencia. Íamos por um plaino de varjas; lua lá vinha. Alimpo de lua. Vizinhança do sertão – esse Alto-Norte brabo começava. – Estes rios têm de correr bem! – eu de mim dei. Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo. Dia da lua. O luar que põe a noite inchada.

Reinaldo, Diadorim, me dizendo que este era real o nome dele – foi como dissesse notícia do que em terras longes se passava. Era um nome, ver o quê. Que é que é um nome? Nome não dá: nome recebe. Da razão desse encoberto, nem resumi curiosidades. Caso de algum crime arrependido, fosse, fuga de alguma outra parte; ou devoção a um santo-forte. Mas havendo o ele querer que só eu esse nome verdadeiro pronunciasse. Entendi aquele valor. Amizade nossa ele não queria acontecida simples, no comum, sem encaço. A amizade dele, ele me dava. E amizade dada é amor. [...] p. 133-134

Nesse trecho da narrativa, ocorre um fato importante: Reinaldo conta para Riobaldo que seu verdadeiro nome não é Diadorim e não Reinaldo. Reinaldo / Diadorim

relembra quando ambos eram adolescentes e atravessaram o rio de canoa. Ocorre então o esquema de CONTATO, marcando a vida de ambos. Depois da revelação do verdadeiro nome, acontece o contato físico das mãos. E dos olhos: Riobaldo “põe os olhos nele.” A confiança é ratificada pela proximidade física. O jagunço percebe o quanto gosta de Diadorim, ainda mais pelo fato de ele lhe ter confiado um segredo somente a ele.

Ocorre novamente o esquema de PERCURSO: “Estes rios têm de correr bem!”, percurso físico metaforizando o percurso da vida de ambos, concedendo uma esperança a Riobaldo de que o caminho ao lado de Diadorim poderia dar certo.

Há uma curiosidade a respeito da análise desse trecho, na parte que se diz: “Era um nome, ver o quê. Que é que é um nome? Nome não dá: nome recebe.” A nosso ver, é possível integrar a esse momento de revelação, como intertextualidade, o seguinte trecho da tragédia **Romeu e Julieta** de Shakespeare, Cena 2 do segundo ato:

JULIETA — Meu inimigo é apenas o teu nome. Continuarias sendo o que és, se acaso Montecchio tu não fosses. Que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Sê outro nome. Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob uma outra designação teria igual perfume. Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservara a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título. Romeu, risca teu nome e, em troca dele, que não é parte alguma de ti mesmo, fica comigo inteiro.

ROMEU — Sim, aceito tua palavra. Dá-me o nome apenas de amor, que ficarei rebatizado. De agora em diante não serei Romeu.

No momento em que o leitor por acaso relaciona essa peça de Shakespeare ao encontro de Riobaldo e o agora Diadorim, já pode vislumbrar um final de tragédia, integrando, ao relacionamento entre os dois, o relacionamento Romeu e Julieta.

Texto 22

[...] Depois, Diadorim se levantou, ia em alguma parte. Guardei os olhos, meio momento, na beleza dele, guapo tão apostado – surgido sempre com o jaleco, que ele tirava nunca, e com as calças de vaqueiro, em couro de veado macho, curti-

do com aroeira-brava e campestre. De repente, uma coisa eu necessitei de fazer. Fiz: fui e me deitei no mesmo dito pelego, na cama que ele Diadorim marcava no capim, minha cara posta no próprio lugar. Nem me fiz caso do Garanço, só com o violeiro somei. A zangarra daquela viola. Por não querer meu pensamento somente em Diadorim, forcejei. Eu já não presenciava nada, nem escutava possuído – fiquei sonhejando: o ir do ar, meus confins. [...] p. 151

Diadorim estava deitado num lugar que geralmente dormia, pois não gostava de redes, se levantou para ir em algum lugar. Riobaldo então começa a fixar o olhar em Diadorim, apreciando sua beleza. Surge, então, a necessidade de se deitar onde Diadorim estivera deitado, a necessidade de ter contato com o espaço deixado pelo corpo de Diadorim. Ocorre novamente o esquema de CONTATO, por metonímia, juntamente com o polo atração do esquema ATRAÇÃO / REPULSÃO, atração tão forte a ponto de Riobaldo não se importar se outro jagunço que estava perto, o Garanço, poderia perceber tal atitude.

Texto 23

[...] Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas; mas, quando ia, bobamente, ele me olhou – os olhos dele não me deixaram. Diadorim, sério, testalto. Tive um gelo. Só os olhos negavam. Vi – ele mesmo não percebeu nada. Mas, nem eu; eu tinha percebido? Eu estava me sabendo? Meu corpo gostava do corpo dele, na sala do teatro. Maiormente. As tristezas ao redor de nós, como quando carregava para toda chuva. Eu podia pôr os braços na testa, ficar assim, lorpa, sem encaminhamento nenhum. Que é que queria? Não quis o que estava no ar; para isso, mandei vir uma ideia de mais longe. Falei sonhando: – “Diadorim, você não tem, não terá alguma irmã, Diadorim?” – voz minha; eu perguntei. p.157

Mais uma vez, Riobaldo encontra-se muito próximo de Diadorim e afirma, por metonímia, que gostava do amigo, sentia atração física por ele: “Meu corpo gostava de Diadorim.” Ocorre o esquema de ATRAÇÃO / REPULSÃO, com a ativação do polo de atração. O desejo por Diadorim é tão grande que Riobaldo tenta tocá-lo com suas mãos, começa a fazer isso quase que sem perceber, mas, quando se dá conta de tal procedimento, recua ao notar que Diadorim estava olhando para ele. Ocorre, nessa cena, novamente o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS. Riobaldo sente uma atração

física muito forte pelo amigo, mas não consegue seguir em frente. O olhar de Diadorim funciona como um antagonista, que exerce uma força maior no agonista Riobaldo, na sua vontade de ter um contato físico com o amigo. Metáfora primária: tive um gelo. (intimidade é quente; distância é frio). Diante da impossibilidade de tal contato, Riobaldo pergunta a Diadorim se ele não tem uma irmã, ou seja, busca o feminino por integração de parentesco.

Texto 24

[...] Algum dia, podia Diadorim mudar de tenção. Em Diadorim era que eu pensava, de fugir junto com ele era que eu carecia; como o rio redobra. [...] p. 158

Nesse trecho, ocorre o esquema de PERCURSO, metaforizando um desejo de fuga de Riobaldo ao lado de Diadorim. O jagunço compara sua travessia ao lado do amigo com a travessia do rio que redobra. Ou seja, a ideia de aumento de tamanho do rio, que “redobra”, é projetada na sua vontade cada vez maior de fugir com Diadorim. Esquema de CONTÊINER e EXCESSO.

Texto 25

[...] Diadorim e eu, a gente parava em som de voz e alcance dos olhos, constante um não muito longe do outro. De manhã à noite, a afeição nossa era duma cor e duma peça. Diadorim, sempre atencioso, esmarte, correto em seu bom proceder. Tão certo de si, ele repousava qualquer mau ânimo. Por que é, então, que eu salto isso, em resumo, como não devia de, nesta conversa minha abreviã? Veja o senhor, o que é muito e mil: estou errando. Estivesse contando ao senhor, por tudo, somente o que Diadorim viveu presente mim, o tempo – em repetido igual, trivial – assim era que eu explicava ao senhor aquela verdadeira situação de minha vida. Por que é, então, que deixo de lado? Acho que o espírito da gente é cavalo que escolhe estrada: quando ruma para tristeza e morte, vai não vendo o que é bonito e bom. [...] p. 161

Riobaldo se lembra de que ele e Diadorim estavam quase sempre perto um do outro. Logo no início do trecho, ocorre o esquema de CONTATO: “Diadorim e eu, a

gente parava em som de voz e alcance dos olhos, constante um não muito longe do outro.” Mesmo não havendo contato físico, há contato da proximidade entre ambos, além do contato emocional: “De manhã à noite, a afeição nossa era duma cor e duma peça. Diadorim, sempre atencioso, esmarte, correto em seu bom proceder.” Riobaldo segue gostando cada vez mais de Diadorim, e isso lhe causa tristeza, por ser, a seu ver, um amor impossível, devido a não percepção do jagunço do real durante a travessia: de que Diadorim era mulher. Essa falta de percepção durante a travessia vem metaforizada na frase: “Acho que o espírito da gente é cavalo que escolhe estrada: quando rumo para tristeza e morte, vai não vendo o que é bonito e bom”. Ou seja, o esquema de PERCURSO surge para estruturar a metáfora da travessia, da falta de percepção do que é “bonito e bom”, o amor que poderia ser realizado em relação a Diadorim. Aparece a sugestão disfórica da morte, como final do percurso da travessia.

Texto 26

[...] Pois minha vida em amizade com Diadorim correu por muito tempo desse jeito. Foi melhorando, foi. Ele gostava, desatinado, de mim. E eu – como é que posso explicar ao senhor o poder de amor que eu criei? Minha vida o diga. Se amor? Era aquele latifúndio. Eu ia com ele até o rio Jordão... Diadorim tomou conta de mim. p. 167

Riobaldo, nesse contexto, segue contando que Diadorim tinha ciúmes dele, quando sabia que ele ficava com alguma mulher. Isso acontecia porque Riobaldo sabia que o amigo gostava muito dele. O amor vivenciado pelo jagunço vem metaforizado como latifúndio, como algo enorme. Esquemas de CONTÊINER e EXCESSO. Ao afirmar que: “Eu ia com ele até o rio Jordão...”, Riobaldo enfatiza que poderia percorrer qualquer distância ao lado de Diadorim, por mais longe que fosse. Mais uma vez, o esquema de PERCURSO aparece estruturando a metáfora da travessia. Logo após, ocorre o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS: “Diadorim tomou conta de mim.” Riobaldo não teve forças para resistir ao sentimento por Diadorim, deixou-se dominar pelo amigo.

Texto 27

[...] Tornei a entrar na rebaixa. Diadorim permanecia lá, jogado de dormir. De perto, senti a respiração dele, remissa e delicada. Eu aí gostava dele. Não fosse um, como eu, disse a Deus que esse ente eu abraçava e beijava. E, com o vago, devo de ter adormecido – porque acordei quando Diadorim no mexe leve se levantou, saiu sem rumor, levando a capanga, ia tomar seu banho em poço de córrego, das barras no clarear. Desde o que, depressa eu tornei a me dormir. p. 170

Nesse trecho, a proximidade entre Riobaldo e Diadorim é grande, o jagunço sente a respiração do amigo, que está dormindo. Riobaldo sente vontade de abraçar e beijar o amigo (atração), mas, por achar que Diadorim era homem (“não fosse um como eu”), repelia essa vontade (repulsão). Há novamente o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS, no embate entre sentimento e razão, sendo que essa funciona como antagonista, agindo com uma força maior sobre o agonista: o sentimento de Riobaldo por Diadorim. Mais uma vez ocorre o esquema ATRAÇÃO / REPULSÃO, estruturando essa contradição em Riobaldo.

Texto 28

Ao tanto com o esforço meu, em esquecer Diadorim, digo que me dava entrante uma tristeza no geral, um prazo de cansado. Mas eu não meditava para trás, não esbarrava. Aquilo era a tristonha travessia, pois então era preciso. Água de rio que arrasta. Dias que durasse, durasse; até meses. [...] p. 201

Nesse trecho, Riobaldo encontra-se longe de Diadorim, o amigo estava afastado, tinha desaparecido para tratar de uma perna ferida. O esquema de imagem de PERCURSO surge estruturando, mais uma vez, a metáfora da travessia do rio. Nesse caso, ocorre uma travessia solitária de Riobaldo, a travessia da saudade. Os dias sem Diadorim eram mais difíceis de passar, assim como a “água do rio que se arrasta” lentamente. Novamente a metáfora disfórica da travessia como destino.

Texto 29

[...] Aí eu à paz – com vontade de alegria – como se estimasse recebendo um aviso. Demorei bom estado, sozinho, em beira d’água, escutei o fife dum pássaro: sabiá ou saci. De repente, dei fé, e avistei: era Diadorim que chegando, ele já parava perto de mim.

Ele mesmo me disse, com o sorriso sentido:

– “Como passou, Riobaldo? Não está contente por me ver?”

A boa surpresa, Diadorim vindo feito um milagre alvo. Ao que, pela pancada do meu coração. Aí, mas um resto de dúvida: a inteira dúvida, que me embarçava real, em a minha satisfação. Eu era o que tinha, ele o que devia. [...] E de repente eu estava gostando dele, num descomum, gostando ainda mais do que antes, com meu coração nos pés, por pisável; e dele o tempo todo eu tinha gostado. Amor que amei – daí então acreditei. A pois, o que sempre não é assim? p. 206-207

Após um longo tempo de tristeza, devido à ausência de Diadorim, Riobaldo sente emoção desmedida na volta do amigo, após um pressentimento: “Aí eu à paz – com vontade de alegria – como se estimasse recebendo um aviso.” A primeira percepção evoca metaforicamente a ideia de neblina: “Diadorim vindo feito um milagre alvo”. Alvo = branco.

Embora ocorra novamente o esquema de CONTATO, faz-se presente também o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS. Riobaldo se sente feliz e muito satisfeito com a volta de Diadorim, mas duvida dessa satisfação, que não deveria ser tão intensa. Mais uma vez, ressurge o tema da não percepção. E seu corpo é visto como um CONTÊINER, de dentro do qual seu coração cai a seus pés, sendo machucado: “por pisável.”

Texto 30

[...] Eu queria minha vida própria, por meu querer governada. A tristeza, por Diadorim: que o ódio dele, no fatal, por uma desforra, parecia até ódio de gente velha – sem a pele do olho. Diadorim carecia do sangue do Hermógenes e do Ricardão, por via. Dois rios diferentes – era o que nós dois atravessávamos? [...] p. 311

Novamente a metáfora da travessia, dentro do esquema de PERCURSO, agora na versão clássica em que os dois amantes seguem caminhos diferentes (“dois rios diferentes”). O fato de aparecer em uma oração interrogativa acentua novamente o caráter da não percepção, que acentua a perda do controle da vida por parte de Riobaldo. A morte pretendida de Hermógenes e Ricardão também é acionada por meio do esquema de PERCURSO: “sangue de Hermógenes e do Ricardão, *por via*.” **Via** é caminho, o caminho que está sendo percorrido por Diadorim. Aliás, essa palavra é comumente usada em português nos adjetivos **viável** e **inviável**: aquilo que tem caminho e aquilo que não tem caminho. Quando dizemos que **um projeto é viável**, estamos usando, portanto, uma metáfora de PERCURSO, talvez uma catacrese, uma vez que a maioria das pessoas não associa os adjetivos derivados ao substantivo primitivo **via**. O uso de sangue por morte configura, claramente, o uso de metonímia.

Texto 31

[...] Mas minha mão, por si, pegou a mão de Diadorim, eu nem virei a cara, aquela mão é que merecia todo entendimento. Mão assim apartada de tudo, nela um suave de ser era que me pertencia, um calor, a coisa macia somente. São as palavras? Mas aí espiei para Diadorim, e ele despertou do que tinha se esquecido, deixado, de sua mão, que ele retirou da minha outra vez, quase num repêlo de repugno. E ele estava sombrio, os olhos riscados, sombrio em sarro de velhas raivas, descabelado de vento. [...] p. 316

Riobaldo estava perto de Diadorim, sem perceber pega na mão do amigo. Há o esquema de CONTATO, por metonímia; o jagunço sente, pelo calor da mão de Diadorim, que o amigo lhe pertencia. Ocorre, juntamente com o esquema de CONTATO, o polo atração do esquema ATRAÇÃO / REPULSÃO. A atração do jagunço é muito forte, tanto que ele nem percebe o que está fazendo.

Já Diadorim, quando se dá conta do que está acontecendo, retira a mão do amigo, quase com nojo: “Mas aí espiei para Diadorim, e ele despertou do que tinha se esquecido, deixado, de sua mão, que ele retirou da minha outra vez, quase num repêlo de repugno.”

Nesse caso, ocorre a ativação do polo de repulsão do esquema ATRAÇÃO / REPULSÃO. O esquema de DINÂMICA DE FORÇAS estrutura esse jogo de atração/repulsão entre os amigos, fazendo com que o antagonista (Diadorim), exerça uma força maior sobre o agonista (Riobaldo).

Texto 32

[...] Mas Diadorim era quem estava certo: o acontecimento que se carecia era de terminar com um. Diadorim, o Reinaldo, me lembrei dele como menino, com a roupinha nova e o chapéu novo de couro, guiando meu ânimo para se aventurar a travessia do rio do Chico, na canoa afundadeira. Esse menino, e eu, é que éramos destinados para dar cabo do Filho do Demo, do Pactário! O que era o direito, que se tinha. O que eu pensei, deu de ser assim. p. 360

Nesse contexto, Riobaldo concorda com Diadorim de que era preciso acabar com o Hermógenes: “Mas Diadorim era quem estava certo: o acontecimento que se carecia era de terminar com um.” Ocorre o esquema de PERCURSO, colocando em foco o destino da trajetória. Esse esquema estrutura mais uma vez a metáfora da travessia. Nesse caso, a travessia do rio do Chico (Rio São Francisco), ao lado do menino, lembrada por Riobaldo, é projetada na travessia de vida dos dois amigos, que se reencontraram mais tarde. A travessia é sentida por Riobaldo com um destino preciso: a morte do Hermógenes, o pactário, aquele que tinha feito pacto com o demônio.

Texto 33

[...] Diadorim, esse, o senhor sabe como um rio é bravo? É, toda a vida, de longe a longe, rolando essas braças águas, de outra parte, de outra parte, de fugida, no sertão. E uma vez ele mesmo tinha falado: – “Nós dois, Riobaldo, a gente, você e eu... Por que é que separação é dever tão forte?...” Aquilo de chumbo era. Mas Diadorim pensava em amor, mas Diadorim sentia ódio. [...] p. 376-377

No contexto desse trecho, Riobaldo afirma que escolheu ficar com Otacília e que Diadorim pertencia a um destino diferente. O jagunço compara o amigo a um rio bravo, mais uma vez a metáfora do rio é utilizada, estruturada pelo esquema de PERCURSO: “Diadorim, esse, o senhor sabe como um rio é bravo? É, toda a vida, de longe a longe, rolando essas braças águas, de outra parte, de outra parte, de fugida, no sertão.” Compara o rolar das águas de um rio bravo com o destino diverso de Diadorim: águas que rolam de “outra parte no sertão”. Diadorim, por saber que não pode concretizar seu amor por Riobaldo enquanto não concretizar sua vingança, sente e fala para o amigo que a separação entre eles é como se fosse um dever. Ocorre novamente o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS, o desejo de vingança por parte de Diadorim funciona como o antagonista que exerce uma força maior, impedindo que os dois amigos fiquem juntos.

Texto 34

Mas Diadorim, conforme diante de mim estava parado, reluzia no rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos – vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes como o de nenhum pasto. E tudo meio se sombreava, mas só de boa doçura. Sobre o que juro ao senhor: Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa... Reforço o dizer: que era belezas e amor, com inteiro respeito, e mais o realce de alguma coisa que o entender da gente por si não alcança.

Mas repeli aquilo. Visão arvoada. Como que eu estava separado dele por um fogueirão, por alta cerca de achas, por profundo valo, por larguez enorme dum rio em enchente. De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações? [...] p. 436-437

Esse trecho inicia com o contato entre os olhos de Riobaldo e Diadorim. Ocorre, então, o esquema de CONTATO, por metonímia, em que o jagunço aprecia a beleza dos olhos do amigo: “Os olhos – vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes como o de nenhum pasto.” Presente o esquema de EXCESSO: “cresciam sem beira.” O verde do olhar de Diadorim ultrapassa a beira do CONTÊINER que, aqui, é transformado em superfície dos olhos (SURFACE, cf. cap. IV). Riobaldo fica tão encantado com a beleza de Diadorim que vê a imagem de Nossa

Senhora da Abadia no lugar do amigo. Essa visão acaba provocando uma certa repulsão em Riobaldo. É, então, ativado o polo de repulsão do esquema de ATRAÇÃO / REPULSÃO. O jagunço então percebe que se encontra separado de Diadorim de modo irrevogável, por ele ser homem. Surgem duas metáforas de separação: uma fogueira e um rio largo em fase de enchente: “Como que eu estava separado dele por um fogueirão, por alta cerca de achas, por profundo valo, por larguez enorme dum rio em enchente.” É importante lembrar que Riobaldo não sabe nadar. E sua visão fica arvoada. **Arvoado** significa aquele que perdeu o juízo, está entontecido, desatinado. O verbo **arvoar** tem sua origem no Latim *herbulare* que significava dar ervas a alguém, deixando-o tonto. **Ervoar** passou a **arvoar**, por assimilação. Novamente, surge o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS: Riobaldo repele o amor por Diadorim, não entende como pode amar um homem.

Texto 35

[...] Ao por tanto, que se ia, conjuntamente, Diadorim e eu, nós dois, como já disse. Homem com homem, de mãos dadas, só se a valentia deles for enorme. Aparecia que nós dois já estávamos cavalhando lado a lado, par a par, a vai-a-vida inteira. Que: coragem – é o que o coração bate; se não, bate falso. Travessia – do sertão – a toda travessia. p.443

Aqui, Riobaldo encontra-se novamente ao lado de Diadorim. Ele gostaria de estar de mãos dadas com o amigo, mas, pelo fato de eles serem homens, não tem coragem para isso. O jagunço sente como se ele e Diadorim já estivessem juntos há muito tempo. Ocorre a projeção do estar perto um do outro fisicamente, no estar juntos durante a vida: “Aparecia que nós dois já estávamos cavalhando lado a lado, par a par, a vai-a-vida inteira.” Aparece o esquema de PERCURSO, fazendo uma nova projeção, a trajetória física no sertão se projeta na trajetória da vida. Novamente a metáfora da travessia: “Travessia – do sertão – a toda travessia.”

Texto 36

Daí, mesmo, que, certa hora, Diadorim se chegou, com uma avença. Para meu sofrer, muito me lembro. Diadorim, todo formosura.

– “Riobaldo, escuta: vamos na estreitez deste passo...” – ele disse; e de medo não tremia, que era de amor – hoje sei.

– “... Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto... Daí, quando tudo estiver repago e refeito, um segredo, uma coisa, vou contar a você...”

Ele disse, com o amor no fato das palavras. Eu ouvi. Ouvi, mas mentido. Eu estava longe de mim e dele. Do que Diadorim mais me disse, desentendi metade. p. 450

Diadorim, sentindo que está próximo o momento da luta final com “os Judas”, fala para Riobaldo que lhe vai revelar um segredo, quando a vingança for concretizada. Ocorre o esquema de PERCURSO: “vamos na estreitez deste passo” estruturando a metáfora da travessia perigosa, da guerra que se aproxima. Travessia do tempo que se aproxima projetada no espaço físico, acrescida do foco no destino: “nossa vingança vem perto.” Riobaldo, porém, naquele momento, não prestou atenção no que o amigo estava lhe falando, não deu a devida importância. Revelação que acabou não sendo feita por Diadorim e que Riobaldo irá descobrir de modo doloroso. Novamente o *leitmotiv* do não entendimento.

Texto 37

Sofreado de minha soberba, e o amor afirmante, eu senti o que queria, conforme declarado: que, no fim, eu casava desposado com Otacília – sol dos rios... Casava, mas que nem um rei. Queria, quis. – E Diadorim? – o senhor cuida. Ingratidão é o defeito que a gente menos reconhece em si? Diadorim – ele ia para uma banda, eu para outra, diferente; que nem, dos brejos dos *Gerais*, sai uma vereda para o nascente e outra para o poente, riachinhos que se apartam de vez, mas correndo, claramente, na sombra de seus buritizais... Outras horas, eu renovava a ideia: que essa lembrança de Otacília era muito legal e intruja; e que de Diadorim eu gostava com amor, que era impossível. É. Mire e veja: o senhor se entende? Deixe avante; conto. [...] p. 482

Riobaldo, nesse trecho, afirma que iria casar-se com Otacília, devido ao fato de que não podia fazer isso com Diadorim. O jagunço volta a afirmar que Diadorim e ele

percorriam PERCURSOS diferentes, dada a impossibilidade de ficarem juntos. Esses caminhos são metaforizados como “riachinhos”. O esquema de PERCURSO ocorre, com foco no início da trajetória, em que os dois amigos se encontram juntos, e no decorrer a trajetória se divide em dois caminhos diferentes: “Diadorim – ele ia para uma banda, eu para outra, diferente; que nem, dos brejos dos Gerais, sai uma vereda para o nascente e outra para o poente, riachinhos que se apartam de vez, mas correndo claramente, na sombra de seus buritizais...”

É interessante notar que Otacília é caracterizada como “sol dos rios”, ou seja: algo claro para ele, diferente da “neblina” que caracterizava seu relacionamento no “rio” que atravessava com Diadorim.

Texto 38

[...] Diadorim – mesmo o bravo guerreiro – ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume no pescoço: a lá, aonde se acabava e remansava a dureza do queixo, do rosto... Beleza – o que é? E o senhor me jure! Beleza, o formato do rosto de um: e que para outro pode ser decreto, é, para destino destinar... E eu tinha de gostar tramadamente assim, de Diadorim, e calar qualquer palavra. Ela fosse uma mulher, e à-alta e desprezadora que sendo, eu me encorajava: no dizer paixão e no fazer – pegava, diminuía: ela no meio de meus braços! Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos brios e armas? Mais em antes se matar, em luta, um o outro. E tudo impossível. Três-tantos impossível, que eu descuidei, e falei. – ... *Meu bem, estivesse dia claro, e eu pudesse espiar a cor de seus olhos...* –; o disse, vagável num esquecimento, assim como estivesse pensando somente, modo se diz um verso. Diadorim se pôs pra trás, só assustado. – *O senhor não fala sério!* – ele rompeu e disse, se desprazendo. “O senhor” – que ele disse. Riu mamente. Arrepio como recaí em mim, furioso com meu patetear. – *Não te ofendo, Mano. Sei que tu é corajoso...* – eu disfarcei, afetando que tinha sido brincadeira de zombarias, recompondo o significado. Aí, e levantei, convidei para se andar. Eu queria airar um tanto. Diadorim me acompanhou. p. 510-511

O trecho caracteriza-se pela atração física, sinestésica, de Riobaldo por Diadorim: ele sente vontade de beijar o pescoço do amigo, sentir seu perfume. Ocorre outra vez o polo atração do esquema de ATRAÇÃO / REPULSÃO. O jagunço, mesmo sabendo que seu amor é impossível, acaba dizendo algo que não deve para Diadorim; a

reação deste foi de espanto. Há o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS. Diadorim repele o desejo expresso por Riobaldo, constitui o antagonista que exerce uma força de repulsão maior (polo de repulsão do esquema de ATRACÃO / REPULSÃO) sobre a força de atração do agonista Riobaldo. Diadorim, dessa forma, quebra a mágica, o encanto de Riobaldo por ele.

Texto 39

[...] E a Mulher abanou brandamente a cabeça, consoante deu um suspiro simples. Ela me mal-entendia. Não me mostrou de propósito o corpo. E disse...

Diadorim – nu de tudo. E ela disse:

– “A Deus dada. Pobrezinha...”

E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor – e mercê peço: – mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d’arma, da coronha...

Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu soluzei meu desespero.

O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real.

Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremei, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrindo as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca. Adivinhava os cabelos. Cabelos que cortou com tesoura de prata... Cabelos que, no só ser, haviam de dar para baixo da cintura... E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo:

— “Meu amor!...”

Foi assim. Eu tinha me debruçado na janela, para poder não presenciar o mundo. [...] Ela tinha amor em mim. p.530-531

Nesse trecho, de suma importância no romance, ocorre a revelação, para Riobaldo, de que Diadorim era mulher. O jagunço só descobre a verdade depois da morte do amigo. Finalmente, ocorre o esquema de CONTATO físico. Riobaldo finalmente concretiza a vontade de beijar Diadorim, que, por ironia, está morta. Porém, mesmo sabendo que o amigo era na verdade mulher, antes desse contato físico, Riobaldo estende a mão para tocar Diadorim e não consegue, retirando as mãos. O esquema de DINÂMICA

MICA DE FORÇAS ocorre até mesmo nesse momento de revelação. Inicia-se com Riobaldo repelindo a vontade de tocar o amigo (antagonista), mas termina com a força maior do desejo de tocá-lo vencendo. “Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremeci, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrando as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca.”

É importante, a meu ver, pôr foco no trecho: “Diadorim – nu de tudo. E ela disse: — ‘A Deus dada. Pobrezinha...’ E disse.” Guimarães Rosa, como é seu costume, trabalha com nomes próprios de modo cifrado. Diadorim (ou Deodorina, seu nome de batismo) significa presente de Deus. Trata-se de um hibridismo: Deus + doro (= Deus em latim + doron em grego). Se fosse uma palavra inteira grega seria Theodoro (de *Theos* = Deus em grego). Nesse trecho final, o “presente de Deus” torna-se “presente a Deus”: “a Deus dada.”

Um outro fato importante é sugerido pelo trecho: “Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucua.” Novamente a figura do sol vencendo a neblina (como Otacília no trecho 37). Desfez-se a neblina pela ação do sol da verdade, mas num tempo tarde demais.

Texto 40

Desapoderei.

Aonde ia, eu retinha bem, mesmo na doidagem. A um lugar só: às *Veredas-Mortas*... De volta, de volta. Como se, tudo revendo, refazendo, eu pudesse receber outra vez o que não tinha tido, repor Diadorim em vida? O que eu pensei, o pobre de mim. Eu queria me abraçar com uma serrania? Mas, nessa parte, de muito mal me lembro, pelo revés em minha saúde. [...] p. 532

Após a morte de Diadorim, Riobaldo deseja voltar às *Veredas-Mortas*. Ocorre o esquema de PERCURSO simbolizando a necessidade que Riobaldo sente de percorrer novamente aqueles caminhos, em que estava junto de Diadorim. Esse esquema remete

à travessia de vida percorrida ao lado de Diadorim, que Riobaldo queria relembrar, fazendo o caminho fisicamente mais uma vez, como, se dessa forma, pudesse trazer o amigo de volta. Esse também foi o lugar do suposto pacto, que, de certa forma, selou o destino de Riobaldo e Diadorim, para vencerem, juntos, o bando do Hermógenes.

7.1 Riobaldo e Diadorim – encontros e desencontros nas imagens da travessia

Como vimos na seção 6, a travessia de um rio cuja superfície está coberta pela neblina é a metáfora-cenário dentro da qual se processa o relacionamento entre Riobaldo e Diadorim. O ponto de vista narrativo é o de alguém que, não sabendo nadar, faz a travessia em “canoa feita de madeira burra”, “uma bamba canoa”, “canoa afundadeira”.

Em todos os momentos de encontro entre os dois, ocorre o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS, CONTATO (metáfora primária de **calor é afeição**) e ATRAÇÃO / REPULSÃO. Apenas depois da morte de Diadorim, cessa a REPULSAO. Porque Diadorim está morto e não pode repelir e porque Riobaldo vê afastado o motivo fundamental de ter de conter-se: a igualdade presumida dos sexos.

O amor aparece contido em Diadorim — que tem a consciência muda de sua missão — e sempre em excesso em Riobaldo: esquema de CONTÊINER + EXCESSO: “meu amor inchou, de empapar todas as folhagens”; “se amor? Era aquele latifúndio”.

Os temas **travessia** e **neblina** perpassam grande parte dos encontros, pondo freio ao agonista Riobaldo: “Aquilo era a tristonha travessia. Água do rio que arrasta.”

7.2 A integração conceptual amorosa

Vimos na seção 5, em que tratamos da integração conceptual, que nem todos os elementos do frame do domínio de origem (ou *input* 1) são de fato integrados no espaço *blend*. Em “Diadorim é minha neblina”, por exemplo, o frame de neblina contém vapor d’água, cor branca, inconsistência física e obstáculo à visão. Apenas este último se integra a Diadorim. Os outros são desabilitados ou desintegrados. (cf. Bache, 2005 e Houggard, 2005).

Fazemos isso, quando dizemos algo como: **meu carro anda dando problema ou meu carro vive dando problema**. O frame de andar contém locomoção a pé e duração breve; o de viver, atividade biológica vital e duração longa. Quando utilizamos esses verbos como metáforas, integramos apenas o elemento **duração (breve ou longa)**, desabilitando / desintegrando os elementos locomoção a pé e atividade biológica vital.

Na construção do frame do amor físico, entram os elementos: afeição, atração física e contato sexual. Este último é metaforizado na tradição cultural da língua portuguesa em expressões como **ele a possuiu** ou **ele a conheceu**. Isso não acontece em **Grande Sertão:Veredas**, na relação Riobaldo e Diadorim. No contato físico entre os dois, a sexualidade é continuamente desintegrada. O agente dessa desintegração é a heterossexualidade de Riobaldo, pontuada não apenas pelo esquema da REPULSÃO, sempre presente, mas pelas muitas vezes em que ele se relaciona fisicamente com prostitutas durante a narrativa. Sua heterossexualidade, somada à não percepção, é, no romance, matéria-prima da construção da neblina, que o impede de ver a mulher que havia em Diadorim. Esse elemento do frame apenas não se desintegra em relação a Otacília, sua futura esposa, onde surge o sol no lugar da neblina: “eu casava desposado com Otacília — sol dos rios”. O que se desintegra aqui é o elemento paixão, presente na relação Riobaldo – Diadorim.

No momento final em que ambos os elementos poderiam ser integrados num contato solar entre os dois companheiros de travessia, Diadorim não está mais presente: “Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia.” O sol da verdade tinha nascido inutilmente, naquele dia, para os olhos de Riobaldo.

8 CONCLUSÃO

Acreditamos que a tarefa que propusemos na introdução deste trabalho foi cumprida. O que se pôde notar, e que a nosso ver é importante, foi a capacidade do modelo cognitivista em ter permitido, dentro de uma visão global da obra, destacar e descrever, gestalticamente, um de seus aspectos mais relevantes, ou seja, o relacionamento entre Riobaldo e Diadorim, no decorrer da metáfora da travessia.

A teoria da projeção de esquemas de imagem e da integração conceptual (*blending*) permitiu fixar o grande cenário desse relacionamento: o da travessia de um rio em meio à neblina, que principia, literalmente, no primeiro encontro de ambos (travessia física do rio São Francisco) e prossegue em sua projeção temporal até a última palavra do romance: travessia.

A abordagem sob um ponto de vista cognitivo das metáforas estruturadas, nos trechos escolhidos, principalmente pelos esquemas de PERCURSO, CONTATO e de DINÂMICA DE FORÇAS, permitiu a compreensão de um dos aspectos mais importantes de **Grande Sertão: Veredas**: o cerne do relacionamento entre Riobaldo e Diadorim, focalizado sob uma perspectiva diferente, por meio de uma abordagem cognitivista da linguagem literária.

Chegamos, dessa forma, à conclusão da não percepção de Riobaldo durante a travessia ao lado de Diadorim, estruturada pelo esquema de DINÂMICA DE FORÇAS, dentro do esquema de PERCURSO (estruturando a metáfora da travessia).

Podemos também concluir que a metáfora da travessia estrutura todo o romance e que constitui o cenário, a espinha dorsal da narrativa e que é estruturada, por sua vez, pelo esquema de PERCURSO.

Os esquemas de imagem constituem, portanto, ferramentas importantes para ajudar a compreender aspectos da linguagem literária e pode contribuir para o campo de pesquisa em Literatura.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. Linguagem humana: um sistema complexo. In: **Letras**: Campinas: PUC-Campinas, p. 14-17, 2006.
- Progressos da linguística cognitiva e níveis de análise linguística. **ALFA**: Revista de lingüística, vol. 47 (2) São Paulo: EDUNESP, p. 9-19, 2003.
- Metonímia: uma visão funcionalista. In: **Fala palavra**, Aracruz, ES: Facha, n° 2, p. 66-81, 2002.
- Metáfora: uma visão funcionalista. In: **Letras**, Campinas: PUC, vol. 19. n° 1 e 2, p. 95-108, 2000.
- ANDRADE, C.D. **Reunião**: 10 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- ARAÚJO, H.V. **O roteiro de Deus e A pedra brilhante**. Dois estudos sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Mandarim, 1996.
- ARRIGUCCI JR, D. **Guimarães Rosa e Góngora**: Metáforas, Achados e Perdidos. São Paulo: Polis, 1979.
- O mundo misturado: Romance e experiência em Guimarães Rosa. In: PIZZARRO, Ana (org.). **América Latina: Palavra, literatura e cultura**. Campinas: Memorial/Ed. da Unicamp, vol. 3, p. 447-477, 1979.
- ARROYO, L. **A cultura popular em “Grande Sertão: Veredas”**. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/ INL, 1984.
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. New York: Oxford University Press, 1965.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CASTRO, N. L. **Universo e vocabulário do “Grande Sertão”**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

COUTINHO, E. F. **Guimarães Rosa**. Seleções de textos de Eduardo de Faria Coutinho. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1983 (Coleção Fortuna Crítica, vol.6).

CROFT, W. & CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press: 2004.

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Tradução: Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DANIEL, M. L. **João Guimarães Rosa: Travessia Literária**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

DESCARTES, R. **Discurso do Método**. Tradução: Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____ **Meditações**. Tradução: Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

DODGE, E. & LAKOFF, G. Image schemas: from linguistic analysis to neural grounding. Em HAMPE, Beate. **From Perception to Meaning: image schemas in cognitive linguistics**. Berlin – New York, Mouton de Gruyter, 2005.

ECO, U. **A ilha do dia anterior**. São Paulo: Record, 1995.

EVANS, V. & GREEN, M. **Cognitive linguistics: an introduction**. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2006.

FAUCONNIER, G. & SWEETSER, E. (EDS.). **Spaces worlds and grammar**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

FAUCONNIER, G. & TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

——— **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

GALVÃO, W. N. **As formas do falso. Um estudo sobre a ambigüidade no “Grande Sertão: Veredas”**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GARBUGLIO, J. C. **O mundo movente de Guimarães Rosa**. São Paulo: Ática, 1972.

GIBBS JR., Raymond W. **The Poetics of Mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

GIBBS JR., Raymond W. The psychological status of image schemas. Em HAMPE, Beate. **From perception to meaning**: image schemas in cognitive linguistics. Berlin – New York: Mouton de Gruyter, 2005.

http://www.culturabrasil.pro.br/romeuejulieta/romeu_e_julieta.htm.

http://www2dbd.puc-rio.br/0610586_08_cap_03pdf.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_de_Montesquieu

http://pt.wikipedia.org/wiki/Luís_XVI_de_França

http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução_Francesa

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução: Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger, São Paulo: Nova Cultural, 1996.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

LAKOFF, G. & TURNER, M. **More than cool reason**: a field guide to poetic metaphor. Chicago: The University Chicago Press, 1989.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

——— **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R.W. **Foundations of cognitive Grammar**. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LEONEL, M. C. M. **Guimarães Rosa alquimista**: processo de criação do texto. Tese de Doutorado, inédita. São Paulo: USP, 1981.

LISBOA, H. **A poesia de “Grande Sertão: Veredas”**. Revista do Livro. Rio de Janeiro, dez, 1958.

MARQUES, O. Canto e plumagem das palavras. In: **Ensaio Escolhidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARTINS, N. S. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2001.

PEÑA, M. S. Dependency systems for image-schematic patterns in a usage-based approach to language. **Journal of Pragmatics** 40, 1041-1066, 2008.

PY, F. Estas estórias. In: Coutinho, E. F. (org.). **Guimarães Rosa**. Seleções de textos de Eduardo de Faria Coutinho. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1993 (Coleção Fortuna Crítica, vol.6).

ROSA, J.G. **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

——— **Sagarana**. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

——— **Ave, Palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

ROSCH, E. & MERVIS. Em Carolyn Family Resemblances: **Studies in the internal structure of categories**. *Cognitive Psychology*, 7:573-605.

ROSCH, E. SIMPSON, C, & MILLER, R. S. Structural. Em Bases of typicality effects. **Journal of experimental psychology: human perception and performance** 2:491-502.

ROSENFELD, K. H. **Os Descaminhos do Demo**: tradição e ruptura em “Grande Sertão: Veredas”. São Paulo: Imago/Edusp, 1993.

TALMI, Leonard. The fundamental system of spatial schemas in language. **From perception to meaning**: image schemas in cognitive linguistics. Berlin – New York: Mouton de Gruyter, 2005.

TURNER, M. **The artful mind**: cognitive science and the riddle of human creativity. Oxford: Oxford University Press, 2006.

——— **The literary mind:** the origins of thought and language. Oxford: Oxford University Press, 1996.

UTÉZA, F. **Metafísica do “Grande Sertão”**. Trad. José Carlos Garbuglio. São Paulo: Edusp, 1994.